UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Espaços *Multifaith* na sociedade contemporânea

Contributos para a conceção arquitetónica

Mário Igor Machado de Sá

Espaços *Multifaith* na sociedade contemporânea | 2025

Tese de Mestrado Integrado
em Arquitetura e Urbanismo

Orientação:
Professora Doutora Susana Milão
Professora Doutora Telma Ribeiro

Setembro, 2025

DAMG | UPT UNIVERSIDADE PORTUCALENSE
Do conhecimento à prática.

IMP.GE.260.0

Mário Igor Machado de Sá

Agradecimentos

Gostaria de expressar os meus mais profundos agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a realização desta dissertação e consequente conclusão do curso.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, pelo amor incondicional, apoio constante e investimento na minha formação académica. Sem a vossa dedicação e sacrifício, eu nunca teria chegado até aqui. Vocês sempre acreditaram no meu potencial, proporcionando-me as oportunidades necessárias para que eu pudesse alcançar os meus objetivos. Sou eternamente grato por tudo o que fizeram e continuam a fazer por mim.

À minha mulher, pelo amor, paciência e compreensão. Que esteve ao meu lado nos momentos de maior dificuldade e foi uma fonte inesgotável de motivação e encorajamento.

Agradeço também à minha família em geral, pelo suporte emocional e pelo incentivo de seguir em frente e nunca desistir. Uma base sólida em todos os momentos da minha vida. Aos meus amigos, pelo companheirismo e pelas palavras motivadoras.

Por fim, quero agradecer a todos os meus professores, pela dedicação, orientação e apoio ao longo de todo o curso. Cada um de vocês contribuiu de maneira significativa para a minha formação académica e profissional, e serei eternamente grato por todo o conhecimento e sabedoria compartilhados.

A todos, o meu sincero e profundo agradecimento.

Resumo

A arquitetura espiritual na sociedade contemporânea enfrenta um desafio premente: conceber espaços de introspeção e encontro que promovam a paz, a harmonia e a superação das desigualdades humanas. Este desafio torna-se particularmente relevante num contexto marcado pela globalização, pela mobilidade e pela crescente diversidade religiosa e cultural, que exigem novas formas de convivência e de expressão do sagrado. A pluralidade contemporânea transforma a vivência espiritual, deslocando-a de contextos monorreligiosos para espaços partilhados, onde o diálogo inter-religioso se torna essencial. Embora o conceito e o programa arquitetónico dos espaços *multifaith* sejam ainda relativamente recentes, a literatura científica sobre o tema permanece escassa, revelando uma lacuna significativa no conhecimento e a necessidade de refletir criticamente sobre como criar, de forma consciente e sustentada, este tipo de lugares. Neste enquadramento, a presente investigação procura identificar contributos essenciais para a correta conceção e execução de espaços de culto *multifaith*, com especial enfoque no contexto português, onde este tipo de programa arquitetónico permanece praticamente inexplorado, pretendendo, assim, oferecer uma base concetual e orientadora que possa apoiar futuras práticas projetuais e académicas.

Os objetivos centrais da dissertação focam-se em identificar e analisar as características arquitetónicas de diferentes tradições religiosas, a fim de compreender elementos tangíveis e intangíveis dos espaços de culto, e apontar orientações para a conceção arquitetónica de espaços *multifait*h, capazes de responder de forma adequada às necessidades espirituais de comunidades diversas.

Para alcançar estes objetivos, foi adotado um método de investigação baseado em múltiplos estudos de caso, de natureza comparativa, centrando-se em diferentes tipologias de espaços religiosos: monorreligiosos, inter-religiosos e *multifaith*. A recolha de dados foi sustentada por fontes bibliográficas especializadas.

A análise dos estudos de caso foi conduzida através de um modelo de análise qualitativa, apoiado em categorias e critérios previamente definidos: lugar, espaço e forma, ornamentação, cor, materialidade, textura, plasticidade, escala humana, tectónica e tipologia.

Os resultados alcançados evidenciam que a conceção de espaços de culto *multifaith* exige um equilíbrio entre a neutralidade arquitetónica e a capacidade de acolhimento simbólico. Conclui-se que estes ambientes podem constituir-se como plataformas de encontro espiritual e social, fundamentais para a construção de sociedades inclusivas e harmoniosas. A investigação contribui, assim, para o avanço do debate académico e profissional sobre a arquitetura espiritual contemporânea, propondo orientações práticas para projetos que pretendam responder à diversidade cultural e religiosa do nosso tempo.

Palavras-Chave:

Espaços *Multifaith;* Arquitetura espiritual; Arquitetura sagrada; Arquitetura religiosa; Rituais; Multiculturalidade.

Abstract

Spiritual architecture in contemporary society faces a pressing challenge: to conceive spaces of introspection and encounter that promote peace, harmony, and the overcoming of human inequalities. This challenge becomes particularly relevant in a context marked by globalization, mobility, and the growing religious and cultural diversity that demand new forms of coexistence and expressions of the sacred. Contemporary plurality transforms spiritual experience, shifting it from monoreligious contexts to shared spaces where interreligious dialogue becomes essential. Although the concept and architectural program of multifaith spaces are still relatively recent, scientific literature on the subject remains scarce, revealing a significant gap in knowledge and the need to critically reflect on how to consciously and sustainably create such places. Within this framework, the present research seeks to identify key contributions for the proper conception and implementation of multifaith worship spaces, with a particular focus on the Portuguese context, where this type of architectural program remains largely unexplored, thus aiming to provide a conceptual and guiding basis to support future design practice and academic research.The central objectives of this dissertation focus on identifying and analyzing the architectural characteristics of different religious traditions, in order to understand both tangible and intangible elements of worship spaces, and to provide guidelines for the architectural design of multifaith spaces capable of adequately responding to the spiritual needs of diverse communities.

To achieve these objectives, a research method based on multiple comparative case studies was adopted, focusing on different typologies of religious spaces: monoreligious, interfaith, and multifaith. Data collection was supported by specialized bibliographic sources.

The analysis of the case studies was conducted through a qualitative analytical model, supported by categories and criteria previously defined: place, space and form, ornamentation, color, materiality, texture, plasticity, human scale, tectonics, and typology.

The results demonstrate that the design of multifaith worship spaces requires a balance between architectural neutrality and symbolic inclusiveness. It is concluded that these environments can serve as platforms for spiritual and social encounters, fundamental to the construction of inclusive and harmonious societies. This research thus contributes to advancing the academic and professional debate on contemporary spiritual architecture, proposing practical guidelines for projects that seek to respond to the cultural and religious diversity of our time.

Keywords:

Multifaith Spaces; Spiritual architecture; Sacred architecture; Religious architecture; Rituals; Multiculturality.

Índice

CAPITULO I - INTRODUÇAO 12
1.1. Justificação da problemática e do objeto de estudo 13
1.2. Objetivos da dissertação e a sua fundamentação 14
1.3. Métodos científicos de investigação aplicados 15
1.4. Fundamentação da estruturação de conteúdos 15
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 18
2.1. Do espaço sagrado ao espaço Multifaith 19
2.2. A espiritualidade na arquitetura 23
2.3. Espaço neutro e o espaço resultante do ritual litúrgico 27
CAPÍTULO III - Evolução dos espaços arquitetónicos religiosos em Portugal 32
3.1. Ritos de transição à entrada dos espaços sagrados 33
3.2. Centro de espaço litúrgico e assembleia 40
3.3. Outros elementos simbólicos e funcionais 43
CAPÍTULO IV - APLICAÇÃO DA METODOLOGIA 50
4.1. Estudos de caso 51
4.2. Grupo I - Monorreligiosas 53
4.2.1. Eero Saarinen | MIT Chapel - Massachusetts, Estados Unidos da América 53
4.2.2. Álvaro Siza Vieira | Igreja de Santa Maria - Marco de Canaveses, Portugal 59
4.3. Grupo II - Inter-religiosas 67
4.3.1. Max Abramovitz | Brandeis Chapels - Massachussetts, Estados Unidos da América 67
4.3.2. Adjaye Associates | Abrahamic Family House - Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos 73
4.4. Grupo III - Multifaith 81
4.4.1. Moshe Safdie | The Class of 1959 Chapel - Massachusetts, Estados Unidos da América 81
4.4.2. ACM & Aeroporto de Lisboa | Sala multifaith no aeroporto de Lisboa - Lisboa, Portugal 87
CAPÍTULO V - CORRELAÇÃO 92
5.1. Da teoria à prática: continuidade e ruturas 93
5.2. O espaço neutro em confronto com o espaço ritualizado 94
5.3. A questão do enraizamento cultural 95
5.4. Implicações para a prática arquitetónica contemporânea 97
CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS 102
6.1. Síntese de contributo para o conhecimento 103
6.2. Resposta aos objetivos da dissertação 104
6.3. Reflexão crítica 109
Referências bibliográficas 112
Índice de figuras e imagens 118
Anexos 126



CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1. Justificação da problemática e do objeto de estudo

A arquitetura desempenha um papel fundamental na conceção de espaços de culto, configurando ambientes que vão para além da função litúrgica ao incorporar dimensões de contemplação, convivência e identidade coletiva. No contexto contemporâneo, marcado pela crescente diversidade religiosa e cultural, evidencia-se a necessidade de espaços que promovam a paz, harmonia e inclusão, tornando-se especialmente relevante investigar como a arquitetura pode responder, de forma integrada, às exigências de programas *multifaith*, articulando tradição, simbolismo e funcionalidade em estruturas que acolham múltiplas práticas religiosas.

Neste cenário, surge a problemática da arquitetura espiritual, especialmente no contexto de sociedades cada vez mais multiculturais e sobretudo multi-religiosas. A presente dissertação propõe-se a investigar como a arquitetura pode conceber e implementar espaços de culto, capazes de transcender possíveis barreiras religiosas e culturais, acolhendo a diversidade de expressões espirituais de forma inclusiva.

Apesar da relevância desta questão, a literatura científica sobre espaços *multifaith* é ainda escassa, tanto a nível internacional como, sobretudo, no contexto português. O debate académico tem privilegiado o estudo de tipologias tradicionais de culto — igrejas, mesquitas, sinagogas ou templos — mas raramente aborda de forma sistemática a arquitetura de lugares concebidos para a oração e introspeção inter-religiosa. Nos últimos anos, países como Portugal têm experienciado um crescimento significativo do fluxo imigratório, o que resulta na formação de sociedades cada vez mais diversas. Este fenómeno apresenta desafios e oportunidades para a arquitetura, que deve contribuir com soluções espaciais que não apenas consintam, mas celebrem a diversidade religiosa e cultural.

Esta investigação em arquitetura revela o papel estratégico dos espaços de culto *multifaith* enquanto resposta às dinâmicas sociais e culturais da contemporaneidade. O estudo destes espaços permite compreender de que forma a arquitetura pode contribuir para a coexistência harmoniosa de diferentes tradições espirituais num mesmo ambiente construído. A análise crítica deste tipo de espaços evidencia o seu potencial enquanto meios de ligação arquitetónicos que não apenas minimizam a segregação religiosa, mas também promovem o respeito mútuo, o diálogo inter-cultural e a inclusão social. Neste sentido, os espaços de culto *multifaith* configuram-se como objeto de estudo relevante para refletir sobre o papel da arquitetura na mediação entre diversidade religiosa e coesão comunitária.

O trabalho procura não apenas identificar e analisar as principais caraterísticas arquitetónicas de espaços religiosos de diferentes tradições, mas também explorar e sistematizar orientações para a criação de espaços *multifaith*. Nesse sentido, assume-se como um contributo inovador, particularmente no contexto português, onde o debate em torno da arquitetura *multifaith* é praticamente inexistente, apesar da crescente diversidade cultural e religiosa do país. Ao destacar a pertinência deste tema, esta investigação responde a uma necessidade premente: a de propor uma reflexão crítica e fundamentada que sirva de base à conceção de lugares espirituais que promovam o diálogo, a paz e a convivência plural. Mais do que colmatar uma lacuna bibliográfica, a dissertação pretende abrir caminho para um campo de estudo ainda emergente, dando-lhe consistência académica e utilidade prática no exercício da arquitetura. No presente trabalho, opta-se por manter o termo *multifaith* em língua inglesa, uma vez que não existe em português uma tradução que abarque de forma precisa o seu significado concetual. O termo é amplamente utilizado na literatura internacional para designar espaços concebidos para acolher práticas de

diferentes tradições religiosas de forma neutra, sem representação ou privilégio de nenhuma em particular. Assim, o uso do termo assegura rigor terminológico e coerência com o enquadramento teórico e bibliográfico da investigação.

1.2. Objetivos da dissertação e a sua fundamentação

A diversidade religiosa e cultural que caracteriza a sociedade contemporânea impõe à arquitetura um desafio que ultrapassa a mera função utilitária do espaço: o de conceber ambientes que acolham a pluralidade espiritual sem comprometer a autenticidade das diferentes tradições. Neste cenário, a ausência de referências consolidadas na literatura académica sobre espaços *multifaith* revela uma lacuna significativa, tanto a nível teórico como prático, que exige reflexão crítica e sistematização. A investigação aqui desenvolvida surge, portanto, como uma tentativa de responder a esse vazio, procurando articular a dimensão simbólica, espiritual e arquitetónica na criação de lugares que possam promover a coexistência pacífica e a introspeção individual.

Com efeito, ao analisar a evolução histórica dos espaços religiosos e a emergência de propostas *multifaith*, torna-se evidente a necessidade de identificar parâmetros arquitetónicos que permitam compreender como diferentes tradições materializam a sua relação com o sagrado.

Assim, a definição dos objetivos desta dissertação não se limita a um exercício formal de investigação, mas assume-se como uma resposta direta aos desafios colocados pela realidade multicultural e pela procura de novos modelos arquitetónicos. Deste modo, os objetivos centrais da presente dissertação são formulados nos seguintes termos:

1. Definir características arquitetónicas em espaços de culto de diferentes religiões, e de espaços *multifaith*, e identificar os seus elementos tangíveis e intangíveis.
2. Determinar orientações para a conceção arquitetónica de espaços *multifaith*.

A base destes objetivos reside na procura por desenvolver lugares sagrados que possam ir além das limitações impostas por diferentes tradições religiosas, constituindo um importante desafio para a arquitetura contemporânea. A pluralidade de crenças e práticas espirituais exige abordagens espaciais inovadoras, que respeitem a individualidade e, ao mesmo tempo, possibilitem a convivência harmoniosa. A investigação procura estudar e compreender soluções arquitetónicas que conciliem simbolismos universais e elementos adaptáveis, promovendo um ambiente acolhedor e inclusivo para diferentes tradições religiosas. Além disso, a escassez de orientações concretas para a conceção de espaços *multifaith* representa uma lacuna no conhecimento académico e profissional. Deste modo, esta dissertação pretende estabelecer uma base teórica e metodológica que contribua para a prática arquitetónica, permitindo o desenvolvimento de projetos fundamentados em princípios de acessibilidade e flexibilidade espacial.

Neste enquadramento, a presente dissertação não se limita a uma reflexão teórica sobre os espaços de culto e a espiritualidade na arquitetura, mas procura oferecer um contributo inovador e prático para o campo disciplinar. Através da análise comparativa de casos de estudo nacionais e internacionais e da correlação com a fundamentação teórica, o trabalho culmina na elaboração de um quadro de diretrizes para a conceção de espaços *multifaith*. Este quadro sistematiza princípios arquitetónicos, simbólicos e sensoriais, funcionando como uma ferramenta orientadora para arquitetos e instituições que enfrentem o desafio de criar lugares espirituais inclusivos. Desta forma, o estudo assume uma relevância não apenas académica, ao preencher uma lacuna de

investigação, mas também profissional, ao propor orientações concretas que podem ser aplicadas em contextos reais.

1.3. Métodos científicos de investigação aplicados

Para alcançar os objetivos delineados nesta dissertação, foi adotado um método de investigação baseado em múltiplos estudos de caso, com abordagem comparativa. Os critérios de seleção dos casos incluíram espaços de culto, espaços religiosos e sagrados, bem como espaços *multifaith*, subdivididos em grupos estratégicos (mono-religiosos, inter-religiosos e *multifaith*) permitindo uma análise diversificada e abrangente.

Os dados obtidos foram analisados por meio de um modelo de análise qualitativa, centrada na compreensão profunda de fenómenos complexos a partir da interpretação de dados não numéricos. Este tipo de abordagem privilegia a análise de significados, perceções, relações sociais e contextos culturais, sendo especialmente adequada para explorar dimensões subjetivas, simbólicas e fenomenológicas dos espaços arquitetónicos. A análise qualitativa permitiu examinar os comportamentos dos utilizadores no espaço, como diferentes tradições religiosas se apropriam dele e de que forma os elementos arquitetónicos refletem valores, identidades e práticas rituais.

Os critérios de análise utilizados para o estudo foram: lugar, espaço e forma, ornamentação, cor, materialidade, textura, plasticidade, escala humana, tectónica e tipologia. Estes critérios visaram averiguar os níveis de emoção e sensorialidade[1] despertados pelos edifícios e assim fornecer uma base sólida para responder aos objetivos propostos, para que este estudo se proponha a enriquecer o debate teórico em torno das práticas espaciais associadas à pluralidade religiosa.

A recolha de informação foi conduzida através de diferentes técnicas, incluindo a análise documental de fontes escritas e não escritas. As fontes escritas utilizadas englobam documentos não oficiais, como publicações, artigos de imprensa, projetos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e livros, bem como fontes oficiais, como documentos de arquivo. Paralelamente, as fontes não escritas consideradas incluem desenhos arquitetónicos, fotografias e imagens. Além disso, foram aplicadas técnicas complementares, como a observação sistemática *in situ*, sempre que possível, e a observação indireta para os casos em que o acesso físico não foi viável. Estas técnicas foram complementadas por notas de campo e registos pessoais garantindo uma abordagem metodológica ampla.

1.4. Fundamentação da estruturação de conteúdos

A organização desta dissertação resulta da necessidade de articular, de forma progressiva e coerente, os diferentes planos de análise que sustentam a problemática proposta. A estrutura dos capítulos foi concebida com o objetivo de conduzir o leitor a estabelecer uma narrativa lógica e cientificamente fundamentada.

O Capítulo I (introdução) estabelece o enquadramento inicial, apresentando a justificação da problemática e do objeto de estudo, os objetivos e a sua fundamentação, bem como a descrição dos métodos científicos de investigação aplicados. Este primeiro momento cumpre, assim, a função de situar o leitor relativamente às motivações e à relevância académica e social da investigação, esclarecendo igualmente os caminhos metodológicos que estruturam o percurso do trabalho.

[1] qualidade de ser percebido pelos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar).

O Capítulo II (fundamentação teórica) constitui a base concetual do estudo. Neste capítulo procede-se à revisão da literatura e à construção de uma matriz teórica sobre a qual assenta a análise posterior. A passagem do "espaço sagrado" ao "espaço *multifaith*" permite contextualizar historicamente e filosoficamente a evolução do conceito, ao passo que a reflexão sobre a espiritualidade na arquitetura aprofunda a dimensão fenomenológica e experiencial do espaço construído. Por fim, a discussão sobre o espaço neutro e o espaço resultante do ritual litúrgico introduz a problemática central relativa às tensões entre identidade, neutralidade e pluralidade religiosa.

O Capítulo III (evolução dos espaços arquitetónicos religiosos em Portugal) estabelece a ponte entre a fundamentação teórica e a realidade concreta. Nele são analisados os elementos fundamentais que caracterizam a experiência arquitetónica dos espaços religiosos, com particular atenção aos ritos de transição, ao centro do espaço litúrgico e assembleia, bem como a outros elementos simbólicos e funcionais. A escolha de Portugal como contexto de análise responde à necessidade de compreender de que modo a especificidade cultural e histórica do território condiciona ou potencia a transformação dos espaços religiosos no sentido de maior abertura e pluralidade.

O Capítulo IV (estudos de caso) representa o núcleo empírico da investigação. Através da análise detalhada de exemplos concretos, procura-se observar como as premissas teóricas e históricas se concretizam, se transformam ou se contradizem na prática arquitetónica contemporânea. Este capítulo fornece evidências para a construção de uma leitura crítica, servindo como laboratório de observação e comparação.

O Capítulo V (correlação) assume um caráter interpretativo e integrador, relacionando os dados recolhidos nos capítulos anteriores. Aqui procuram-se identificar padrões, divergências e convergências entre a teoria e a prática, tradição e contemporaneidade, sacralidade e neutralidade. É neste ponto que se clarificam as contribuições originais da investigação, situando-as no debate académico mais amplo.

Por fim, o Capítulo VI (considerações finais) sintetiza os principais resultados, apresentando conclusões gerais e específicas. Além de responder diretamente aos objetivos delineados no Capítulo I, este último momento abre ainda perspetivas para futuras investigações, reconhecendo os limites da dissertação e sugerindo novos caminhos de exploração. Deste modo, a estrutura da dissertação não resulta de uma divisão meramente formal, mas da necessidade de construir um percurso argumentativo sólido: inicia-se com a problematização e os fundamentos metodológicos, desenvolve-se com a revisão teórica e a contextualização histórica, concretiza-se com os estudos de caso e culmina na síntese interpretativa que dá resposta às questões de partida.

Este capítulo permitiu enquadrar a problemática da arquitetura espiritual contemporânea, apresentando as motivações, objetivos e metodologia que orientam esta investigação. Ao reconhecer a escassez de estudos sobre os espaços de culto *multifaith*, a dissertação propõe-se a preencher uma lacuna significativa, integrando dimensões arquitetónicas, culturais e espirituais. Assim, o capítulo seguinte estabelece a base teórica e conceptual necessária para compreender o espaço sagrado enquanto fenómeno simbólico e experiencial, aprofundando o diálogo entre arquitetura, espiritualidade e multiculturalidade, que sustentará todo o desenvolvimento da investigação.



CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Do espaço sagrado ao espaço *Multifaith*

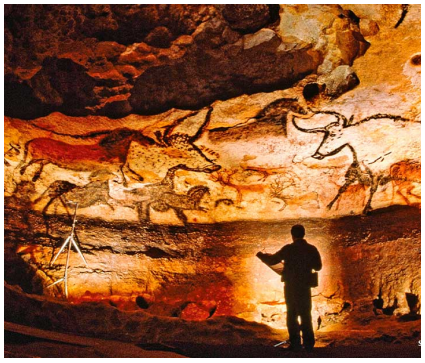


Figura 1 - Caverna Lascaux

Partindo das questões delineadas na introdução, este capítulo dedica-se à construção de uma base teórica que sustente a investigação. A análise da literatura especializada permite compreender a evolução do conceito de espaço sagrado, desde as suas raízes fenomenológicas e simbólicas até às abordagens contemporâneas que exploram a espiritualidade como dimensão experiencial da arquitetura. São ainda abordados autores que refletem sobre o papel da luz, da materialidade e da escala humana na criação de atmosferas espirituais, fornecendo o enquadramento necessário para a reflexão sobre os espaços de culto *multifaith*.

O conceito de "espaço sagrado" é uma constante antropológica que atravessa culturas, épocas e sistemas de crenças. Desde as primeiras civilizações, o ser humano procurou criar lugares diferenciados do quotidiano, marcados por uma dimensão simbólica que remete para a transcendência. Mircea Eliade (1959) descreve o espaço sagrado como um ponto de interseção entre o mundo humano e o divino, onde se rompe a homogeneidade do espaço profano. Tal como refere, a sacralidade não é uma qualidade intrínseca de um lugar, mas sim uma construção cultural e simbólica que resulta de ritos, narrativas e práticas coletivas.



Figura 2 - Stonehenge

No campo da arquitetura, o espaço sagrado caracteriza-se pela sua capacidade de materializar uma visão cósmica de comunidade, funcionando simultaneamente como local de culto e de identidade coletiva (Kilde, 2008). Essa identidade pode manifestar-se através de elementos arquitetónicos formais (como a orientação, proporção e materiais) e de componentes imateriais (como o som, a luz e a forma de ocupação do espaço). A materialização de espaços sagrados acompanha a evolução das sociedades humanas. Nos tempos pré-históricos, as cavernas utilizadas para rituais, como as de *Lascaux*[1] (figura 1), ou círculos megalíticos, como *Stonehenge*[2] (figura 2), já evidenciavam a intenção de criar um lugar distinto, separado do uso quotidiano (Parker Pearson, 2012). Nas primeiras cidades-Estado da Mesopotâmia e do Egito, ilustrada na figura 3, templos monumentais assumiram um papel central na organização urbana, refletindo a ligação entre poder político e poder religioso (Kemp, 2006).



Figura 3 - Mesopotâmia

[1] complexo de cavernas no sudoeste da França com pinturas rupestres do Paleolítico Superior.

[2] círculo de pedras pré-histórico na Inglaterra, pode ter sido um local de rituais e cerimónias, com alinhamentos solares e lunares sugerindo um significado espiritual.

A Antiguidade Clássica introduziu a noção de templos formalmente estruturados para abrigar a imagem da divindade, mas o culto processional frequentemente realizava-se no exterior. Com o advento do Cristianismo, o espaço sagrado adquiriu um caráter mais comunitário, centrado na assembleia eucarística. A planta basilical, herdada da arquitetura romana, tornou-se o paradigma para as igrejas cristãs (Krautheimer, 1986).



Figura 4 - Santuário de Fátima

No Islão, o surgimento da mesquita no século VII d.C. estabeleceu um espaço funcionalmente voltado para a oração coletiva, com elementos essenciais como o *mihrab*[1] e o *minbar*[2]. No Judaísmo, a sinagoga consolidou-se como local de reunião, estudo e oração, com foco na centralidade da Torá[3].
Carlos Martí Arís (1993) aborda de maneira profunda a questão dos rituais e como estes podem ser refletidos na arquitetura. Martí (1993) sugere que os rituais são fundamentais para a compreensão de como os espaços são habitados e dotados de significado. Ele argumenta que a arquitetura é uma construção ritualizada do espaço e que o sucesso de um espaço depende da sua capacidade de acomodar e intensificar os rituais quotidianos e espirituais dos utilizadores. Segundo Martí (1993):



Figura 5 - Mesquita de Meca

> "Todo o ritual refere-se a uma forma, e essa operação através da qual a atividade assume uma forma estável constitui a arquitetura. Daí a profunda ligação que une a arquitectura ao ritual, não só nas culturas tradicionais em que a organização do espaço é um reflexo transparente de um ritual referente à ordem cosmológica, mas também no mundo moderno em que, mesmo tendo perdido a arquitetura a sua antiga sacralidade, as atitudes do homem continuam ligadas a raízes antropológicas." (Martí, 1993, p. 87).

Christian Norberg-Schulz (1979) afirma que "(...) o ambiente influencia os seres humanos, e isso implica que o propósito da arquitetura transcende a definição dada pelo antigo funcionalismo" (Norberg-Schulz, 1979, p. 5). Segundo o autor, a arquitetura espiritual visa criar espaços que conectem as pessoas com algo transcendente, e o lugar tem um impacto crucial no desenvolvimento da proposta. Juhani Pallasmaa (2012) destaca a importância da materialidade e da fenomenologia na arquitetura, afirmando que "a experiência



Figura 6 - Sinagoga Ben Ezra Egipto

[1] termo que designa um nicho em forma de abside numa mesquita. Tem como função indicar a direção da cidade de Meca.

[2] púlpito numa mesquita, geralmente com alguns degraus, onde o imame se senta para proferir o sermão.

[3] livro sagrado fundamental do judaísmo, contendo as histórias da criação, as leis e os mandamentos que guiam a vida dos judeus.



Figura 7 - Espaço sagrado na Universidade Northeastern

sensorial do espaço é crucial para evocar uma resposta espiritual" (Pallasmaa, 2012, p. 78).

O crescente pluralismo religioso nas sociedades contemporâneas tem suscitado a necessidade de repensar os espaços dedicados à prática espiritual, a fim de acolher múltiplas crenças e rituais. Sendo que neste contexto, os espaços *multifaith* surgem como uma resposta arquitetónica e social, promovendo a coexistência pacífica e o diálogo entre diferentes tradições religiosas. O multiculturalismo, neste cenário, amplia a sua complexidade ao exigir que a arquitetura respeite, e acomode rituais e expressões religiosas diversas, sem, no entanto, sacrificar a profundidade espiritual ou o caráter simbólico dos espaços. Tariq Modood (2013) enfatiza esta temática, "vai além da simples coexistência de diferentes culturas, envolve o reconhecimento ativo e a valorização dessas diferenças" (Modood, 2013, p. 87). A ciência das religiões, enquanto disciplina académica, contribui para a compreensão das diferenças e semelhanças entre tradições, permitindo identificar requisitos essenciais para o culto.

Tal conhecimento é fundamental para a conceção de espaços *multifaith*. Por exemplo, a necessidade da orientação ou o uso de objetos rituais específicos são dados centrais para o desenho inclusivo (Smart, 1998).

O conceito de "espaço *multifaith*" refere-se a lugares concebidos para acolher diferentes tradições religiosas, oferecendo condições para a prática de múltiplos ritos, sem impor uma iconografia confessional fixa (Beaumont & Baker, 2011). Estes espaços, como ilustrado na figura 7, emergem como resposta arquitetónica à diversidade contemporânea, sendo mais comuns em universidades, aeroportos, hospitais e outros contextos institucionais.



Figura 8 - Sala *multifaith* no aeroporto de Heathrow

Andrew Crompton (2013) critica a abordagem minimalista que caracteriza muitos espaços *multifaith* contemporâneos, referindo que o seu desenho permite dividir, ao invés de incluir. O autor menciona que esses ambientes falham em alcançar uma unidade espiritual profunda entre diferentes religiões, o que levanta a questão sobre se tais espaços podem ser verdadeiramente sagrados. Ele argumenta que a neutralidade arquitetónica pode resultar em espaços estéreis, incapazes de promover uma verdadeira conexão espiritual. A ausência de símbolos, materiais ou orientações que remetam a qualquer tradição pode, paradoxalmente, esvaziar o espaço de transcendência, reduzindo-o a um mero exercício de tolerância formal.

Tal abordagem implicaria compreender o espaço não como neutralidade absoluta, mas como território de encontro e ressonância entre diferentes modos de experienciar o divino. O autor descreve estes espaços da seguinte forma:

> "Geralmente são espaços mundanos sem aura cuja forma mais característica é uma sala branca vazia. Para não serem significativos de forma inadequada, utilizam materiais banais, evitam a ordem e a regularidade e são o equivalente arquitetónico do ruído ambiente" (Crompton, 2013, p. 474).

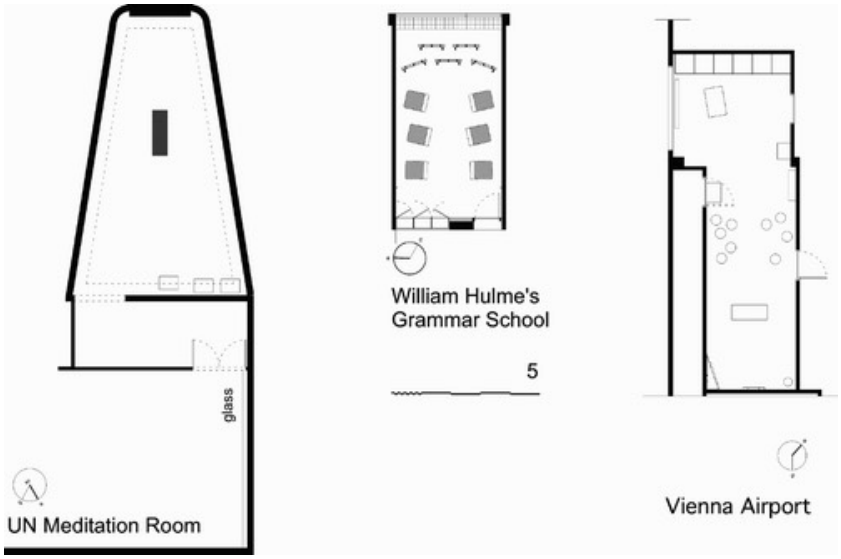


Figura 9 - Planos dos primeiros espaços sagrados partilhados na contemporaneidade

Terry Biddington (2020) explora o conceito, a história e os desafios dos espaços multi-religiosos contemporâneos. Ele analisa como esses locais têm sido usados para acomodar múltiplas práticas de fé em ambientes compartilhados, como universidades, aeroportos e hospitais. Biddington examina as complexidades arquitetónicas, teológicas, sociais e legais envolvidas na criação destes espaços, destacando o potencial deles para promover o diálogo e a empatia entre diferentes comunidades religiosas. A criação de espaços *multifaith* impõe desafios significativos à arquitetura contemporânea, que deve conciliar a diversidade cultural e religiosa com a preservação da profundidade espiritual e do caráter simbólico desses ambientes.

O multiculturalismo, conforme discutido por Modood (2013), não se limita à coexistência de diferentes práticas, mas procura um reconhecimento ativo dessas diferenças, algo que se deve refletir na conceção arquitetónica. No entanto, como aponta Crompton (2013), o excesso de neutralidade presente em muitos destes espaços pode conduzir a ambientes áridos e

destituídos de dimensão espiritual, acabando por prejudicar a sua capacidade de proporcionar uma experiência significativa aos utilizadores. Por outro lado, autores como Martí (1993) e Norberg-Schulz (1979) destacam a relação intrínseca entre o espaço e o ritual, enfatizando que a arquitetura deve ser capaz de acomodar e intensificar os rituais espirituais para ser verdadeiramente eficaz.

A dimensão sensorial, abordada por Zumthor (2006), Elkins (2022) e Pallasmaa (2012), também desempenha um papel central na criação de atmosferas que evocam uma conexão transcendente e espiritual. Esses autores argumentam que a arquitetura espiritual vai além da funcionalidade e envolve uma experiência multissensorial que conecta os indivíduos ao espaço de maneira profunda e emocional.

2.2. A espiritualidade na arquitetura



Figura 10 - Templo Bahai

A espiritualidade na arquitetura não coincide necessariamente com a sacralidade confessional, embora frequentemente com ela dialogue. Se, como discutido no ponto anterior, o "espaço sagrado" se funda na rutura com a homogeneidade do profano e na intensificação de sentidos e símbolos (Eliade, 1959), a espiritualidade na arquitetura pode manifestar-se em diferentes regimes de uso (do culto formal a situações seculares) sempre que a organização do espaço, da luz, da matéria e do tempo convoca uma experiência de presença, significado e transcendência. Rudolf Otto (Otto, 1958) designou por numinoso[1] essa qualidade que suscita, a um só tempo, fascínio e temor reverente (*mysterium tremendum et fascinans*), uma vibração existencial que pode ser mediada por ambientes construídos capazes de amplificar a atenção, o silêncio e a abertura ao outro.

Na filosofia do "habitar", Martin Heidegger (Heidegger, 1971) aproximou "construir" e "habitar" como operações co-extensivas: construir só ganha sentido quando sustenta o habitar, isto é, quando permite instaurar um modo de estar no mundo enraizado na pertença e no cuidado. Essa intuição encontra desdobramento, no campo disciplinar, na fenomenologia arquitetónica de Christian Norberg-Schulz (Norberg-Schulz, 1980), para quem a obra deve tornar legível o "*genius loci*[2]", clarificando os significados do lugar através da forma, da orientação e da matéria. A espiritualidade emergiria, então, tanto da ancoragem (pertencer a um sítio, a uma

[1] algo que provoca um sentimento de maravilha, mistério e temor, geralmente relacionado ao sagrado ou ao sobrenatural.

[2] "espírito do lugar", caráter único e a personalidade de um local, moldados pela sua história, cultura, geografia e pelos elementos físicos.

tradição, a uma comunidade) quanto da abertura (acolher o inesperado, escutar o tempo e a luz).

Mais do que uma propriedade abstrata, a espiritualidade é vivida corporalmente. A fenomenologia de Merleau-Ponty (Merleau-Ponty, 2012) recorda que percebemos com um corpo situado; a experiência arquitetónica é sempre encarnada, multissensorial e temporal.

Nessa linha, Steven Holl, Juhani Pallasmaa e Alberto Pérez-Gómez (2006) defendem que o sentido profundo das obras habita nos intervalos entre visível e tangível, memória e antecipação, silêncio e ressonância. O corpo é medida e médium: caminha, toca, respira, ouve; nele a arquitetura produz ritmos, modulações e disposições que podem intensificar a consciência de si e do mundo. James Elkins (2022) sublinha exatamente esse caráter multissensorial da experiência arquitetónica:

> "Cada experiência de toque na arquitetura é multissensorial; qualidades de espaço, materialidade e escala são medidas igualmente pelos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. A arquitetura fortalece a experiência existencial, a sensação de estar no mundo, e esta é essencialmente uma experiência fortalecida de si mesmo. Em vez da mera visão, ou dos cinco sentidos clássicos, a arquitetura envolve vários domínios de experiência sensorial que interagem e se fundem entre si" (Elkins, 2022, p. 41).

Se a espiritualidade pode ser entendida como experiência vivida, a atmosfera constitui o meio subtil que a sustenta e torna perceptível. Peter Zumthor (2006) identifica atmosfera como a qualidade imediata (quase pré-reflexiva) que nos toca quando entramos num espaço, convocando memória, imaginação e afeto. O autor entende que o ser humano, ao entrar num espaço, não precisa de racionalizar ou analisar conscientemente para sentir a sua atmosfera, no qual a articulação entre materiais, luz, som, temperatura e proporção determina a intensidade da experiência vivida.

> "Percebemos a atmosfera através da nossa sensibilidade emocional, uma forma de percepção que funciona incrivelmente rápido e da qual nós, humanos, evidentemente precisamos para nos ajudar a sobreviver." (Zumthor, 2006, p. 13).

A partir daqui delineia-se uma gramática de meios espirituais: luz, sombra e penumbra como agentes de revelação e reserva; acústica e silêncio como molduras do recolhimento; matéria e



Figura 11 - Igreja Hallgrímskirkja

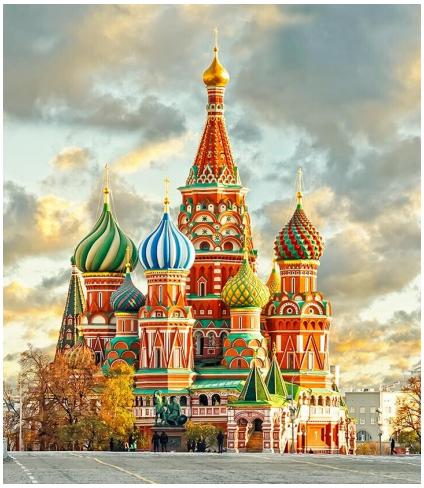


Figura 12 - Catedral de São Basílio



Figura 13 - Igreja de Santa Maria em Marco de Canaveses de Álvaro Siza

tectónica como presença densa do tempo; odor, temperatura e peso como índices sensíveis da habitação do mundo. Juhani Pallasmaa (2012) insiste que a arquitetura espiritual opera quando devolve primazia ao corpo e à mão, ao tato e à proximidade, reinstalando confiança no real e abrindo ressonância afetiva: "a experiência sensorial do espaço é crucial para evocar uma resposta espiritual" (Pallasmaa, 2012, p. 78).

Kenneth Frampton (1995) complementa, ao reivindicar a cultura tectónica (o "poético da construção") como lugar onde técnica e significado se reconciliam, convertendo o detalhe construtivo em ato de sentido.

A luz (natural ou mediada) é talvez o médium mais universal dessa poética. Não apenas ilumina, mas qualifica. A orientação solar, a espessura dos vãos, a textura das superfícies e a profundidade das sombras constroem uma dramaturgia[1] que tanto pode invocar solenidade e quietude como alegria e expansão.
Obras como a Igreja de Santa Maria, em Marco de Canaveses de Álvaro Siza (figura 13), a *Bruder Klaus Field Chapel* de Peter Zumthor (figura 14) ou a *Church of the Light* de Tadao Ando (figura 15) demonstram, em linguagens distintas, como uma economia de meios pode gerar intensidade espiritual por via da luz e da matéria. A acústica participa da mesma dramaturgia: a reverberação longa favorece cânticos; a presença do silêncio (construída por massa, selagem, geometrias e absorção porosa) é muitas vezes a condição do recolhimento (Blesser & Salter, 2007).

O tempo escreve-se na matéria sob a forma de patina, desgaste e reparo. Essa inscrição temporal reforça vínculos de memória e pertença. Gaston Bachelard (1994) propõe que a casa (matriz de intimidade) é arquivo de devaneios e memória afetiva, lugar onde o tempo se densifica em camadas imaginárias. Aldo Rossi (1982) fala de "lugares da memória" como estruturas persistentes que orientam a cidade e a experiência. Quando a arquitetura acolhe o tempo vivido, torna-se mais porosa à espiritualidade, porque faz sentir o contínuo entre passado e presente, finitude e desejo. O ritual, por sua vez, é coreografia e sentido.



Figura 14 - Capela de Campo Bruder Klaus de Peter Zumthor

Carlos Martí Arís argumenta que a arquitetura emerge quando uma atividade assume forma estável. Nesse trânsito, o ritual (quotidiano ou sagrado) modela o espaço e é por ele modelado. Assim, a espiritualidade na arquitetura não reside num adjetivo (religiosa ou não), mas na capacidade do espaço para acolher e intensificar práticas significantes. Como escreve Martí:

[1] arte e técnica de criar textos, sendo o ato de compor peças, roteiros ou guiões que contam uma história através da ação dos personagens.

> "Todo o ritual refere-se a uma forma, e essa operação através da qual a atividade assume uma forma estável constitui a arquitetura. Daí a profunda ligação que une a arquitectura ao ritual, não só nas culturas tradicionais em que a organização do espaço é um reflexo transparente de um ritual referente à ordem cosmológica, mas também no mundo moderno em que, mesmo tendo perdido a arquitetura a sua antiga sacralidade, as atitudes do homem continuam ligadas a raízes antropológicas." (Martí, 1993, p. 87)

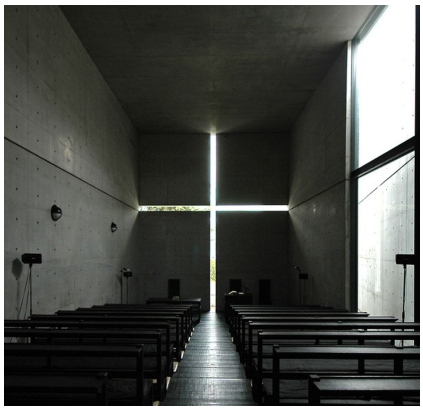


Figura 15 - Capela da Luz de Tadao Ando

Nesta perspetiva, a espiritualidade não é apenas dentro de igrejas, mesquitas ou sinagogas. Pode emergir em bibliotecas, terminais de transporte, hospitais, museus, jardins, locais cuja qualidade do lugar, orientação, luz, silêncio, escala, materialidade, relação com a natureza active atenção e sentido.

A investigação em psicologia ambiental sugere, por exemplo, que vistas para a natureza e certas qualidades ambientais se associam a recuperação física e emocional (Ulrich, 1984), apontando que o cuidado com as condições sensoriais tem repercussões existenciais. A hipótese biofílica[1], articulada por Edward O. Wilson (1984) e aprofundada por Stephen Kellert (2018), indica que a presença de água, vegetação, luz dinâmica e materiais naturais intensifica bem-estar e significado, ingredientes que frequentemente reconhecemos nos espaços que chamamos "espirituais".

Se deslocarmos o foco para o desenho contemporâneo, sobressai um problema metodológico: como projetar intencionalmente aquilo que, por definição, não se impõe, mas acontece na experiência? Alberto Pérez-Gómez (2006) e Dalibor Vesely (2004) advogam uma ética poética do projeto, na qual a arquitetura não comunica mensagens unívocas, mas oferece condições de possibilidade para encontros de sentido. Aqui, a coerência entre ideia, construção e experiência é decisiva: materiais falam, detalhes convencem, a luz completa, a acústica vela, a geometria orienta.

A espiritualidade não é "neutralizada", é possibilitada. Desta forma, a "espiritualidade na arquitetura" pode ser entendida como prática de hospitalidade: acolher corpos, tempos, memórias e rituais, articulando técnica e sentido. A hospitalidade começa no limiar (preparação, abrigo, passagem), continua na medida (escala e proporção que não intimidem nem banalizem), desenha-se na luz (revelar e reservar), confirma-se na matéria (honesta e tátil), sustém-se no silêncio

[1] amor ou afinidade instintiva do ser humano pela natureza e por outros seres vivos.

(acústica e isolamento) e cumpre-se na comunidade (assembleia, uso, cuidado).

Em suma, é espiritual o espaço que, pela sua intencionalidade sensível, ajuda a pessoa a estar mais plenamente: consigo, com os outros, com o mundo.

A reflexão fenomenológica aqui consolidada sugere que a neutralidade não é ausência de qualidades, mas um horizonte de possibilidades onde diferentes rituais podem inscrever-se sem anular a densidade atmosférica. O desafio projetual será, portanto, instituir uma neutralidade com espessura (sensorial, material e simbólica) capaz de receber (e dignificar) a pluralidade ritual sem perder foco e presença.

2.3. Espaço neutro e o espaço resultante do ritual litúrgico

A problemática do espaço religioso contemporâneo não pode ser dissociada do debate entre duas conceções aparentemente antagónicas: por um lado, o espaço neutro, pensado como resposta arquitetónica à diversidade cultural e religiosa das sociedades atuais, e, por outro, o espaço resultante do ritual litúrgico, enraizado na tradição e nas práticas específicas de cada comunidade de fé. Esta tensão revela-se central para a compreensão das transformações que a arquitetura religiosa enfrenta no século XXI.

A compreensão do sagrado, enquanto experiência de transcendência, não pode ser dissociada da espiritualidade como dimensão vivida e sentida do espaço. No contexto arquitetónico, esta espiritualidade manifesta-se na atmosfera e na forma como o corpo percebe o ambiente. Contudo, quando o espaço de culto pretende ser *multifaith*, a noção de sagrado é necessariamente mediada pela neutralidade simbólica, que não elimina o sagrado, mas o universaliza, deslocando-o do domínio confessional para o domínio experiencial. Assim, o desafio da arquitetura espiritual contemporânea reside em articular ritual e neutralidade, sem anular a dimensão de transcendência que torna o espaço significativo.

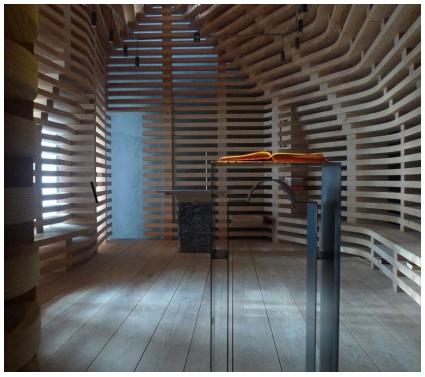


Figura 16 - Neutralidade através materialidade

O espaço neutro surge sobretudo em contextos institucionais (universidades, hospitais, aeroportos, centros de detenção) como tentativa de criar um ambiente acessível a todos, independentemente da sua filiação religiosa. Beaumont e Baker (2011) referem que o conceito de espaços *multifaith* foi inicialmente concebido como uma estratégia pragmática para gerir a diversidade religiosa no espaço público, evitando privilégios confessionais e assegurando condições mínimas para diferentes práticas espirituais. A neutralidade arquitetónica,

neste sentido, é entendida como um mecanismo de inclusão. Contudo, vários autores têm criticado os limites dessa neutralidade.

A crítica de Crompton (2016) aponta para uma questão fundamental, a neutralidade absoluta pode significar também a ausência de significado. A arquitetura, ao tentar apagar traços de identidade, corre o risco de não oferecer qualquer densidade simbólica, comprometendo a sua função espiritual. Em contrapartida, o espaço resultante do ritual litúrgico é aquele que deriva diretamente da prática religiosa e da sua codificação simbólica.



Figura 17 - Mesquita central de Lisboa

Carlos Martí Arís (1993) sustenta que a arquitetura é, em si mesma, uma construção ritualizada do espaço. Esta perspetiva enfatiza que o espaço litúrgico não pode ser entendido apenas como cenário, mas como prolongamento material do rito. O altar e a orientação para oriente nas igrejas católicas, o *mihrab* voltado para Meca nas mesquitas, ou a centralidade da

Aron ha-Kodesh[1] nas sinagogas são exemplos de como a espacialidade resulta da liturgia e da necessidade de a materializar arquitetonicamente. Norberg-Schulz (1979) reforça esta ideia ao afirmar que o propósito da arquitetura transcende o funcionalismo e deve responder a uma procura de sentido existencial. O espaço religioso, ao nascer do ritual, não apenas acomoda práticas, mas também cria atmosfera, promovendo a experiência do sagrado.



Figura 18 - Sinagoga Shaaré Tikva em Lisboa

Peter Zumthor (2006) acrescenta que a atmosfera é um dos elementos mais poderosos na arquitetura espiritual, evocando uma ligação imediata e emocional com o transcendente. No caso português, esta oposição é particularmente visível. As igrejas católicas, presentes em praticamente todas as localidades, são fortemente ritualizadas, estruturadas em torno da assembleia, do altar e da orientação simbólica.

A Mesquita central de Lisboa (figura 17), inaugurada em 1985, segue também esta lógica: a sua cúpula e minarete[2] inscrevem-na no imaginário islâmico, enquanto o espaço interior organiza-se em função do *mihrab*, que assinala a direção da oração. Já a sinagoga Shaaré Tikvah (figura 18), também em Lisboa, mantém a disposição tradicional com o espaço central voltado para a Arca da Torá e a *bimah*[3]. Em contraste, vários espaços neutros foram implementados em Portugal, sobretudo em contextos de serviços públicos e saúde. Por exemplo, o Hospital



Figura 19 - Sala multiconfessional em aeroporto

[1] local na sinagoga onde os rolos da Torá (a lei judaica) são guardados.

[2] torre adjacente a uma mesquita, da qual um funcionário, o muezim, anuncia a chamada para a oração para ser ouvida por longas distâncias.

[3] direção da Kaaba em Meca, para onde os muçulmanos devem orientar as suas orações.



Figura 20 - House of One em Berlim

de Santa Maria (Lisboa) e o Aeroporto Humberto Delgado dispõem de salas multiconfessionais[1] (figura 19), maioritariamente caracterizadas pela neutralidade formal e simbólica, com mobiliário amovível e ausência de ícones fixos. Estes espaços cumprem uma função inclusiva, mas dificilmente alcançam a densidade simbólica ou atmosférica das igrejas, mesquitas e sinagogas. Assim, verifica-se em Portugal o mesmo dilema identificado por Beaumont e Baker (2011) ou Crompton (2013): os espaços neutros respondem à diversidade religiosa contemporânea, mas esvaziam-se de sentido. Já os espaços litúrgicos ritualizados mantêm o vigor da tradição, mas excluem aqueles que não partilham dessa prática. O desafio contemporâneo da arquitetura religiosa (e, por extensão, dos espaços *multifaith*) é encontrar um ponto de equilíbrio: desenhar lugares que sejam, ao mesmo tempo, hospitaleiros e significativos, capazes de articular a neutralidade inclusiva com a intensidade ritual.

Projetos como a *House of One* em Berlim (figuras 20 e 21) ou o *Abrahamic Family House* em Abu Dhabi mostram que é possível pensar uma coexistência não pela eliminação da identidade, mas pelo seu reconhecimento mútuo. Nestes projetos, o conceito de arquitetura inter-religiosa contemporânea, foi concebido para acolher uma igreja, uma sinagoga e uma mesquita sob o mesmo teto, simbolizando a convivência e o diálogo entre as tradições abraâmicas. Este modelo evidencia como a arquitetura pode materializar ideais de tolerância e cooperação, promovendo um espaço partilhado que respeita as identidades singulares de cada religião.

Em síntese, a fundamentação teórica permitiu compreender a evolução concetual do espaço sagrado até à emergência contemporânea dos espaços *multifaith*, analisando a espiritualidade como fenómeno arquitetónico, social e fenomenológico. Contudo, a revisão bibliográfica demonstrou uma lacuna evidente na investigação sobre a materialização arquitetónica destes espaços, sobretudo no contexto português. Esta ausência de reflexão consolidada justifica a necessidade de examinar as estruturas rituais e simbólicas das principais tradições monoteístas presentes em Portugal, identificando os seus princípios espaciais e elementos significantes (figura 22). Deste modo, o próximo capítulo avança do plano teórico para o domínio da prática litúrgica e arquitetónica, analisando as relações entre o rito, o espaço e a materialidade no Cristianismo, Judaísmo e Islão.

[1] algo que abrange ou é relativo a mais de uma confissão religiosa.

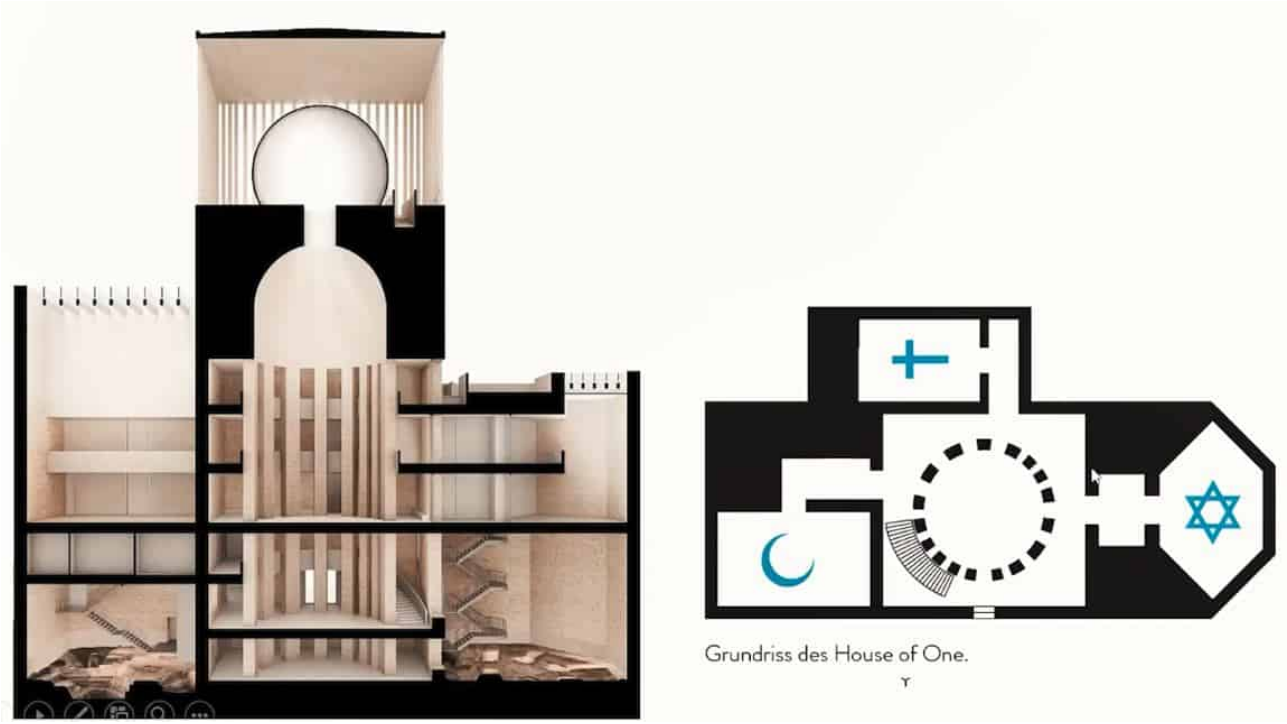


Figura 21 - Secção da House of One em Berlim

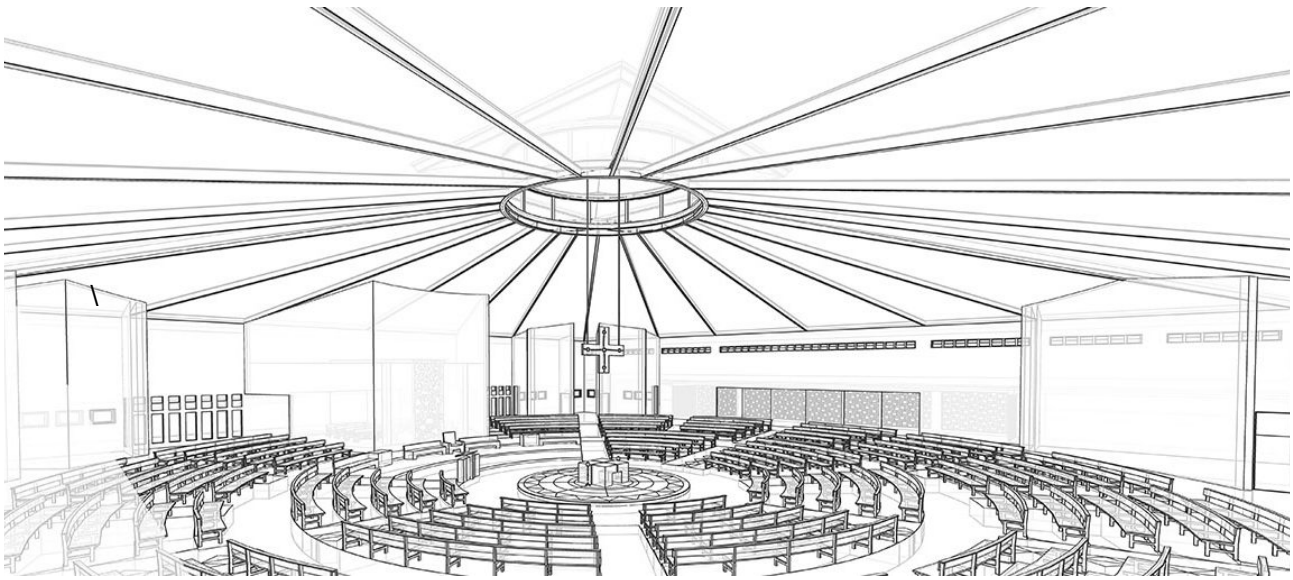


Figura 22 - Pensar o espaço de celebração



CAPÍTULO III - Evolução dos espaços arquitetónicos religiosos em Portugal

3.1. Ritos de transição à entrada dos espaços sagrados

Introdução

Dando continuidade ao quadro teórico previamente desenvolvido, o presente capítulo procura estabelecer uma ponte entre a dimensão concetual e a realidade arquitetónica dos espaços de culto. Partindo do entendimento do espaço sagrado como uma construção simbólica e ritualizada, analisam-se aqui as tipologias e estruturas associadas às três tradições monoteístas predominantes no território português — o Cristianismo (na sua vertente católica), o Judaísmo e o Islão. Esta abordagem permite identificar os elementos formais, funcionais e espirituais que caracterizam cada tradição, bem como as suas convergências e diferenças, contribuindo para compreender de que modo a arquitetura traduz materialmente as práticas e valores da fé (Eliade, 1958; Norberg-Schulz, 1980).

O ato de adentrar um espaço sagrado é, em praticamente todas as tradições religiosas, uma experiência estruturada, codificada e carregada de simbolismo. Não se trata de um simples deslocamento físico do exterior para o interior, trata-se, antes, de uma passagem ontológica entre duas realidades distintas: o mundo profano, onde a vida quotidiana se desenrola, e o espaço sagrado, onde a presença do divino é reconhecida, celebrada ou invocada. A literatura clássica sobre o sagrado reforça esta compreensão fenomenológica. Mircea Eliade (1958) descreve o limiar do espaço sagrado como uma fronteira qualitativa, um ponto de rutura na continuidade do espaço físico: "o limiar é simultaneamente a linha divisória e o ponto de contacto entre o sagrado e o profano". É aqui que o fiel, consciente ou inconscientemente, ajusta o seu estado físico e emocional para se alinhar com as exigências rituais e espirituais daquele lugar. No campo da arquitetura, este momento de transição não é um mero reflexo da prática religiosa: é uma condição projetual (Zumthor, 2006).

Arquitetos e construtores ao longo da história conceberam dispositivos que preparam o visitante, regulam a sua progressão e instauram uma perceção gradual de mudança. Estes dispositivos variam desde elementos arquitetónicos fixos (átrios, nártex, escadarias, entre outros elementos como ilustrado na figura 23) a elementos móveis ou efémeros (tapetes, cortinas, biombos), sempre ao serviço do mesmo objetivo: inscrever no corpo e na perceção do fiel a consciência de que está a entrar num "outro" espaço. Se, como defende Christian Norberg-Schulz (1980), o "lugar" é a convergência da forma física, função e significado, então o rito de entrada é um dos momentos onde essa convergência se torna mais tangível.

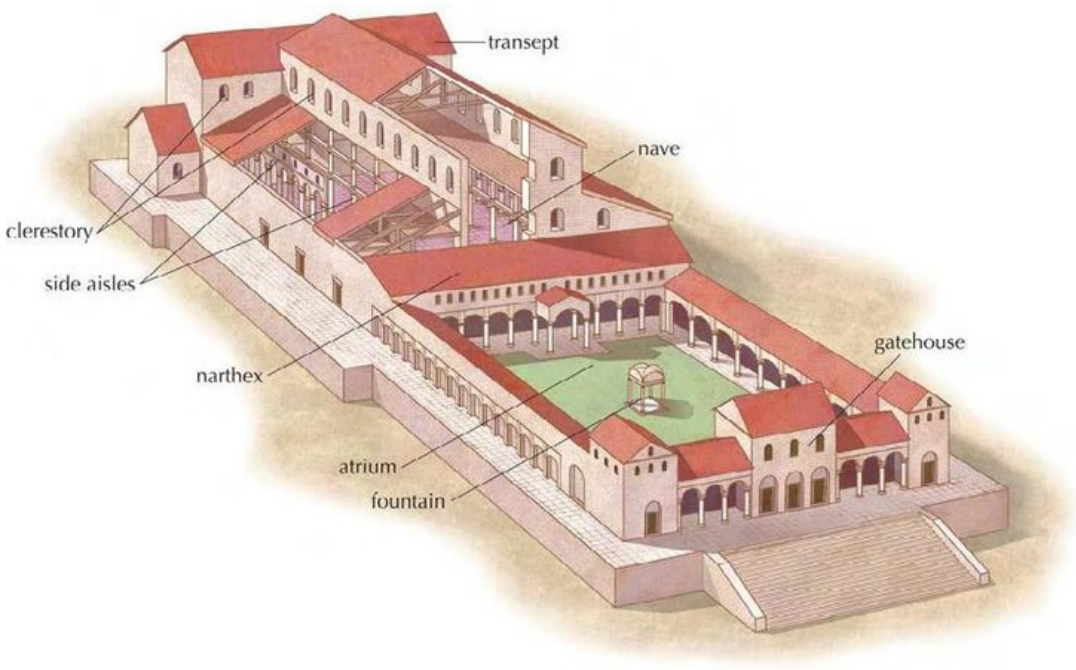


Figura 23 - A "reconstrução" da Antiga Basílica de São Pedro

A forma (o portal, o átrio, a mudança de luz), a função (purificar, preparar, orientar) e o significado (separar, consagrar, introduzir) articulam-se para construir uma experiência que, embora seja essencialmente ritual, é também arquitetónica. Este capítulo propõe-se, assim, a examinar comparativamente os ritos de entrada em três tradições religiosas — catolicismo, islão e judaísmo —, destacando as especificidades litúrgicas de cada uma e analisando como essas especificidades se materializam em soluções arquitetónicas concretas, especialmente no contexto português.

Ao comparar o catolicismo, o islão e o judaísmo, vemos como determinados rituais funcionam como zonas de liminaridade[1]: espaços intermediários de transformação, preparados por rituais, densos de significado simbólico e que estruturam a experiência arquitetónica desde a chegada.

Arnold van Gennep (1909/1960) definiu os ritos de passagem como compostos por três fases: separação (preliminar), liminar (transição) e re-incorporação. O liminar representa um estado ambíguo e transformador, no qual os indivíduos se encontram entre estatutos (ou locais) distintos (van Gennep, 1960).
Victor Turner (1969) alarga o conceito antropológico de liminaridade ao considerar os espaços intermediários como potencialmente comunitários e reflexivos, capazes de gerar novas formas de consciência e organização social.

[1] conceito desenvolvido por antropólogos como Arnold van Gennep e Victor Turner para descrever rituais de passagem em sociedades tradicionais, onde as pessoas passam por estágios de separação, liminaridade e agregação.



Figura 24 - Propileu da Acrópole de Atenas

Em termos espaciais, o liminar arquitetónico assume relevância no desenho de entradas sagradas como o Propileu[1] da Acrópole de Atenas (figura 24) — criando zonas graduais de afastamento do profano e aproximação ao lugar sagrado (Bachelard, 1958). Além disso, Mircea Eliade argumenta que manifestações do sagrado (hierofanias[2]) e a distinção entre sagrado e profano moldam profundamente a conceção arquitetónica; o liminar arquitetónico serve como espaço de contacto com o *sagrado*, conferindo significado e identidade ao lugar (Eliade, The Sacred and the Profane).

O Catolicismo em Portugal

Em Portugal, a tradição católica e os ritos de entrada nos espaços sagrados evoluíram ao longo dos séculos: desde as basílicas romanas até às igrejas barrocas. Antes da Reforma litúrgica do Concílio Vaticano II[3] (1962–65), muitos templos portugueses incluíam um nártex[4] ou antecâmara (Fortunato, 2015; Teixeira, 2001), conforme apresentado na figura 25, embora em menor escala do que nas antigas basílicas. A água benta era aspergida pelos fiéis ao entrar, como símbolo ritual de purificação e preparação para o encontro com o sacro (Catecismo da Igreja Católica, 1992).

Após o Vaticano II, observou-se uma reinterpretação dos espaços litúrgicos: as portas continuam a existir, mas muitos projetos contemporâneos (como no Alto Minho) priorizam a transparência e a abertura, substituindo nártex por áreas de transição fluidas, e enfatizando a centralidade da assembleia e da participação ativa dos fiéis (Fortunato, 2015).

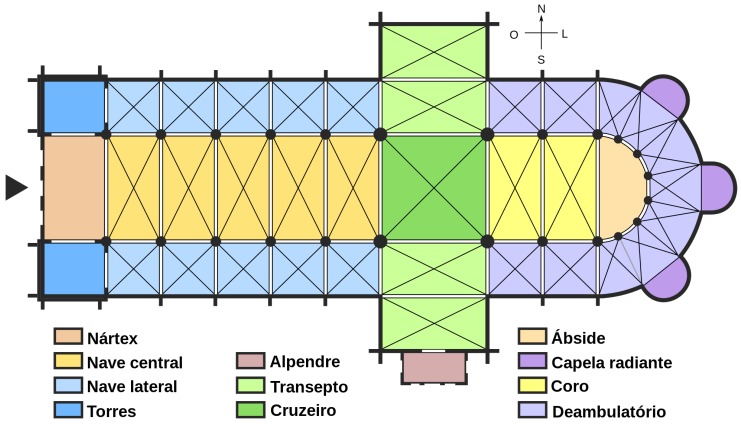


Figura 25 - Disposição comum de uma Igreja Românica

[1] o Propileu é a porta de entrada da Acrópole de Atenas. Projetado por Mnesicles, servia como um marco para separar a área secular da área religiosa, marcando a transição para o santuário.

[2] termo derivado do grego "hieros" (sagrado) e "phainein" (manifestar), refere-se à manifestação do sagrado no mundo profano.

[3] concílio ecuménico da Igreja Católica, convocado pelo Papa João XXIII e realizado em quatro sessões entre 1962 e 1965. Teve um impacto profundo na Igreja, promovendo a renovação e abertura ao mundo moderno, incluindo o uso de línguas vernáculas nas missas e o diálogo com outras religiões.

[4] espaço de entrada de um templo.

Islão e regiões históricas muçulmanas em Portugal

Durante o período de Al-Andalus[1] (séculos VIII-XIII), região representada na figura 26, numerosas mesquitas existiam em espaços hoje integrados em cidades portuguesas (Torres, 2005). Apesar de muitas terem sido convertidas após a Reconquista, ainda há vestígios arquitetónicos desse período. Exemplo emblemático: a igreja de Nossa Senhora da Anunciação em Mértola, atual igreja com *mihrab*[2] ainda visível (figura 27), revela a transição de mesquita a igreja e mostra como o ritual (remoção do calçado, local de *wudū'*[3]) é reinterpretado no espaço cristianizado.



Figura 26 - Mapa do período Al-Andalus

Judaísmo e herança judaica em Portugal

Até 1496, existia uma comunidade judaica significativa, com sinagogas em cidades como Tomar, Castelo de Vide e Belmonte. A Sinagoga de Tomar (século XV), representada na figura 28, com acesso voltado para Jerusalém e batente leste, apresentava características típicas da entrada ritual, inclusive ranhuras para mezuzá[4] no limiar (Saraiva, 1982).

Após o Édito de Expulsão[5] de 1496, muitos judeus foram convertidos compulsoriamente ao catolicismo ("cristãos-novos"), enquanto outros encenaram conversões falsas ou emigraram (Saraiva, 1982). Vestígios como marcas nos portões, ranhuras de mezuzá e cruzes gravadas persistiram na arquitetura, especialmente em judeirias de Belmonte, Castelo de Vide e Trancoso (Mucznik, 2000).



Figura 27 - Igreja de Nossa Senhora da Anunciação em Mértola

No século XX, particularmente a partir de meados do século, houve um redescobrimento e revalorização da herança judaica em Portugal. Pequenas comunidades judaicas foram reativadas em Belmonte e Lisboa, com aberturas de museus e sinagogas ativas desde o início do século XXI (Mucznik, 2000).

Os ritos de passagem e liminaridade mencionados por Van Gennep e Turner ganham sentido renovado em Portugal: o limiar torna-se espaço simbólico de memória religiosa, inclusive nas marcas residuais da Inquisição e da convivência cultural. A presença atual de sinagogas restauradas e mesquitas emergentes serve como lembrete da pluralidade religiosa histórica e

[1] presença muçulmana na Península Ibérica, que durou de 711 a 1492. Período marcado por diversas fases políticas e culturais, incluindo o Emirado de Córdova, o Califado de Córdova e os reinos de taifas, além das dinastias almorávida e almóada.

[2] termo que designa um nicho em forma de abside numa mesquita. Tem como função indicar a direção da cidade de Meca.

[3] ritual de ablução islâmica, um ato de purificação ritual que precede a oração e outras práticas religiosas. É um processo de lavagem de partes específicas do corpo com água, simbolizando a limpeza espiritual e a preparação para a adoração.

[4] objeto religioso judaico que consiste num pequeno rolo de pergaminho com textos da Torá, geralmente os versículos do Shemá, dentro de um estojo, fixado na ombreira direita das portas de casas e outros locais judaicos.

[5] assinado pelo rei D. Manuel I de Portugal, decretou a expulsão de judeus e muçulmanos do reino, ou a sua conversão forçada ao cristianismo.



Figura 28 - Sinagoga em Tomar

contemporânea e da importância da arquitetura religiosa, inclusive nas marcas residuais da Inquisição e da convivência cultural. A presença atual de sinagogas restauradas e mesquitas emergentes serve como lembrete da pluralidade religiosa histórica e contemporânea e da importância da arquitetura na presença simbólica dessas comunidades no território.

Numa perspetiva *multifaith*, compreender os limiares dessas tradições históricas reforça a necessidade de projetar transições espaciais que sejam neutras, flexíveis e conscientes de rituais diversos.

O rito de entrada no Catolicismo

No catolicismo, o rito de entrada combina gestos simbólicos, formando um encadeamento que conduz o fiel desde a vida quotidiana até à assembleia litúrgica. Historicamente, as igrejas portuguesas configuram percursos que reforçam a direção e a hierarquia espacial (Teixeira, 2001). O primeiro contacto com o edifício processa-se quase sempre através de um portal ornamentado, frequentemente enquadrado por arquivoltas ou molduras decoradas com cenas bíblicas ou elementos simbólicos. Estes portais funcionam como catequeses esculpidas, no sentido proposto por Belting (1994), comunicando ao fiel, mesmo antes de entrar, narrativas teológicas e valores centrais da fé. Em obras contemporâneas, como a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Nuno Teotónio Pereira, Lisboa), essa experiência é reinterpretada com percursos mais abertos e inclusivos (Fortunato, 2015). Ao atravessar o portal, o fiel encontra frequentemente, no interior imediato, uma pia de água benta. Este elemento, cumpre um papel simbólico fundamental: ao traçar o sinal da cruz com água benta, o fiel evoca o batismo e renova simbolicamente a sua purificação espiritual. Segue-se o percurso processional pela nave, geralmente orientado para o altar-mor. A arquitetura reforça esta progressão: a modulação do pavimento, a elevação gradual, a intensificação da iluminação junto ao presbitério, tudo concorre para dirigir o olhar e o corpo do fiel. A genuflexão perante o sacrário, gesto final antes de se integrar na assembleia, assinala o reconhecimento da presença real de Cristo na Eucaristia. No contexto português contemporâneo, observa-se que, embora muitos elementos tradicionais das igrejas se mantenham, há também uma adaptação a novas realidades. Igrejas modernas, como a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa (projeto de Nuno Teotónio Pereira, ilustrado na figura 29), reinterpretam o percurso de entrada de forma mais aberta, oferecendo um acesso mais fluido e acolhedor. Ao mesmo tempo, preservam momentos de transição simbólica, através de elementos arquitetónicos como pórticos,

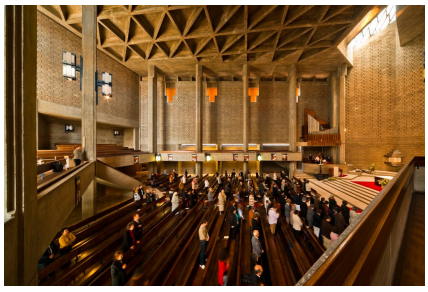


Figura 29 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa

degraus, alterações de luz ou mudanças de ritmo espacial, que marcam simbolicamente a passagem do profano para o sagrado.

Desta forma, a experiência de entrada combina inovação e tradição: o espaço aproxima os fiéis de forma mais direta e inclusiva, mas ainda reconhece a importância da jornada ritual que caracteriza a vivência litúrgica.

Em suma, na tradição católica, a entrada num templo ou espaço litúrgico é frequentemente precedida por um liminar físico e ritual:

- **Nártex e água benta:** o nártex (entrada coberta) funciona como zona de preparação. Os fiéis normalmente aspergem-se com água benta (figura 30) ao entrar, simbolizando purificação antes de adentrar o sagrado.
- **Liminaridade sagrada:** a passagem do nártex para a nave principal configura a transição do espaço profano para a assembleia eucarística.



Figura 30 - Água benta para os fiéis se aspergirem

O rito de entrada no Islão

Na tradição islâmica, a preparação para a oração é inseparável do conceito de pureza ritual (*tahāra*[1]). Antes de adentrar o espaço de oração, o fiel remove o calçado — prática fundada no exemplo corânico de Moisés (Alcorão, 20:12) e enraizada no respeito pelo chão que recebe a oração coletiva. Segue-se, na maioria das mesquitas, o rito das abluções (*wudū'*[2]), que inclui a lavagem sequencial de mãos, boca, nariz, rosto, braços, cabeça e pés (Nasr, 1987). A Mesquita Central de Lisboa exemplifica a integração arquitetónica deste ritual, com fontes e zonas de purificação antes do acesso ao espaço de oração (Souto, 2014). Este gesto não é apenas higiénico, mas profundamente espiritual: simboliza a limpeza interior e exterior antes de se apresentar perante Deus. Arquitetonicamente, este rito implica a existência de espaços próprios para a purificação — fontes, tanques ou áreas de lavabos — que são concebidos de modo a não interferir com o ambiente de oração. Na Mesquita Central de Lisboa, por exemplo, o pátio exterior integra discretamente os pontos de água, permitindo que o fiel cumpra o rito antes de entrar na sala de oração (*haram*). Ao entrar, é comum realizar uma oração breve e silenciosa (*tahiyyat al-masjid*), saudando simbolicamente a mesquita. Este momento, embora breve, introduz o fiel no estado de recolhimento necessário para a oração comunitária.



Figura 31 - Abluções

[1] remoção de tudo o que possa inibir a prática da oração.

[2] ato de purificação física e espiritual que precede a oração.



Figura 32 - Retirada do calçado



Figura 33 - Kippá



Figura 34 - Netilat yadayim



Figura 35 - Aron ha-Kodesh

Em suma, no Islão, a entrada num espaço de oração engloba práticas físicas e simbólicas:

- **Abluções (*wudū'*):** realizadas externamente ao espaço de oração, circunscrevem o indivíduo numa zona de preparação ritual antes de entrar na mesquita.
- **Retirada de calçado:** remover os sapatos antes de entrar no espaço sagrado (figura 32) reforça a distinção entre o exterior profano e o interior consagrado. Estas práticas articulam o limiar entre o profano e o sagrado através de rituais visíveis na arquitetura e nas rotinas diárias.

O rito de entrada no Judaísmo

O judaísmo, enquanto tradição milenar com forte ligação ao texto sagrado e à prática comunitária, mantém ritos de entrada na sinagoga que expressam reverência e identidade. O mais visível é a cobertura da cabeça com o *kippá*[1] (figura 33), no caso dos homens, ou com outros adereços em comunidades específicas (Shulchan Aruch, Orach Chayim 2). Este gesto é um sinal de submissão a Deus e de reconhecimento da Sua presença. Em algumas comunidades, preserva-se a lavagem ritual das mãos (*netilat yadayim* representado na figura 34) antes de entrar, prática associada à pureza espiritual. Ao cruzar o limiar, é habitual inclinar-se ligeiramente em direção à Arca Sagrada (*Aron ha-Kodesh* representado na figura 35), onde se guardam os rolos da Torá, reconhecendo assim a centralidade da Lei na vida religiosa. Em Portugal, a Sinagoga Shaaré Tikvá, em Lisboa, e a Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, no Porto, mantêm estas práticas, adaptando a configuração espacial para acolher simultaneamente o rito e as exigências arquitetónicas de edifícios construídos em períodos e contextos distintos.

O limiar judaico é marcado por práticas rituais e simbólicas, principalmente através da mezuzá[2]:

- A mezuzá, fixada no lado direito do batente da porta, carrega passagens bíblicas (Deuteronómio 6:4-9 e 11:13-21) e estabelece o limiar como ponto de proteção divina, presença e identidade religiosa.
- Philo de Alexandria considerava a mezuzá visível do exterior, como um sinal público de valores éticos e espirituais no limiar do espaço doméstico e comunitário (Philo de Alexandria citado em Goodman, 2002).

•Arquitetonicamente, o

[1] pequeno acessório de vestuário usado na cabeça por homens judeus, como símbolo de respeito e temor a Deus.

[2] pequeno estojo, geralmente retangular, que contém um pergaminho com versículos da Torá.

limiar carregado de significado sagra a passagem quotidiana em ritual consciente, atuando como amortecedor simbólico entre o mundo exterior e o interior espiritual.

A entrada nos espaços sagrados é performativa e ritualmente marcada nas tradições católica, islâmica e judaica. Esses limiares, articulados através de arquitetura e prática ritual, são fundamentais para a experiência de transição entre o mundano e o sagrado. Num contexto *multifaith*, a conceção arquitetónica deve reconhecer esses limiares e propor soluções espaciais que sejam neutras, respeitosas e inclusivas, promovendo a transformação simbólica sem exclusão.



Figura 36 - Mezuzá

3.2. Centro de espaço litúrgico e assembleia

O centro de um espaço litúrgico não é apenas uma coordenada física: é o ponto de convergência simbólica, ritual e comunitária de toda a assembleia religiosa. É ali que se materializa a função primordial do edifício: reunir, orientar e dar forma visível a uma prática espiritual. Na perspetiva fenomenológica de Norberg-Schulz (1979), o centro sagrado é o "lugar de encontro com o último significado", um núcleo de orientação onde espaço e rito se conectam. A configuração do centro — seja um altar, um *mihrab* ou uma *bimah* — determina não apenas a direção e a disposição da assembleia, mas também a experiência sensorial e simbólica do espaço. Cada tradição religiosa estabelece, através de normas litúrgicas e heranças culturais, um conjunto de requisitos para este centro. A posição, a orientação, o mobiliário e os elementos iconográficos não são acidentais: resultam de séculos de sedimentação ritual e interpretação teológica.

No contexto português, onde a história religiosa se construiu em camadas — da cristianização tardo-romana à convivência medieval com judeus e muçulmanos, e, mais tarde, ao renascimento contemporâneo de comunidades islâmicas e judaicas —, o estudo destes centros revela tanto continuidades como reinvenções.

Catolicismo

No contexto católico, o centro litúrgico tradicional é definido pelo altar e pela assembleia central, simbolizando a participação comunitária na Eucaristia. Antes do Concílio VaticanoII, a nave típica era orientada para o altar, frequentemente separado por uma cancela, com assembleia disposta em bancos voltados para o centro. Após o VaticanoII, as igrejas em Portugal passaram a enfatizar a centralidade do presbitério e a proximidade entre o celebrante e os fiéis, promovendo uma disposição em torno do altar ou em setores abertos.



Figura 37 - Mihrab

O Centro Pastoral de Moscavide (Plano Humano Arquitectos, 2016), onde a luz natural, o volume monolítico, e um clarabóia central articulam espacialmente uma atmosfera etérea voltada para a assembleia. Outro caso emblemático é a Basílica da Santíssima Trindade em Fátima — designada GECA ("Grande Espaço Coberto para Assembleias") para acolher grandes congregações, com plano inclinado que visa garantir visibilidade desde todos os pontos e ênfase comunitária.

Islão

No Islão, o centro do espaço de oração é definido pelo *mihrab*, que marca a direção geográfica da oração (*qibla*), acompanhado pelo *minbar*, do qual o imame conduz o sermão. A Mesquita Central de Lisboa (inaugurada em 1985), com capacidade para cerca de 1000 pessoas, apresenta uma orientação clara para Meca, e a disposição interna organiza a assembleia voltada para o *mihrab*. Embora preserve os elementos essenciais das mesquitas tradicionais, a sua tipologia foi adaptada ao contexto português, integrando materiais e técnicas de construção locais, ajustando a escala ao tecido urbano de Lisboa e incorporando detalhes estéticos que dialogam com a arquitetura portuguesa contemporânea, mantendo ao mesmo tempo a funcionalidade litúrgica e os elementos simbólicos islâmicos. O desenho do interior privilegia uma planificação aberta com espaço unificado, onde a comunidade converge sinergicamente ao centro litúrgico marcado pelo *mihrab*.

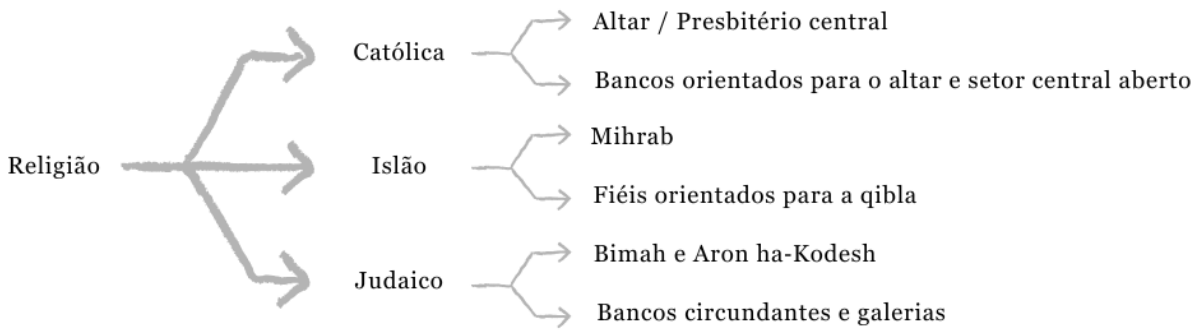
Judaísmo

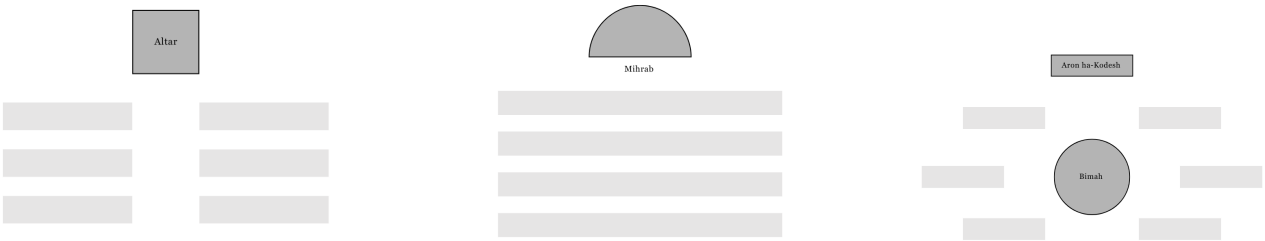
Na tradição judaica, o centro do espaço de oração é marcado pela *bimah* (*tevah*), plataforma central do leitor da Torá, e pelo *aron ha-kodesh*, nicho ou armário voltado para Jerusalém contendo os rolos da Torá. Na Sinagoga Shaaré Tikvah de Lisboa (1904), de estilo revivalista romano-bizantino, a *bimah* está centrada na nave e elevada, com os bancos masculinos ao nível do chão e as galerias femininas superiores voltadas para o centro. A Sinagoga de Tomar (século XV, restaurada em 1939), o único exemplo medieval preservado em Portugal, possui planta simples, quatro colunas centrais, e uma disposição que conferia centralidade ritual à *bimah*, destacando o caráter coletivo e simbólico do espaço. Além disso, a tradição sefaradi tende a centralizar a *bimah* no meio do salão, facilitando uma interação equitativa com a assembleia.



Figura 38 - Bimah

Figura 39 - Resumo das diferentes formas de disposição da assembleia e do centro litúrgico





Católica Islão Judaico

3.3. Outros elementos simbólicos e funcionais



Figura 40 - Crucifixo

Além dos elementos centrais que estruturam o espaço litúrgico, os espaços sagrados incorporam múltiplos outros componentes que assumem significados simbólicos profundos e funções práticas essenciais para a realização dos ritos e para a experiência coletiva da fé. Estes elementos compõem um vocabulário arquitetónico específico, que varia conforme as tradições religiosas e o contexto cultural, mas que em todas visa reforçar a dimensão do sagrado, orientar os fiéis, facilitar a liturgia e promover a comunhão da assembleia.

No âmbito do estudo comparativo entre as tradições católica, islâmica e judaica, a análise destes componentes revela não só singularidades expressivas, mas também correspondências funcionais que podem inspirar abordagens inovadoras para a conceção de espaços *multifaith*, especialmente num contexto urbano e multicultural como o português contemporâneo.

Estes elementos, muitas vezes herdados de tradições seculares, cumprem funções práticas (como iluminação, acústica ou circulação) e funções simbólicas, associadas a narrativas teológicas, valores espirituais e identidades comunitárias (Eliade, 1958; Ching, 2011).

Catolicismo

Além do altar e do ambão, a arquitetura católica tradicionalmente integra uma série de elementos que articulam o espaço litúrgico, organizando fluxos e codificando a sacralidade:

- **O Crucifixo:** Símbolo central da fé cristã, frequentemente suspenso ou colocado atrás do altar, o crucifixo serve como foco visual e espiritual para a assembleia (Jensen, 2012).
- **A pia batismal:** Tradicionalmente localizada na entrada da igreja, simboliza a passagem do profano ao sagrado, uma metáfora espacial da purificação (Kilde, 2008). A sua posição reforça a ideia de que o cristão ingressa na comunidade de fé através do rito do batismo, configurando o espaço desde a entrada.
- **As Capelas laterais:** Espaços subsidiários onde se realizam cultos específicos, devoções locais e orações privadas. Estas capelas, comuns nas igrejas portuguesas barrocas, abrigam retábulos, imagens de santos e túmulos, articulando a relação entre o espaço público da assembleia e a devoção individual (Serafim, 2016).



Figura 41 - Pia batismal

- **A nave e os corredores:** Estruturas que orientam o movimento processional, fundamental nas festas litúrgicas e cerimónias solenes, bem como na acessibilidade ao altar (Jensen, 2012). Em termos arquitetónicos, a escala e proporção destes elementos reforçam a hierarquia espacial.
- **Cúpula, abside e cibório:** a cúpula simboliza o firmamento celeste e a morada de Deus, funcionando como elemento visual de elevação espiritual. A abside atrás do altar é um espaço semicircular ou poligonal, muitas vezes ricamente decorado com mosaicos ou frescos, simboliza a conexão com o divino (Eliade, 1958). O cibório, um dossel sobre o altar, sublinha a sacralidade e o centro litúrgico.
- **Luz e vitrais:** os vitrais não apenas contam narrativas bíblicas, mas transmitem luz colorida que representa a revelação divina e espiritualidade iluminada.

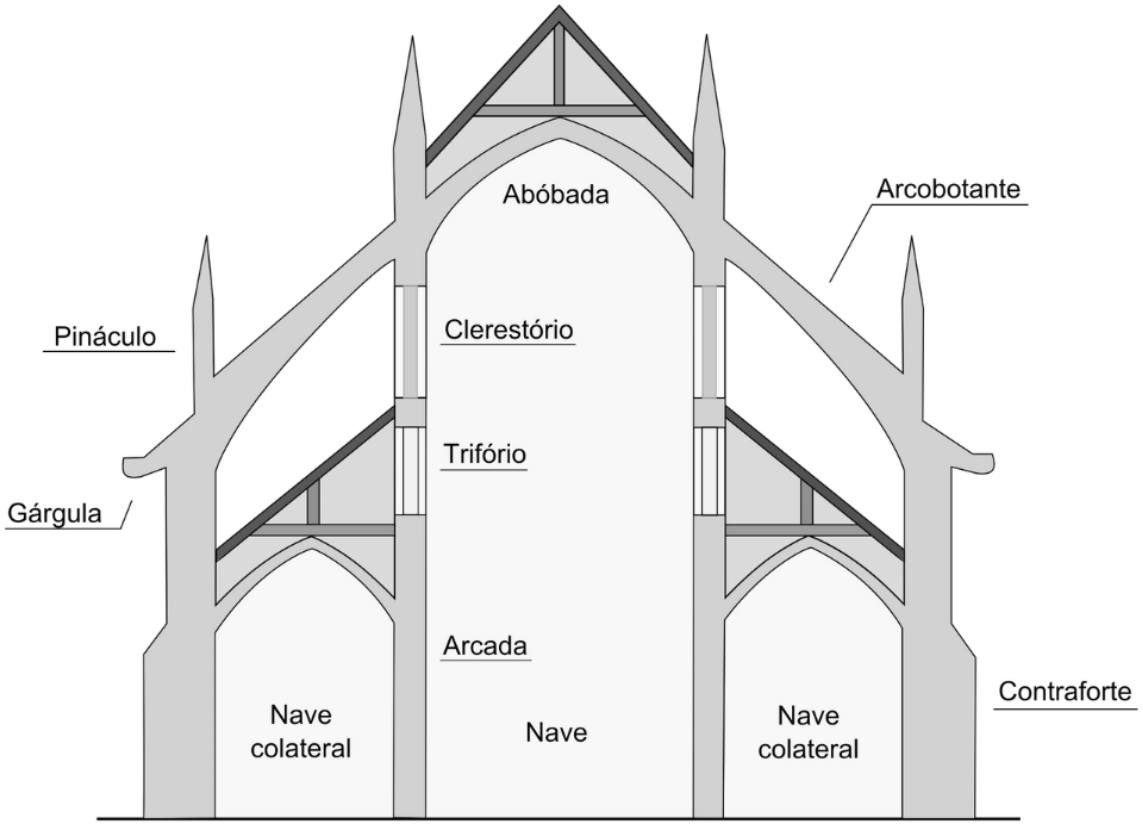


Figura 42 - Secção esquemática de uma Catedral

Islão



Figura 43 - Tapete de oração

No espaço islâmico, o uso do espaço e dos objetos está regulado por preceitos de simplicidade e funcionalidade, sempre em coerência com a proibição do figurativismo, o que resulta numa arquitetura carregada de simbolismos abstratos e geométricos:

- **O tapete de oração (*sajjāda*):** Elemento móvel que demarca o espaço individual de cada fiel durante a oração, mas que, quando colocado no chão, organiza a assembleia em linhas rigorosas (Flood, 2009).
- **O *mihrab*:** Para além da sua função de orientação, o *mihrab* é um elemento arquitetónico que pode ser ricamente decorado com inscrições caligráficas do Corão e motivos geométricos, simbolizando a presença divina e a abertura para o transcendente (Grabar, 1973).
- **O *minbar*:** Além de funcional como púlpito para o imã, o *minbar* tem forte simbolismo associado à liderança espiritual e à transmissão da palavra divina, sendo muitas vezes esculpido em madeira ou pedra, e situado próximo ao *mihrab* (Peters, 2004).
- **Fonte para abluções (*wudū'*):** Espaço funcional indispensável para o ritual de purificação antes da oração, normalmente localizado junto à entrada da mesquita, reforçando a ideia da preparação física e espiritual (Necipoğlu, 1995).



Figura 44 - Sahn

- **Luz e água:** são centrais na experiência litúrgica e funcional. A luz é filtrada por *mashrabiya*[1] ou *jali*[2] para criar um ambiente contemplativo; a água, presente em fontes ou piscinas no *sahn*[3], remete à purificação espiritual e ao paraíso Islão (Hudovic Kljuno, 2022).
- **Geometria e ornamentação:** padrões geométricos e arabescos simbolizam a infinidade e ordem divina. A caligrafia decorativa (versículos corânicos) integra estética e ensinamento religioso (Nuhaira, 2025).

[1] rendilhado de madeira.

[2] tela de pedra esculpida ou reticulada.

[3] pátio com fonte.

Judaísmo

Na tradição judaica, os elementos simbólicos no espaço litúrgico expressam a relação com a Torá e com a comunidade, criando um ambiente que equilibra a liturgia pública e a intimidade da oração:



Figura 45 - Menorá

- **A Arca Sagrada (*Aron ha-Kodesh*):** Mais que o local de armazenamento da Torá, o Aron é o "coração" da sinagoga, envolto em cortinas decoradas com bordados simbólicos. A sua posição voltada para Jerusalém reafirma a conexão espiritual com a Terra Santa (Fine, 2005).
- **A *bimah*:** Plataforma central ou frontal, utilizada para leitura da Torá e condução dos cânticos e orações. A bimah promove a visibilidade e o contacto direto entre o leitor e a assembleia, reforçando a dimensão comunitária.
- **Mezuzá:** Presente na entrada da sinagoga e de cada divisão da casa, é um pequeno invólucro com pergaminho escrito com versos bíblicos. Funciona como um lembrete constante da presença e proteção divina (Lewis, 2006).
- **Assentos e disposição:** Tradicionalmente, os bancos ou cadeiras são orientados para o *Aron ha-Kodesh*, e a segregação de género (em muitas comunidades ortodoxas) influencia a organização do espaço, com divisórias ou galerias específicas (Fine, 2005).
- **Menorá, Luhot e Estrela de David:** a Menorá[1] e os *Luhot*[2] são símbolos recorrentes na decoração de sinagogas, evocando a herança do Tabernáculo e o valor da lei mosaica; a Estrela de David também assume valor simbólico moderno (Looking at Buildings Editorial, 2009).
- ***Lâmpada eterna:*** simboliza a iluminação divina contínua que emana da Torá.
- **Janelas e iluminação natural:** conforme Talmude[3], as sinagogas devem ter janelas para manter conexão com o mundo exterior, simbolizando a integração da oração com o cotidiano e ética judaica.

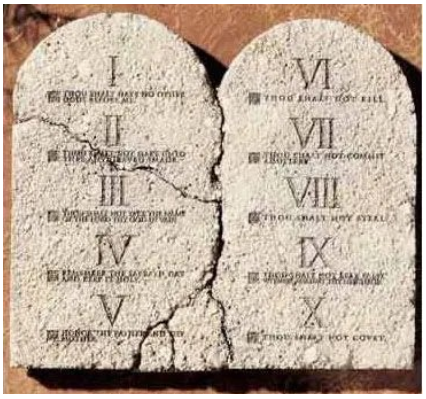


Figura 46 - Luhot

[1] candelabro de sete braços.

[2] representação das tábuas com os Dez Mandamentos, frequentemente colocadas acima do Aron.

[3] texto central no judaísmo rabínico, considerado um registro das discussões rabínicas sobre a lei judaica, ética, costumes e história do judaísmo

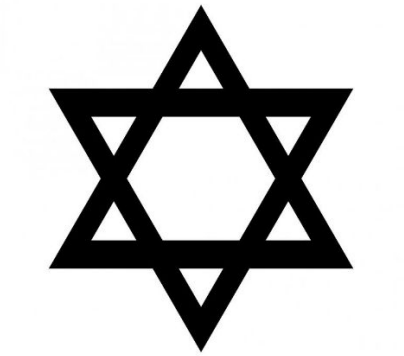


Figura 47 - Estrela de David

Na evolução do contexto português, muitos dos novos edifícios católicos em Portugal continuam a preservar os vitrais, capelas laterais e altares barrocos que mantem a representação dos símbolos-chave. Igrejas contemporâneas tendem a reinterpretar esses elementos de forma abstrata e minimalista, mantendo as funções simbólica e litúrgica.

Mesquitas portuguesas modernas, como a de Lisboa, incorporam pátios com fontes e tetos altos com iluminação zenital, em consonância com práticas tradicionais do islão adaptadas ao clima ocidental e à normativa local. As sinagogas portuguesas históricas, como as de Tomar ou Lisboa, ainda exibem elementos simbólicos como o Aron, padrões decorativos e a organização da luz interior, preservando a ética e estética tradicional judaica em contexto europeu.

A análise das liturgias e dos espaços de culto católico, judaico e islâmico revelou uma relação intrínseca entre a forma arquitetónica e a expressão espiritual de cada tradição. Apesar das especificidades simbólicas e funcionais, observa-se um denominador comum: a procura por uma experiência transcendental mediada pelo espaço. Esta constatação evidencia que, embora cada religião possua códigos próprios, existem princípios universais — como a orientação, a luz, a proporção e o ritmo — que podem servir de base para a criação de espaços espirituais inclusivos. Assim, este capítulo constitui o elo entre a reflexão teórica e a aplicação prática, fornecendo as referências necessárias para a leitura crítica dos casos de estudo apresentados no capítulo seguinte.



CAPÍTULO IV - APLICAÇÃO DA METODOLOGIA

4.1. Estudos de caso

Com base no conhecimento das estruturas litúrgicas e simbólicas das principais tradições religiosas, este capítulo concentra-se na análise de estudos de caso que exploram diferentes abordagens à arquitetura espiritual. São examinados exemplos nacionais e internacionais de espaços de culto selecionados pela sua relevância arquitetónica, contextual e concetual.

A análise de estudos de caso constitui uma etapa essencial na presente investigação, permitindo observar de que forma os conceitos teóricos desenvolvidos nos capítulos anteriores se materializam em soluções arquitetónicas concretas.

O espaço sagrado assume na contemporaneidade diferentes declinações, que se refletem em tipologias arquitetónicas diversas. Assim, a escolha dos estudos de caso visa não apenas ilustrar essa diversidade, mas também oferecer um quadro comparativo que permita compreender os desafios e as potencialidades do desenho arquitetónico face ao pluralismo religioso. Para garantir uma abordagem clara e sistemática, os estudos de caso foram organizados em três categorias: espaços monorreligiosos, inter-religiosos e *multifaith*. A primeira categoria contempla edifícios concebidos para o culto de uma única tradição religiosa, nos quais a identidade litúrgica e simbólica está diretamente refletida na configuração espacial ou nos elementos arquitetónicos, contudo apresentam-se de forma simbólica não rígida, permitindo abertura a outras formas de expressão espiritual. A segunda categoria reúne projetos que, embora mantenham a especificidade de cada tradição, procuram a proximidade física e concetual, promovendo um diálogo entre diferentes comunidades. Já a terceira categoria centra-se nos espaços *multifaith*, ambientes neutros concebidos para acolher, de forma inclusiva e equitativa, práticas espirituais de diversas tradições.

A seleção dos casos obedeceu a três critérios principais:

(i) **relevância arquitetónica**, privilegiando obras de reconhecido valor no panorama contemporâneo;

(ii) **diversidade tipológica e geográfica**, de modo a oferecer um panorama abrangente entre Portugal e o contexto internacional;

(iii) **pertinência concetual**, assegurando que cada exemplo contribui para o debate sobre os desafios do desenho arquitetónico em contexto plural.

Deste modo, foram escolhidos seis casos. No grupo dos espaços monorreligiosos, analisam-se a MIT Chapel, em Cambridge (EUA), e a Igreja de Santa Maria, em Marco de Canaveses (Portugal), exemplos que evidenciam a relação entre modernidade arquitetónica e tradição litúrgica. Na categoria inter-religiosa, estudam-se as Three Chapels da Brandeis University (EUA) e o recente conjunto da Abrahamic Family House, em Abu Dhabi, que propõem diferentes estratégias para a coexistência entre comunidades de fé distintas. Finalmente, na categoria *multifaith*, são apresentados a The Class of 1959 Chapel (EUA) e Sala *multifaith* aeroporto de Lisboa (Portugal), ambos exemplos de espaços neutros, ainda assim com bastantes diferenças, porém concebidos para responder às necessidades espirituais de uma sociedade multicultural.

Com o objetivo de assegurar uma análise crítica e comparativa coerente entre os diferentes exemplos selecionados, para este capítulo foi desenvolvida uma tabela de categorias e indicadores que orientaram a leitura e interpretação de cada projeto, permitindo uma sistematização dos dados

e a identificação de padrões, estratégias ou singularidades relevantes. Esta tabela metodológica garante que os critérios de análise se mantêm constantes ao longo dos diferentes casos, promovendo uma abordagem objetiva e comparável. A tabela que se segue define os parâmetros adotados para esta análise, organizando-os em categorias temáticas que correspondem aos principais tópicos de investigação da presente dissertação.

Figura 48 - Tabela dos parâmetros adotados para a análise de estudos de caso

Categorias Analíticas	Indicadores	Método de recolha
Lugar	Proximidade a áreas urbanas, acessibilidade, contexto cultural e religioso	Mapas
Espaço e forma	Estudo do desenho da disposição arquitetónica, desenho do espaço e orientação das fachadas	Análise de desenhos técnicos e/ou fotografias
Ornamentação	Presença e tipo de ornamentos, símbolos religiosos, obras de arte	Fotografias
Cor	Paleta de cores predominantes e simbolismo das cores	Fotografias
Materialidade	Materiais utilizados (madeira, pedra, vidro, etc.)	Fotografias
Textura	Tipos de texturas presentes (lisas, rugosas, etc.) e sensação tátil	Fotografias
Plasticidade	Formas e volumes, e flexibilidade do espaço	Análise de desenhos técnicos, observação direta e/ou fotografias
Escala humana	Tamanho total do espaço, altura dos tetos, proporção dos ambientes	Fotografias e medição
Tectónica	Tipologia estrutural (pilares, vigas, paredes portantes), técnicas construtivas	Análise de desenhos técnicos e/ou fotografias
Tipologia	Tipos de espaços (sala de oração, áreas de meditação, salas multiuso)	Análise de desenhos técnicos e/ou fotografias

A análise dos estudos de caso, estruturada em torno dos parâmetros definidos, não se limita à descrição formal dos espaços. O seu propósito fundamental é estabelecer correlações críticas entre princípios arquitetónicos e experiências espirituais, de modo a identificar padrões projetuais consistentes e estratégias espaciais eficazes que sustentem a elaboração das orientações finais propostas. Desta forma, a metodologia adotada assume um caráter duplo: analítico e propositivo. No plano analítico, permite compreender como diferentes arquiteturas de culto — monorreligiosas, inter-religiosas e *multifaith* — expressam, através da forma e da atmosfera, valores de neutralidade, inclusão e transcendência. No plano propositivo, esta leitura comparativa fornece a base empírica para a sistematização das diretrizes arquitetónicas apresentadas no capítulo final, assegurando que as recomendações resultam de evidências observáveis e criticamente interpretadas, e não de generalizações teóricas.

4.2. Grupo I - Monorreligiosas

4.2.1. Eero Saarinen | MIT Chapel - Massachusetts, Estados Unidos da América



Figura 49 - Localização

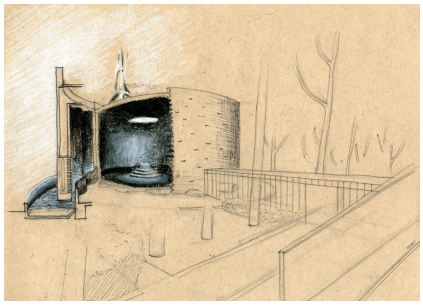


Figura 50 - Esquisso

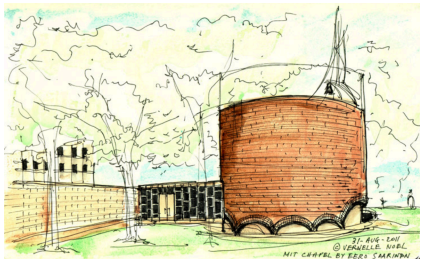


Figura 51 - Esquisso

Contexto

A *MIT Chapel*, projetada por Eero Saarinen em 1955, constitui um dos exemplos paradigmáticos da arquitetura religiosa moderna nos Estados Unidos. Localizada no campus do *Massachusetts Institute of Technology*, em Cambridge (figura 49), o edifício destaca-se não pela monumentalidade exterior, mas pela intensidade da experiência interior que propõe. Um edifício cilíndrico que dispõe de uma área de 176m² e um pé direito de 9,10m.

Esta instituição focada na ciência e tecnologia, queria expandir o seu campus com espaços que também atendessem à dimensão espiritual e humana dos seus alunos e professores. A Capela foi concebida no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando o movimento moderno ganhava força nos Estados Unidos da América, tanto na arquitetura quanto na cultura em geral. O presidente do MIT na época, James Killian, foi o responsável por contratar Saarinen para projetar a Capela, com a intenção de criar marcos modernos e simbólicos no campus. Eero Saarinen (1910–1961) foi um arquiteto finlandês-americano, uma figura singular do movimento moderno pela sua abordagem expressiva, escultural e inovadora. No projeto da Capela, Saarinen explora o seu lado mais introspectivo e espiritual, ao contrário de outras obras mais monumentais. O campanário para a Capela MIT, integrando o edifício número W15 do complexo universitário teve o seu projeto concluído em 1953 e a respetiva obra em 1955. Sem denominação religiosa específica: a capela foi idealizada como um espaço espiritual não confessional, aberta a todas as fés. Ao escolher uma forma pura (o cilindro), em tijolo aparente (figura 51), apresenta-se de forma austera, sem qualquer elemento que denuncie a sua função religiosa de imediato, Saarinen pretende com isto criar uma arquitetura de silêncio, onde o espaço interior é pensado como um lugar de retiro, uma pausa dentro do ambiente dinâmico do campus tecnológico. O arquiteto rejeita a ornamentação, mas confere riqueza através da combinação de materiais, luz e proporção. A colaboração com artistas como Harry Bertoia revela o caráter interdisciplinar do seu trabalho: Saarinen não via o arquiteto como um autor solitário, mas como um maestro de experiências espaciais.

O percurso de entrada (figura 52), realizado através de uma ponte que atravessa um espelho de água, introduz já a ideia de purificação e transição entre o espaço quotidiano e o espaço sagrado (uma leitura que se aproxima dos ritos de passagem discutidos no Capítulo III). Esta separação espacial prepara simbolicamente o visitante para uma experiência de interioridade. No espaço interno, o elemento central é o altar, iluminado por uma abertura zenital que reflete a luz natural num crucifixo suspenso (figura 54), concebido pelo artista anteriormente referido Harry Bertoia. Esta luz controlada cria uma atmosfera espiritual, demonstrando como Saarinen trabalhou a fenomenologia arquitetónica para traduzir a sacralidade sem recorrer a ornamentos excessivos ou linguagens tradicionais. A centralidade do altar, rodeado por bancos dispostos em semicírculo, reforça a noção comunitária do culto, permitindo a proximidade entre celebrante e assembleia, em consonância com as reformas litúrgicas que iriam marcar o Concílio Vaticano II. A capela é, assim, um exemplo notável de como a modernidade arquitetónica pode reinterpretar a tradição cristã, mantendo o espaço litúrgico centrado no mistério do rito, mas libertando-se de normas históricas.

Esta abordagem foi amplamente reconhecida pela crítica (Colquhoun, 2002; Jencks, 1973), sendo considerada uma das obras em que Saarinen alcançou maior intensidade simbólica através da simplicidade formal. Em termos comparativos, a MIT Chapel demonstra como a arquitetura religiosa monorreligiosa pode, mesmo num contexto académico e laico, afirmar a sua identidade espiritual através da manipulação da luz, da materialidade (figura 55) e da espacialidade. É, portanto, um estudo de caso essencial para esta dissertação, na medida em que revela a capacidade do espaço arquitetónico de comunicar espiritualidade sem recorrer a excesso decorativo ou simbologia tradicionalista.



Figura 52 - Percurso



Figura 53 - Volume



Figura 54 - Altar

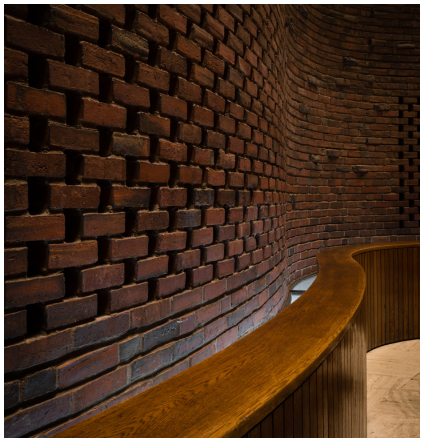


Figura 55 - Materialidade

Imagens e desenhos técnicos



Figura 56 - Fotografia exterior

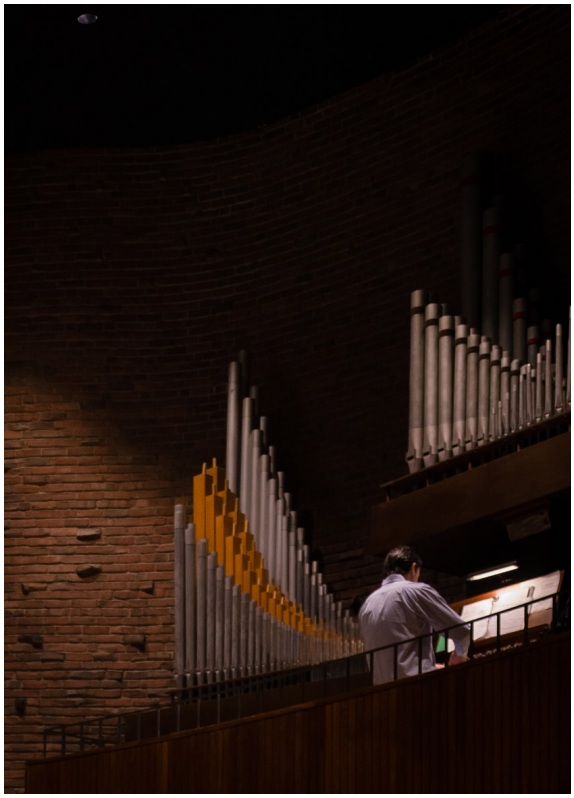


Figura 57 - Pormenor orgão

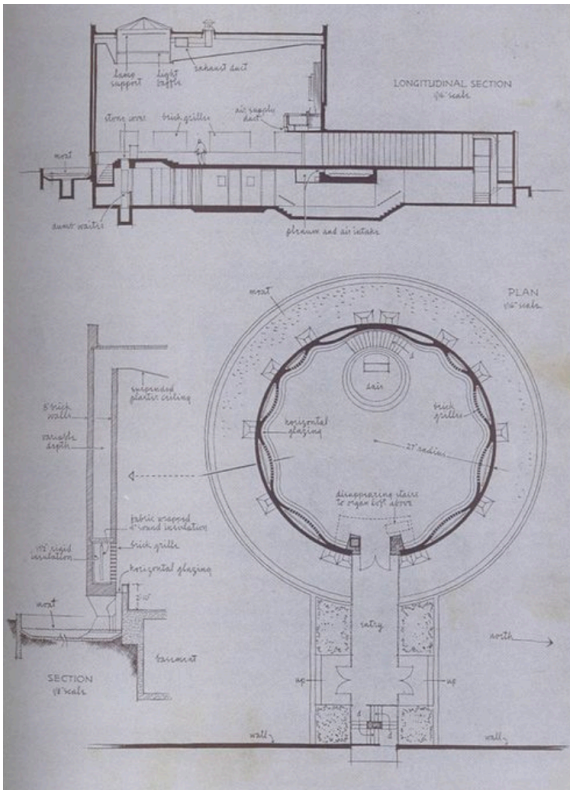


Figura 58 - Secção e planta

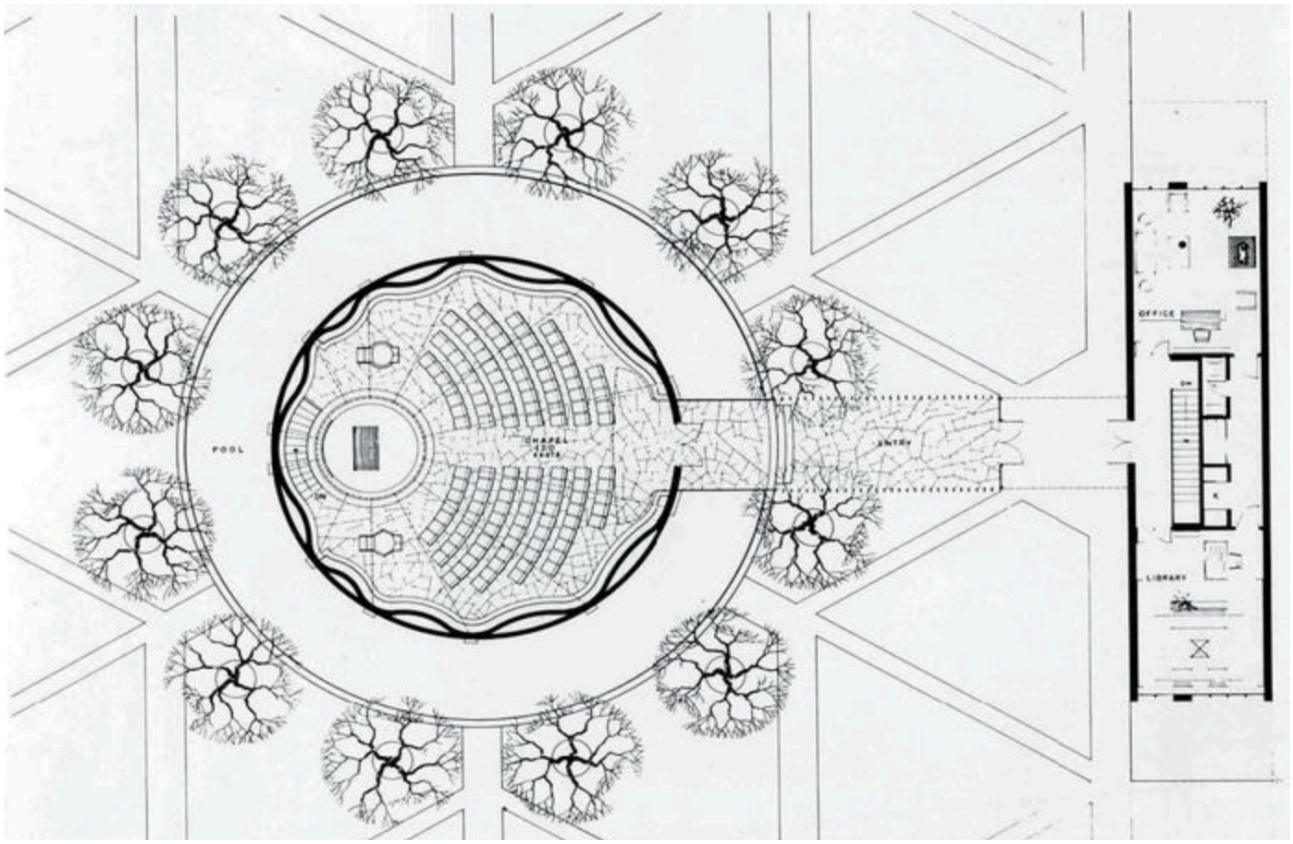
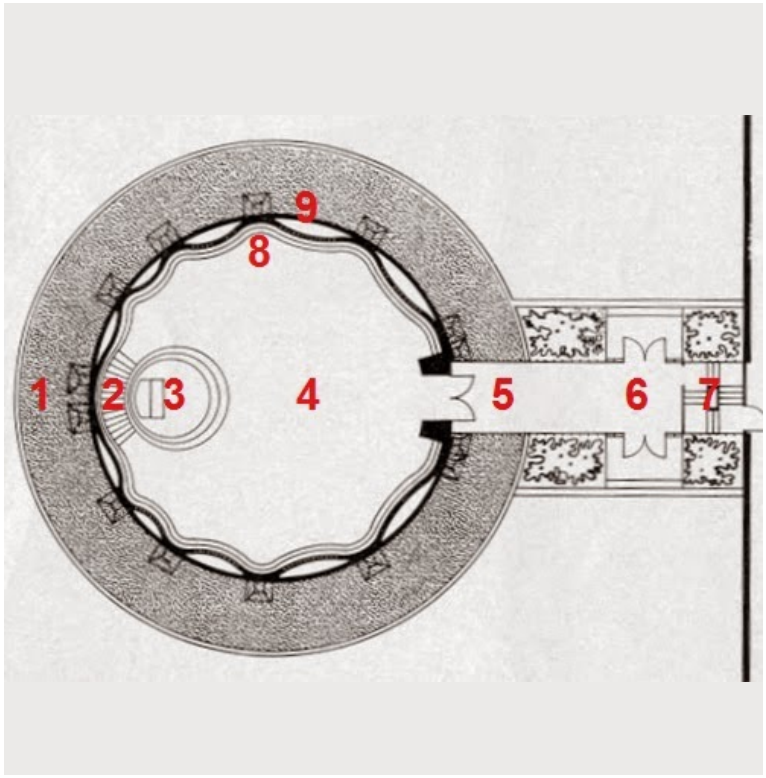


Figura 59 - Planta



1. Espelho de água
2. Escadaria de acesso ao subsolo com entrada pela direita do altar
3. Altar
4. Salão
5. Circulação de acesso envidraçado
6. Hall de entrada com duas portas de comunicação ao jardim exterior
7. Caixa de escadas de acesso ao andar inferior;
8. Parede interna ondulada em tijolo maciço
9. Parede externa lisa em tijolo maciço

Figura 60 - Análise da planta

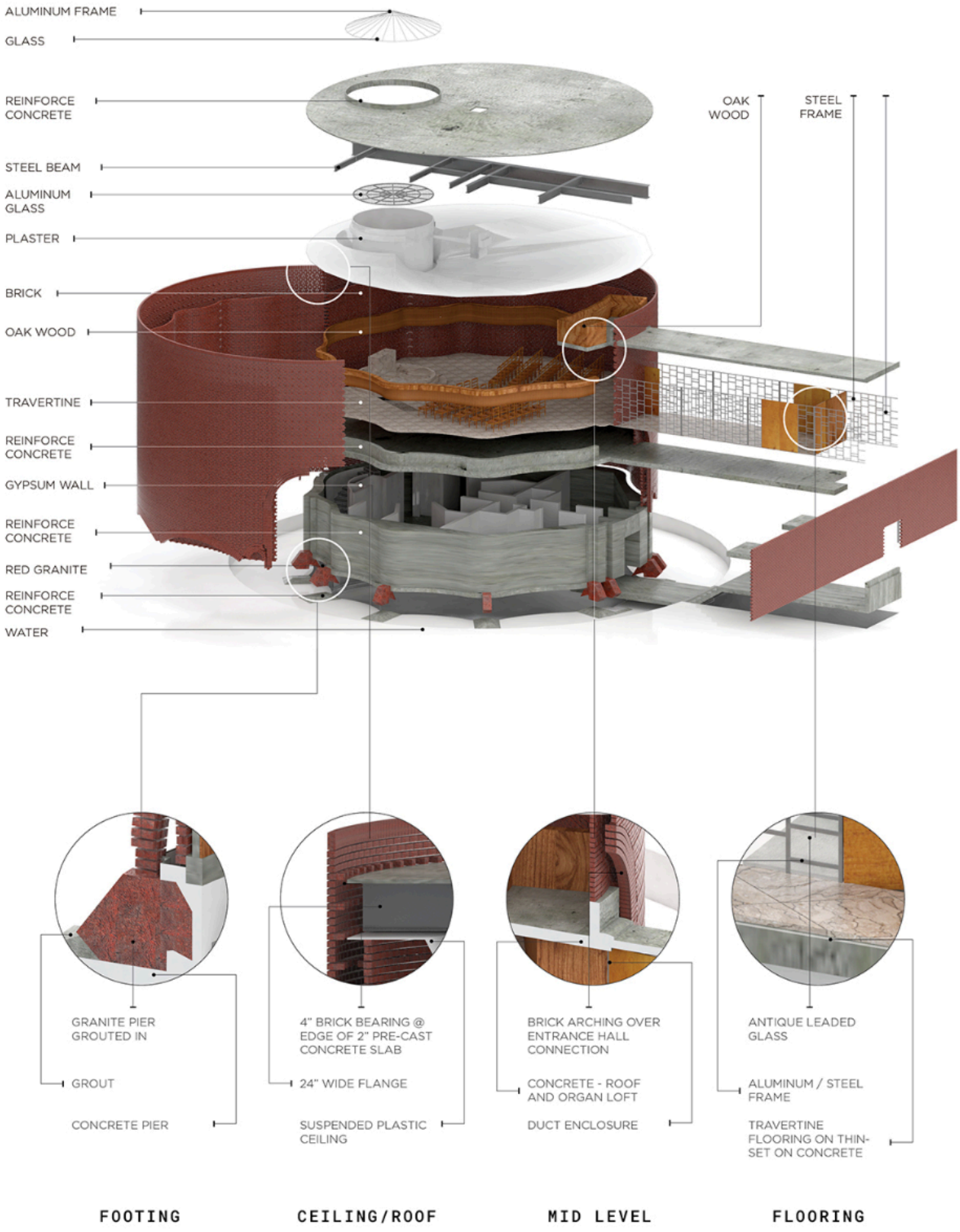
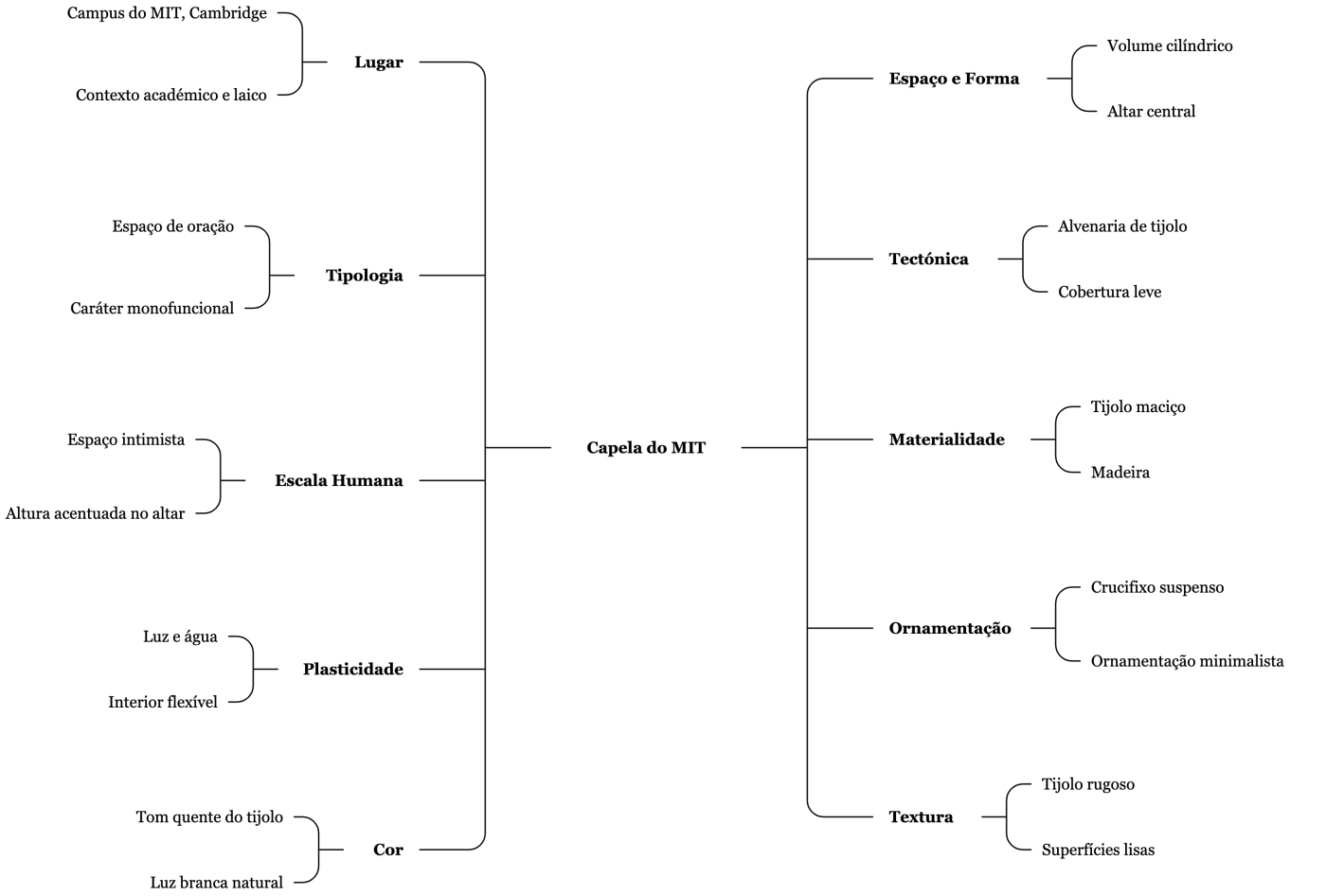


Figura 61 - Modelo tridimensional extrudido

Figura 62 - Diagrama segundo parâmetros de análise da Capela do MIT



Made with Napkin

4.2.2. Álvaro Siza Vieira | Igreja de Santa Maria - Marco de Canaveses, Portugal

Contexto

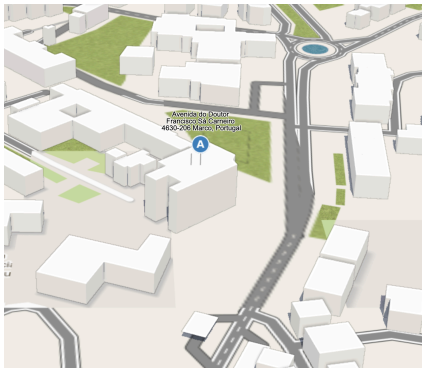


Figura 63 - Localização

O projeto da Igreja de Santa Maria, localizada em Marco de Canaveses, é uma das obras mais emblemáticas do arquiteto português Álvaro Siza Vieira, galardoado com o Prémio Pritzker em 1992. A igreja foi encomendada no final da década de 1990, num momento de renovação do tecido urbano e cultural português após a adesão do país à União Europeia em 1986, que impulsionou investimentos em infra-estruturas e equipamentos públicos. Num contexto em que a arquitetura religiosa contemporânea enfrentava o desafio de se reinventar face ao declínio das práticas litúrgicas tradicionais e à crescente secularização da sociedade europeia, Siza propôs uma resposta profundamente enraizada na essência do espaço sagrado, mas sem recorrer a formas ou símbolos convencionais. A Igreja de Santa Maria, concluída em 1996, surge assim como um paradigma de intervenção arquitetónica que conjuga modernidade, espiritualidade e respeito pela envolvente paisagística.



Figura 64 - Vista aérea

O projeto insere-se num terreno em declive com vistas sobre o vale do rio Tâmega, e é caracterizado por uma linguagem arquitetónica minimalista, de volumes brancos e formas geométricas puras. A nave apresenta cerca de 30m de comprimento e uma secção aproximada de 16,5m, o que coloca a área útil da nave em cerca de 495m². O pé-direito é de 17,5m e contém um teto rebaixado junto ao altar descrito em cerca de 5m (Espaço de Arquitetura, n.d.).

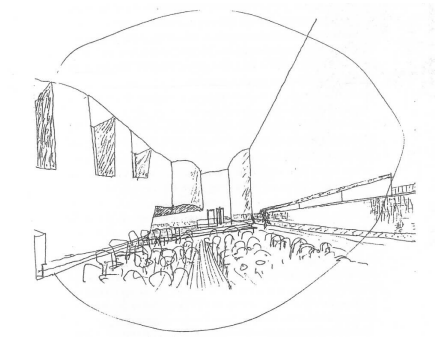


Figura 65 - Esquisso interior

Apesar de se tratar de uma igreja católica, a Igreja de Santa Maria apresenta uma estética e espacialidade que não se limitam a uma iconografia religiosa específica. A ausência de ornamentos, a neutralidade cromática (paredes brancas, pedra cinza, madeira clara, conforme representado nas figuras 68 e 69), e a geometria clara dos volumes criam um ambiente contemplativo que pode ser apropriado por diferentes tradições espirituais. O projeto recusa o excesso e privilegia a experiência corporal e sensorial, uma abordagem que se alinha com a fenomenologia da arquitetura. Segundo Christian Norberg-Schulz, a arquitetura sagrada deve “evocar o espírito do lugar” (Norberg-Schulz, 1979), e Siza fá-lo sem recorrer a dogmas visuais. A luz zenital que banha o altar, o silêncio que emana das superfícies contínuas e a escala que protege sem oprimir cria mum ambiente de recolhimento universal, onde a experiência espiritual não é dirigida, mas sugerida.

Álvaro Siza Vieira (Vieira, 2009), explica a importância do desenho do espaço, transmitindo também os ideais que o levaram à conceção do projeto:

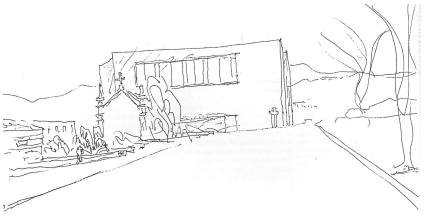


Figura 66 - Esquisso exterior

> "O que considero mais significativo neste projeto, e mais influente, é um debate que existe hoje sobre o espaço da igreja. E quando digo hoje, digo depois do Concílio Vaticano II. Porque as questões significativas da liturgia que afetam o espaço da igreja estão num período de certa instabilidade ou incerteza. Notei a existência de uma primeira fase em que o preponderante na maioria dos projetos realizados é um senso de unidade da assembleia com os celebrantes e uma boa visibilidade: um espaço democrático, por assim dizer. E as soluções foram tendendo para um anfiteatro. O que me parece que dominou essa primeira fase de resposta às modificações conciliares foi a consideração da igreja como um auditório. E aí parece-me, enfim, para a minha maneira de ser, para a minha sensibilidade - que se perdeu algo da atmosfera de uma igreja que é difícil de apagar, porque vem de séculos de realizações. Por um lado, acontece que os edifícios históricos, os maravilhosos edifícios históricos, já não servem muito para o projeto pós-Concílio Vaticano II; mas do meu ponto de vista, não se pode perder tudo isso." (Vieira, 2009, pp. 207–208).

Esta igreja representa uma síntese entre modernidade formal e simbolismo espiritual, demonstrando como é possível repensar o espaço litúrgico através de uma linguagem arquitetónica atual. Além disso, o projeto oferece uma oportunidade ímpar para analisar como o arquiteto lida com os temas da luz, da escala humana, da materialidade e da relação com o lugar, todos elementos centrais na sua obra. A igreja de Siza é, simultaneamente, um espaço de culto e um objeto arquitetónico que suscita contemplação, refletindo uma abordagem humanista e poética da arquitetura. Este estudo de caso permite ainda explorar as interseções entre arquitetura e fenomenologia, já que o projeto convida à experiência sensorial do espaço através da luz, da acústica e da proporção.

Imagens e desenhos técnicos



Figura 67 - Entrada exterior



Figura 68 - Entrada interior



Figura 69 - Imagem interior

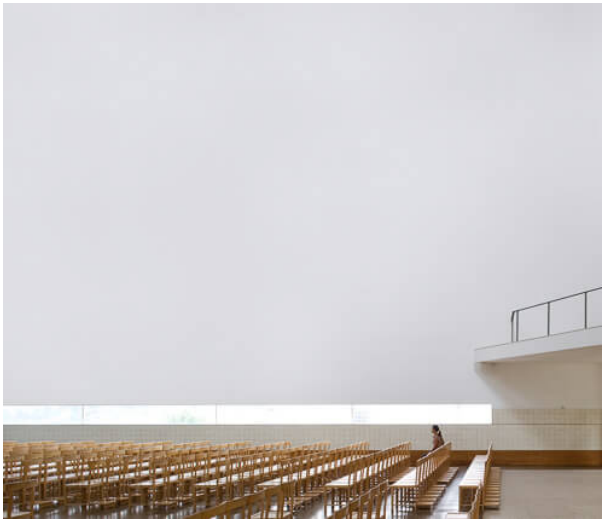


Figura 70 - Janela horizontal



Figura 71 - Imagem exterior



Figura 72 - Imagem exterior

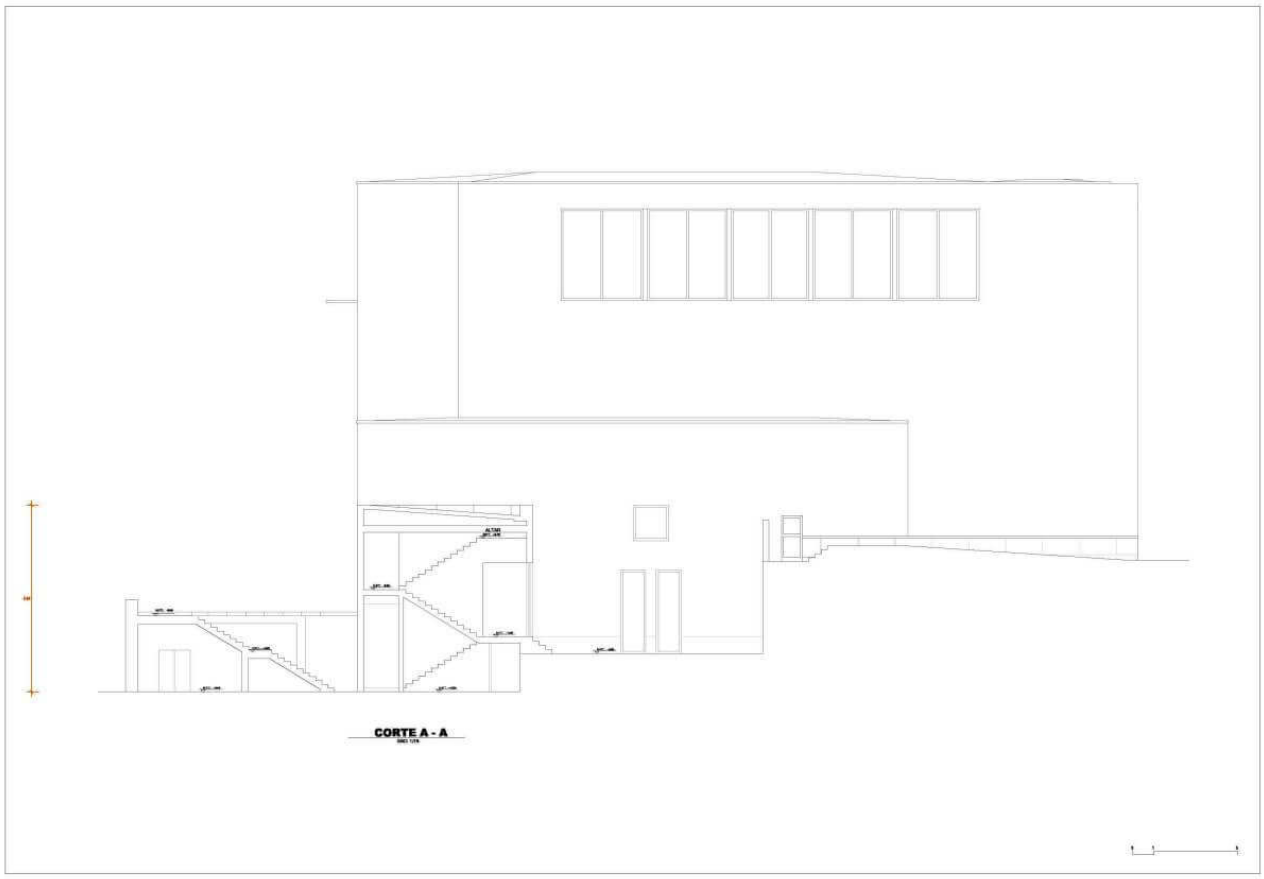


Figura 73 - Secção

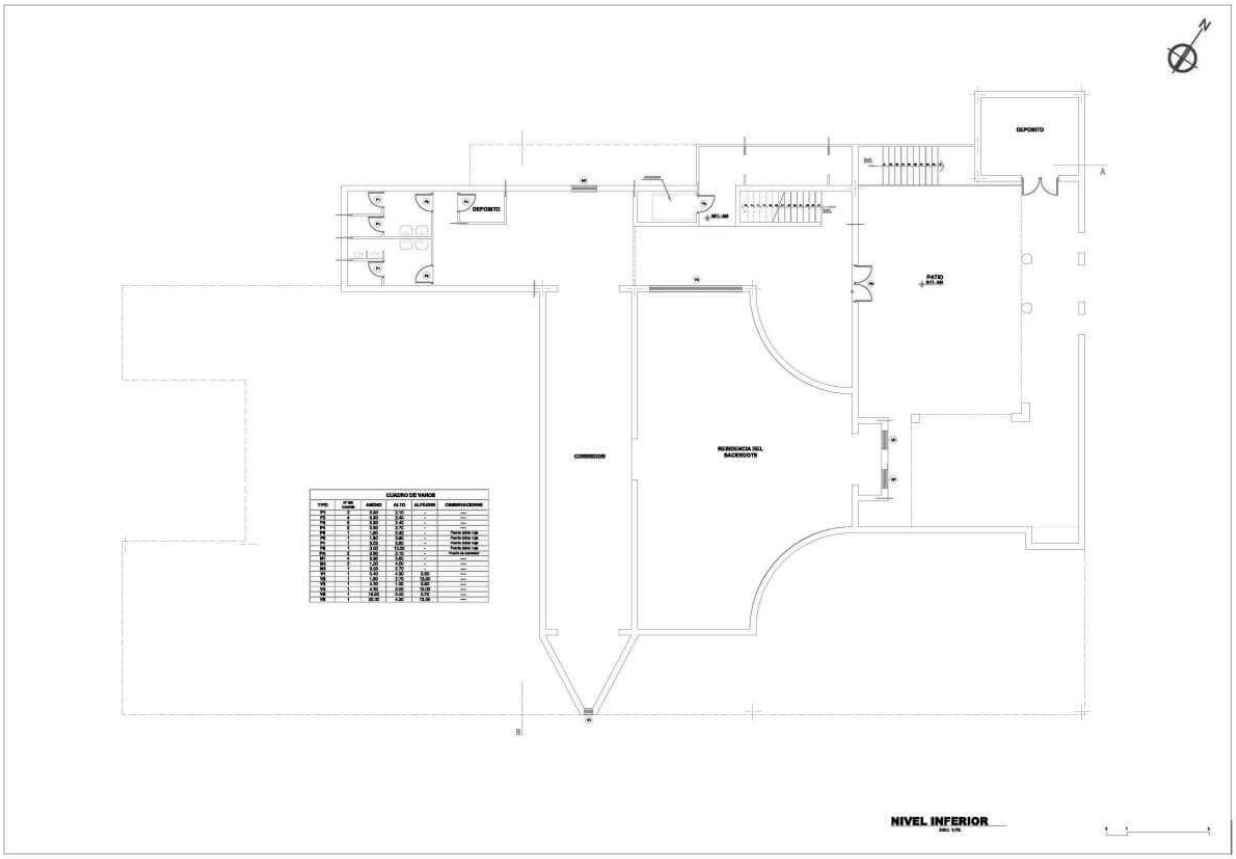


Figura 74 - Planta piso -1

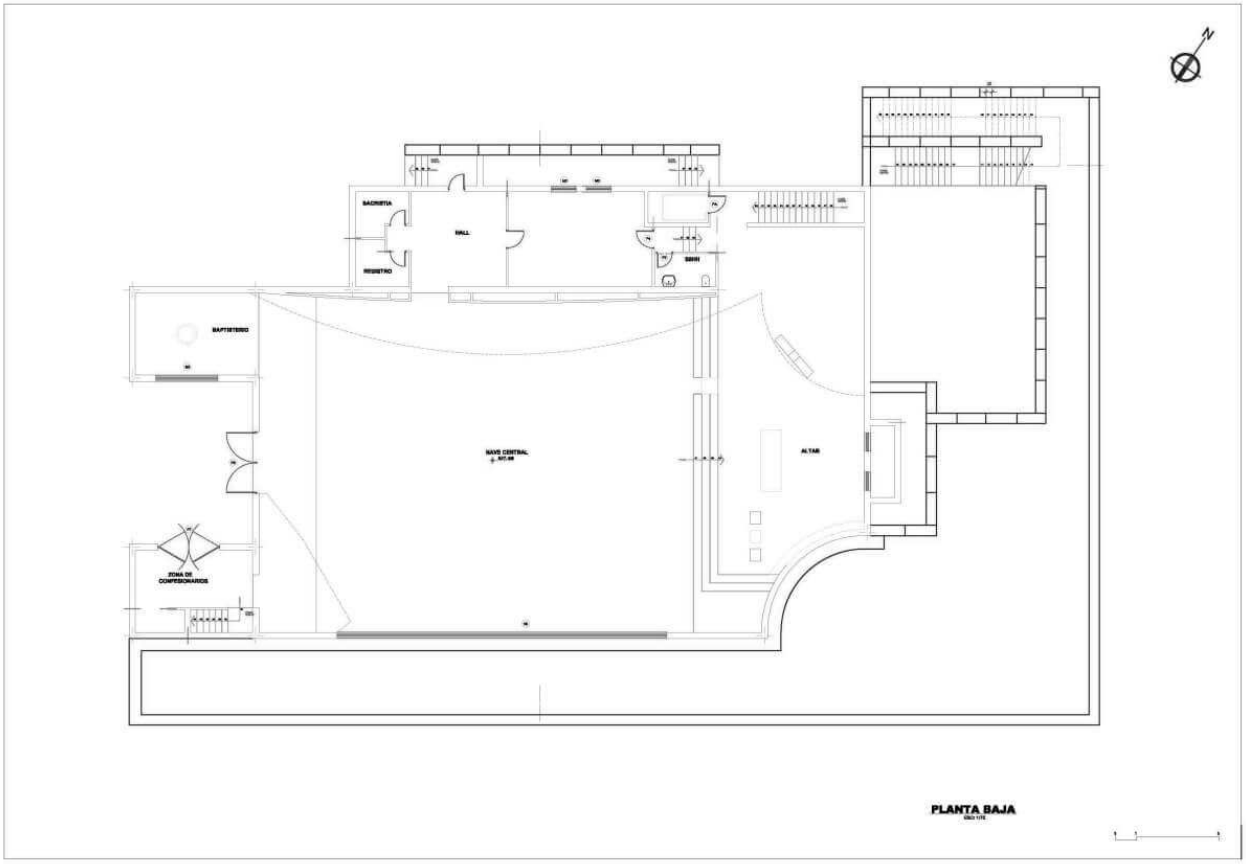


Figura 75 - Planta piso 0

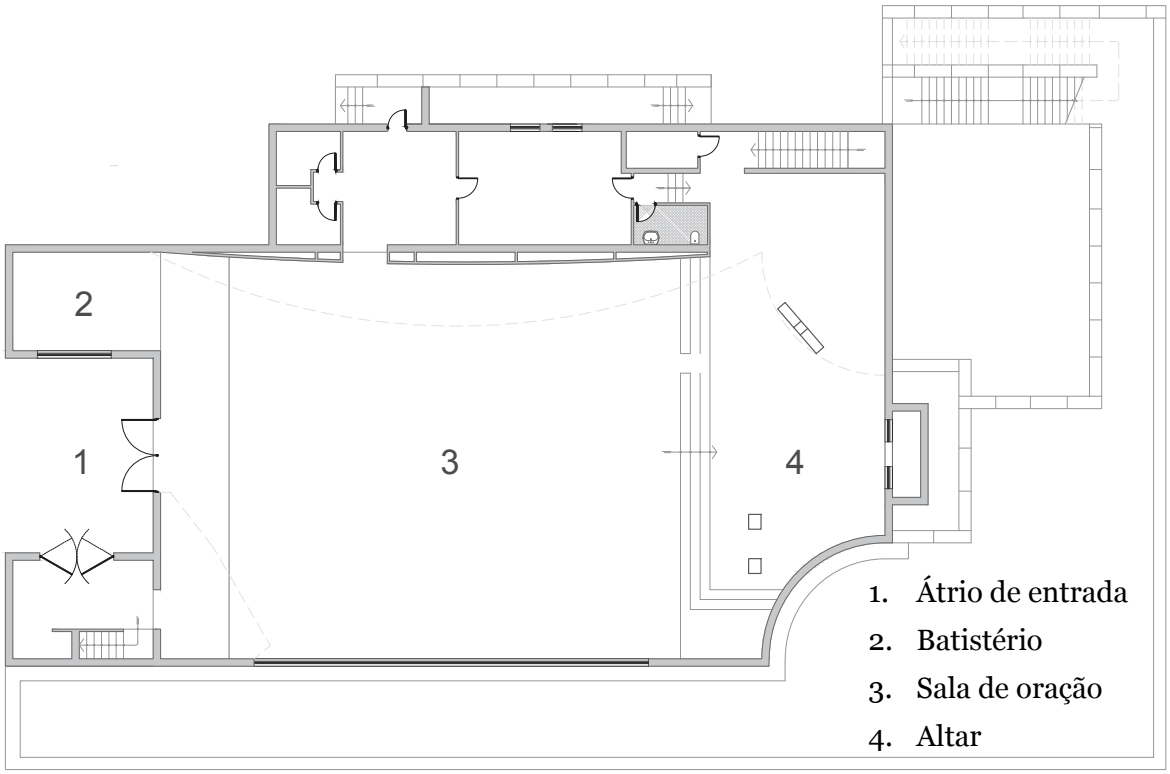
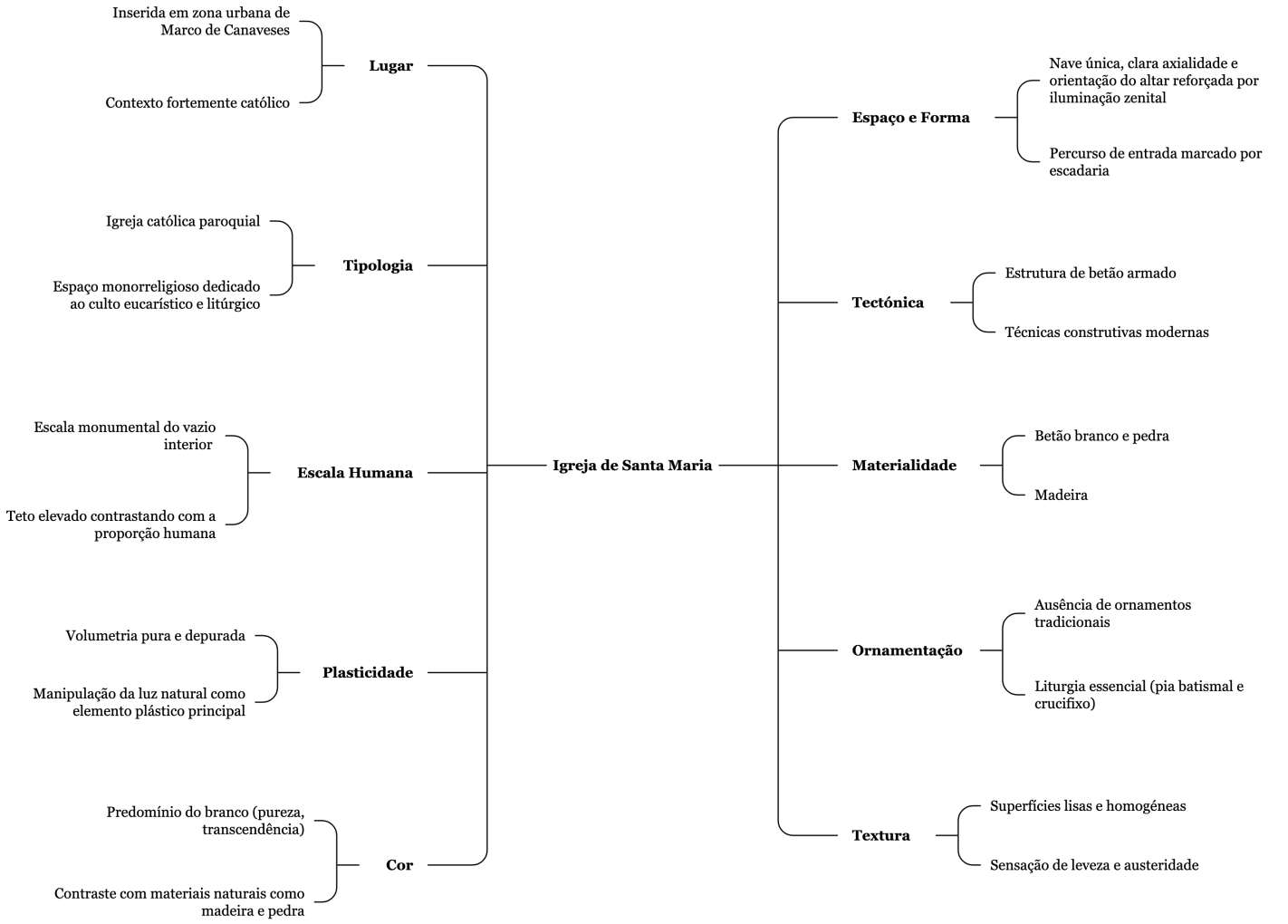


Figura 76 - Análise da planta

Figura 77 - Diagrama segundo parâmetros de análise da Igreja de Santa Maria



Made with Napkin

4.3. Grupo II - Inter-religiosas

4.3.1. Max Abramovitz | Brandeis Chapels - Massachussetts, Estados Unidos da América

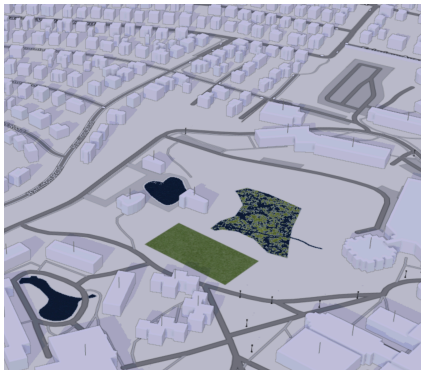


Figura 78 - Localização



Figura 79 - Capela católica

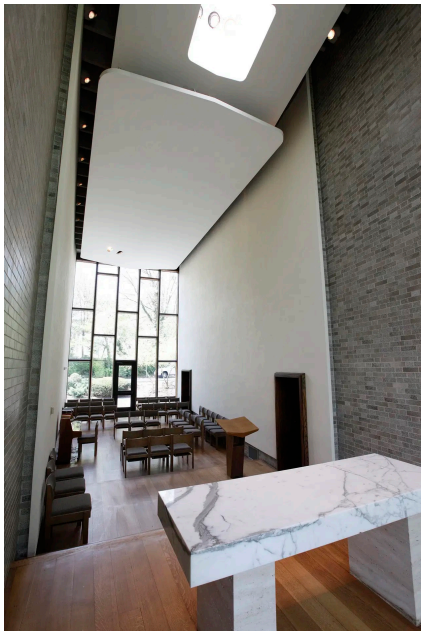


Figura 80 - Capela protestante

Contexto

As *Three Chapels* da Brandeis University (Massachusetts, EUA), inauguradas em 1955 e projetadas pelo arquiteto Max Abramovitz, constituem um marco singular da arquitetura religiosa universitária. A Brandeis University foi fundada em 1948 por membros da comunidade judaica americana, com o objetivo de criar uma universidade não-sectária, mas sensível às causas da liberdade religiosa, justiça social e igualdade. A sua conceção reflete a visão pluralista da instituição, aberta ao diálogo inter-religioso e à convivência ecuménica (Sennott, 2004).

O complexo é composto por três capelas independentes, cada uma dedicada a uma tradição religiosa distinta: judaísmo, catolicismo e protestantismo. Este projeto surgiu num momento pós-Segunda Guerra Mundial, em que se procurava promover o diálogo entre religiões abraâmicas (um reflexo das lições de um mundo marcado pela intolerância e pelo Holocausto). As três capelas materializam, assim, uma arquitetura que celebra a diferença sem segregação, propondo a proximidade física e simbólica das tradições religiosas monoteístas.

Assim, as três capelas constituem não apenas espaços de culto, mas também um manifesto arquitetónico de tolerância religiosa no contexto académico norte-americano do pós-guerra.
Em vez de reunir todos os cultos num único espaço, a proposta arquitetónica valoriza as especificidades de cada tradição, respeitando os seus rituais, símbolos e liturgias.
Max Abramovitz, também arquiteto do Lincoln Center em Nova Iorque, desenhou as três capelas em formas idênticas, mas com elementos simbólicos específicos de cada fé: Bethlehem Chapel (Católica - figura 79); Emmanuel Chapel (Protestante - figura 80); Harlan Chapel (Judaica - figura 81). Estes edifícios estão dispostos num semi-círculo ao redor de um lago, partilhando a mesma base formal e linguagem arquitetónica, mas com interiores e simbologias próprias. Essa disposição revela uma poderosa mensagem: unidade na diversidade, e respeito mútuo entre as religiões. A arquitetura modernista de Abramovitz combina materiais brutos, luz natural e volumes puros, evitando ornamentos dogmáticos, permitindo que o espaço se molde à contemplação e à espiritualidade particular de cada

grupo. É um exemplo de espaço sagrado funcional, simbólico e conciliador. Na capela católica, destaca-se a axialidade do espaço, a presença de altar e sacrário e o uso da luz como elemento simbólico. A capela protestante apresenta maior flexibilidade espacial, privilegiando a assembleia e a pregação, em consonância com a centralidade da palavra na liturgia protestante. A capela judaica distingue-se pela colocação do *Aron Kodesh*, orientado para Jerusalém, e pela simplicidade do espaço de oração, sem imagens figurativas, mas com grande valorização da luz e da acústica.
O conjunto traduz um equilíbrio entre singularidade religiosa e unidade arquitetónica, constituindo um caso exemplar de como a arquitetura pode responder às necessidades de diferentes confissões sem dissolver as suas identidades. Mais do que um espaço de culto, as três capelas são expressão arquitetónica de um multiculturalismo inter-religioso pioneiro, antecipando em décadas os debates contemporâneos sobre espaços multifaith (Kilde, 2002).



Figura 81 - Capela judaica

Embora não tenham sido encontradas plantas, cortes ou outros desenhos técnicos das Brandeis Chapels de Max Abramovitz, a inclusão deste caso de estudo mantém plena pertinência dentro da metodologia comparativa adotada. A relevância do projeto decorre não tanto da sua materialidade mensurável, mas do seu valor concetual e simbólico no contexto da arquitetura inter-religiosa. A análise baseou-se em fontes documentais, registos fotográficos e descrições críticas disponíveis, privilegiando uma leitura fenomenológica do espaço, centrada na perceção sensorial, na atmosfera e na liturgia. Assim, a ausência de dados métricos não constitui uma limitação, mas antes reforça o enfoque da dissertação na compreensão da experiência arquitetónica — na forma como o espaço se torna mediador entre diferentes tradições espirituais, traduzindo princípios de acolhimento, neutralidade e introspeção. Este enquadramento metodológico permite articular a reflexão teórica com a observação empírica, consolidando uma abordagem que privilegia o entendimento do fenómeno espacial e não a análise formal do projeto.



Figura 82 - Imagem exterior

Imagens e desenhos técnicos

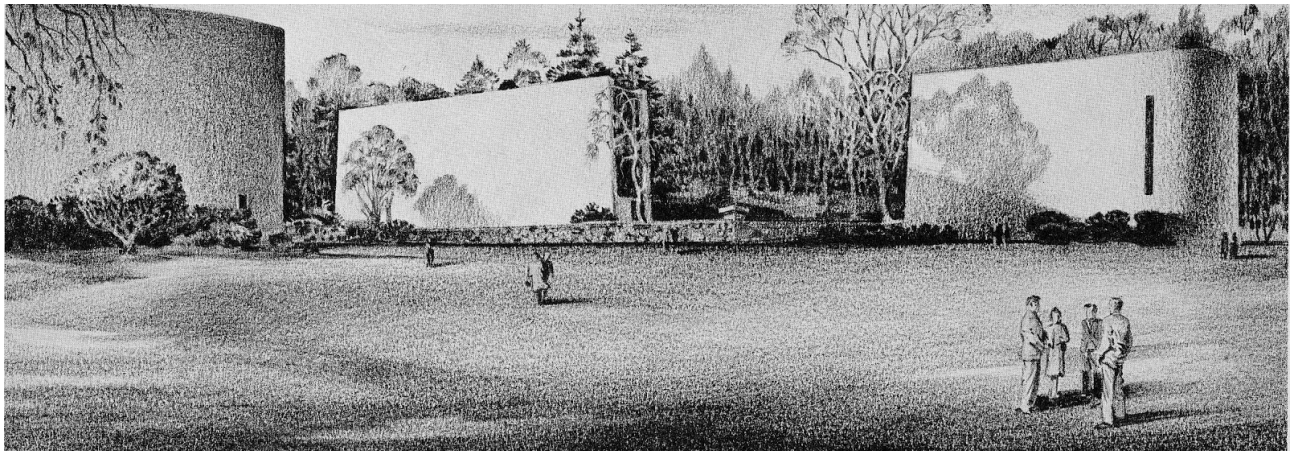


Figura 83 - Esquisso



Figura 84 - Imagem exterior

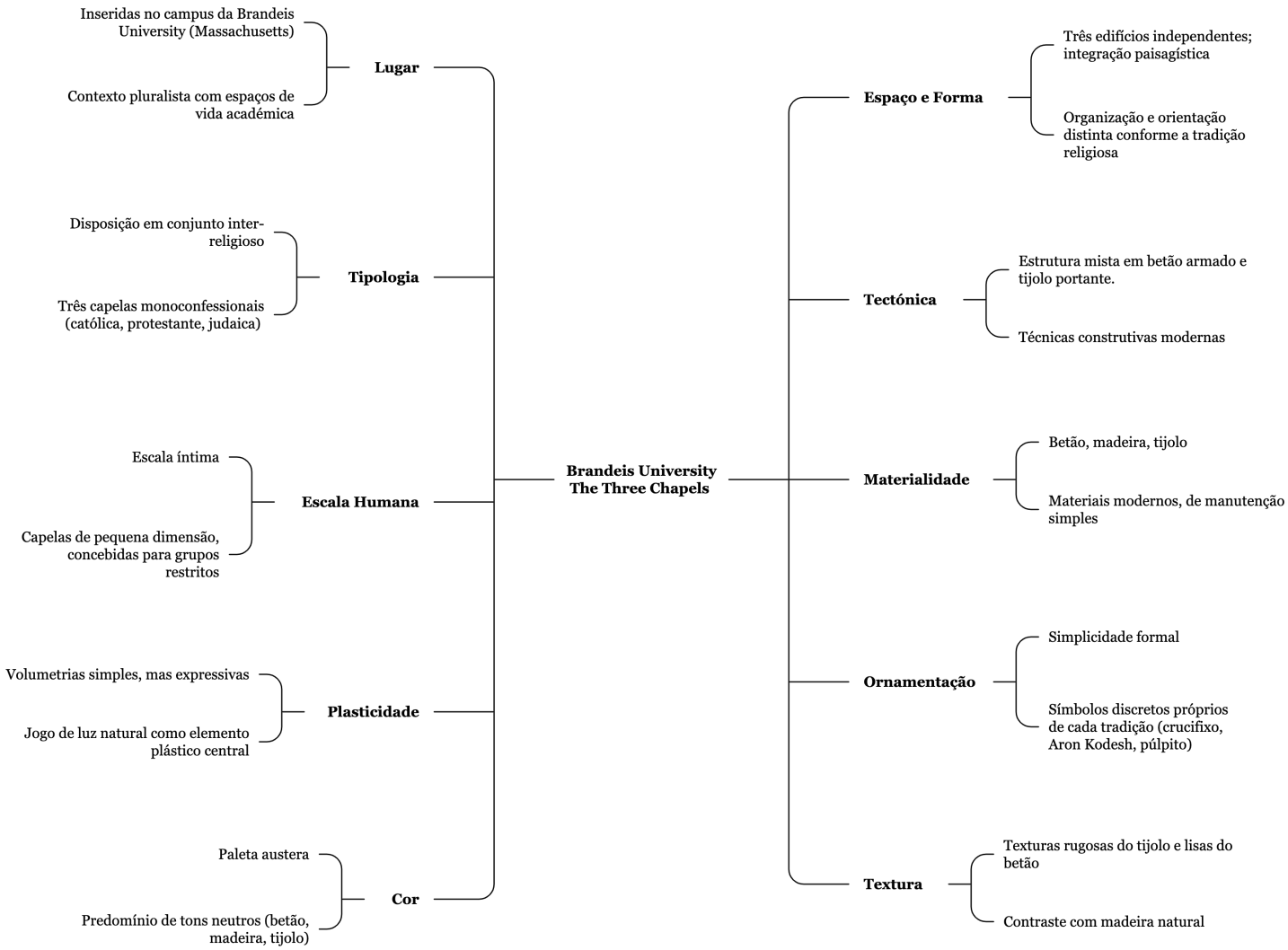


Figura 85 - Imagem exterior



Figura 86 - Imagem exterior

Figura 87 - Diagrama segundo parâmetros de análise das Three Chapels da Brandeis University



Made with Napkin

4.3.2. Adjaye Associates | Abrahamic Family House - Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos

Contexto



Figura 88 - Localização

O Abrahamic Family House, inaugurado em fevereiro de 2023 na ilha cultural de Saadiyat, em Abu Dhabi, constitui um dos exemplos mais emblemáticos da arquitetura inter-religiosa contemporânea. Num mundo marcado por conflitos étnico-religiosos e polarizações crescentes este complexo foi concebido como um gesto histórico que pretende promover uma cultura de diálogo, tolerância e paz entre as religiões abraâmicas. O projeto representa um marco na política cultural e religiosa dos Emirados Árabes Unidos, em consonância com o chamado "Document on Human Fraternity"[1] (anexo 1) assinado em 2019 pelo Papa Francisco e pelo Grande Imã de Al-Azhar, Ahmad al-Tayyeb (Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, 2019).

Como desdobramento arquitetónico desse compromisso ético e espiritual, o projeto da Abrahamic Family House foi comissionado ao arquiteto David Adjaye, que concebeu um conjunto composto por três edifícios religiosos — uma mesquita, uma igreja e uma sinagoga — implantados sobre uma plataforma comum e ligados por um jardim central de encontro e meditação.



Figura 89 - Altar Igreja São Francisco de Assis

Adjaye propõe um projeto onde cada edifício respeita a identidade litúrgica e simbólica da sua tradição religiosa, mas ao mesmo tempo reflete uma linguagem formal comum. As três estruturas partilham proporções semelhantes, materialidade coesa (pedra local), e uma orientação geométrica rigorosa, transmitindo igualdade e respeito mútuo entre as três fés abraâmicas.

A Igreja de São Francisco de Assis é orientada para o leste, iluminada por luz difusa, evocando a linguagem da arquitetura cristã contemporânea com foco na verticalidade simbólica. A Sinagoga Moisés Ben Maimon apresenta elementos como o nicho orientado para Jerusalém e uma grelha de madeira inspirada em pergaminhos da Torá. A Mesquita Imam Al-Tayeb incorpora referências à tradição islâmica com muros perfurados e orientação para Meca, além de um minarete reinterpretado.

Estes três edifícios de culto partilham a base comum de uma plataforma elevada, à qual se acede por uma escadaria única.

[1] documento que apela à paz, ao diálogo e à colaboração entre pessoas de diferentes religiões e culturas, servindo como um guia para promover o respeito mútuo, a solidariedade e a justiça, e para condenar o extremismo, a violência e a guerra.

O centro do conjunto é um jardim intersticial, sem símbolos, aberto à contemplação, encontro e silêncio — um verdadeiro espaço *multifaith* que transcende as identidades formais dos edifícios.

Adjaye enfatiza que o objetivo do projeto é dissolver noções de hierarquia e destacar a universalidade das tradições religiosas, criando um espaço que enriqueça a vida humana. Durante a inauguração da sinagoga, Adjaye expressou a sua emoção ao ver o espaço ser utilizado pela comunidade, destacando a importância de criar ambientes que acolham e inspirem as pessoas. (Zieve, 2023)

Durante o Culture Summit Abu Dhabi[1], Adjaye descreveu o projeto como uma celebração das semelhanças entre as fés, desafiando a arquitetura religiosa tradicional a focar-se nos traços comuns. (Jalal, 2022)

O arquiteto compartilha os desafios de projetar espaços religiosos nos Emirados Árabes Unidos, destacando a importância do projeto para a diplomacia internacional e para a convivência em harmonia. (Kornblatt, 2023)

Rabbi Yehuda Sarna, como rabino-chefe da sinagoga do complexo, Sarna participou ativamente na conceção do espaço. Em interações públicas, expressou o seu entusiasmo pela colaboração inter-religiosa e pela oportunidade de criar um espaço que respeite e celebre as tradições judaicas dentro de um contexto multi-confessional. (Zieve, 2023)

Imam Al-Tayeb e o Papa Francisco, embora não diretamente envolvidos no desenho arquitetónico, foram ambos fundamentais na criação do Documento sobre a Fraternidade Humana (Anexo I), que inspirou o projeto. Este documento visa promover a paz e o diálogo entre as religiões, sendo a Abrahamic Family House uma materialização desses princípios.



Figura 90 - Interior Igreja São Francisco de Assis

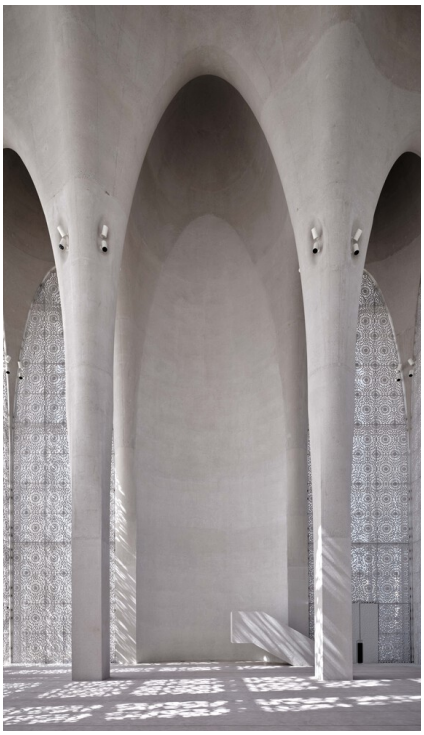


Figura 91 - Pormenor arcadas Mesquita Imam Al-Tayeb



Figura 92 - Jardim

[1] fórum global anual que reúne líderes internacionais de artes, cultura, tecnologia, património e outras áreas para discutir como a cultura pode impulsionar a transformação social e comunitária.

Imagens e desenhos técnicos



Figura 93 - Interior Sinagoga



Figura 94 - Igreja



Figura 95 - Sinagoga



Figura 96 - Mesquita



Figura 97 - Imagem do conjunto

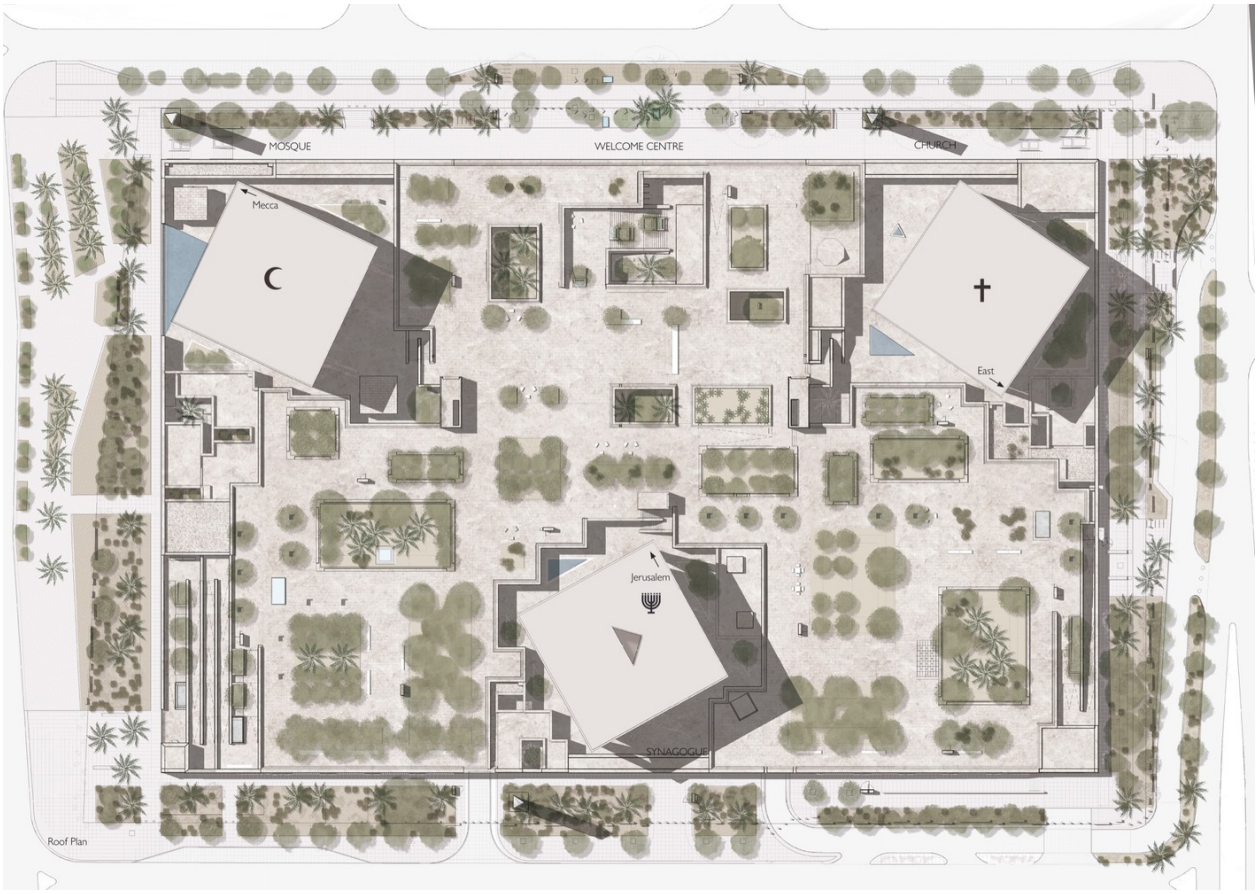


Figura 98 - Planta cobertura

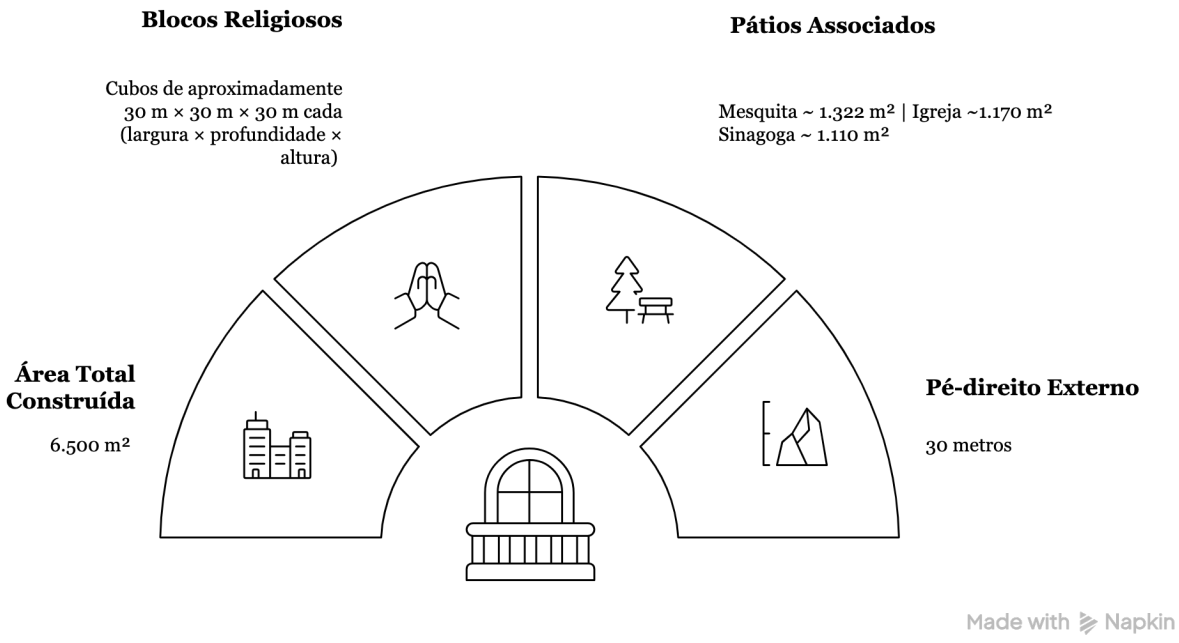
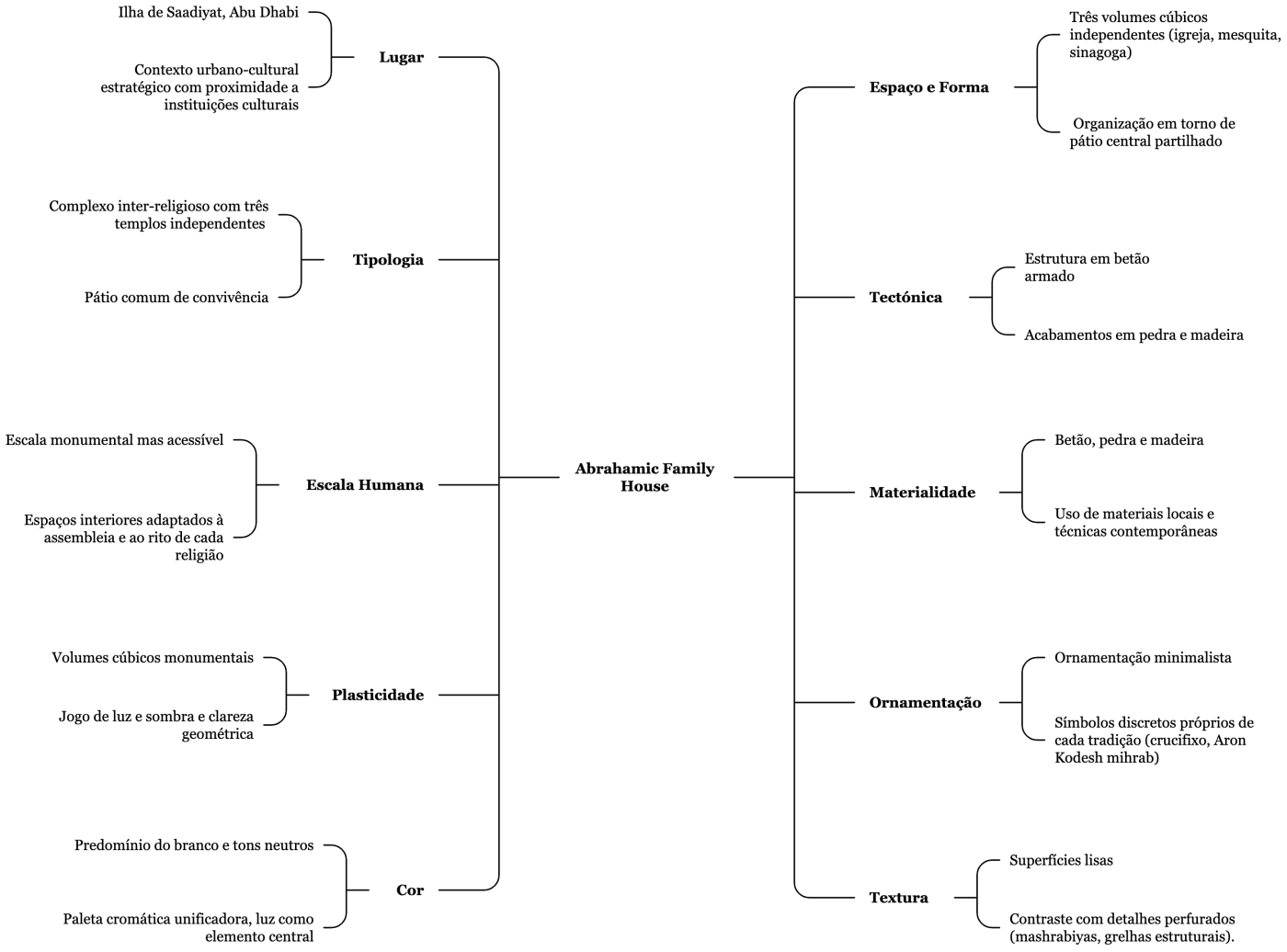


Figura 99 - Componentes da parcela

Figura 100 - Diagrama segundo parâmetros de análise da Abrahamic Family House



Made with Napkin

4.4. Grupo III - *Multifaith*

4.4.1. Moshe Safdie | The Class of 1959 Chapel - Massachusetts, Estados Unidos da América

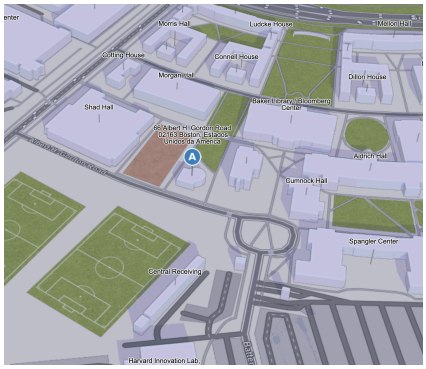


Figura 101 - Localização

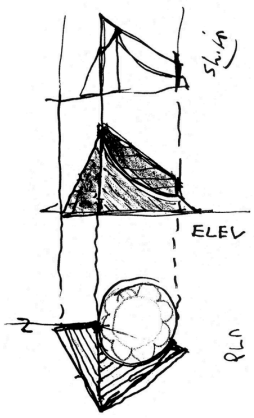


Figura 102 - Esquisso



Figura 103 - Pormenor materialidade

Contexto

No final da década de 1980, a Harvard Business School identificou a necessidade de criar um espaço para contemplação, silêncio e rituais, um lugar de pausa no centro de um campus voltado à competitividade, inovação e desempenho.

A proposta partiu da própria turma de 1959, que financiou a capela como forma de oferecer à comunidade académica um espaço espiritualmente inclusivo, desvinculado de qualquer religião específica.

O projeto foi confiado ao arquiteto Moshe Safdie, cuja trajetória eclética cruza constantemente espiritualidade, geometria e lugar. A The Class of 1959 Chapel foi inaugurada em 1992, num momento em que a arquitetura sacra contemporânea começava a explorar novos paradigmas, superando os modelos confessionais tradicionais e abrindo-se à diversidade religiosa e filosófica. Este projeto inseriu-se assim numa linha inovadora de espaços espirituais académicos, onde o silêncio e a luz tomam o lugar de imagens ou doutrinas.

A capela de Safdie em Harvard é muitas vezes referida como uma capela multi-confessional[1], mas a sua verdadeira natureza ultrapassa categorias simples: ela é, antes de mais, um espaço fenomenológico, desenhado para provocar introspeção, contemplação e presença.

O desenho da capela procura conciliar duas intenções aparentemente contraditórias: ser um espaço liturgicamente funcional e, simultaneamente, neutral em termos simbólicos.

A ausência de ícones religiosos fixos permite que a capela seja adaptada às necessidades de diferentes confissões, constituindo-se como um espaço verdadeiramente polivalente do ponto de vista espiritual (Safdie, 2015). Do ponto de vista arquitetónico, destaca-se a integração paisagística. A capela está implantada junto a um espelho de água e rodeada por vegetação, criando uma atmosfera de recolhimento e serenidade que transcende a especificidade religiosa. Esta relação com a natureza reflete a preocupação de Safdie em ligar a experiência espiritual ao meio ambiente, característica presente em vários dos seus projetos.

[1] caracterizado pela existência de, múltiplas confissões religiosas numa mesma sociedade ou região.

A forma circular e o uso da luz natural constituem um caráter universal que não se baseia na neutralidade, mas sim numa expressividade contida que evoca o sagrado através da proporção, da escala, do ritmo e do silêncio. O espaço é pequeno, mas envolvente. A altura máxima interna do volume cilíndrico principal do santuário é de aproximadamente 8,2 metros.

O exterior de tijolo responde ao contexto do campus; o interior, em madeira clara e betão, é austero e acolhedor ao mesmo tempo. A cúpula suspensa, cortada por uma clarabóia, permite que a luz vertical desça diretamente sobre o centro do espaço, aludindo à ideia de transcendência sem a ilustrar. A ausência de altar, cruz ou qualquer referência religiosa específica transforma a capela num lugar de abertura, acessível a todas as crenças.

Numa conversa com Mahesh Daas, Safdie discutiu a sua abordagem no desenho de espaços contemplativos, enfatizando a importância de criar ambientes que promovam introspecção sem recorrer a símbolos religiosos explícitos (Safdie, 2023).

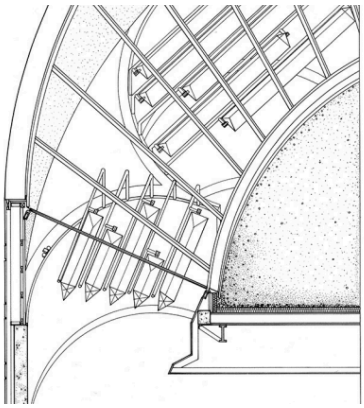


Figura 104 - Pormenor construtivo



Figura 105 - Entrada do edifício

Imagens e desenhos técnicos



Figura 106 - Interior do edifício



Figura 107 - Imagem exterior



Figura 108- Interior do edifício



Figura 109 - Interior do edifício



Figura 110 - Exterior do edifício

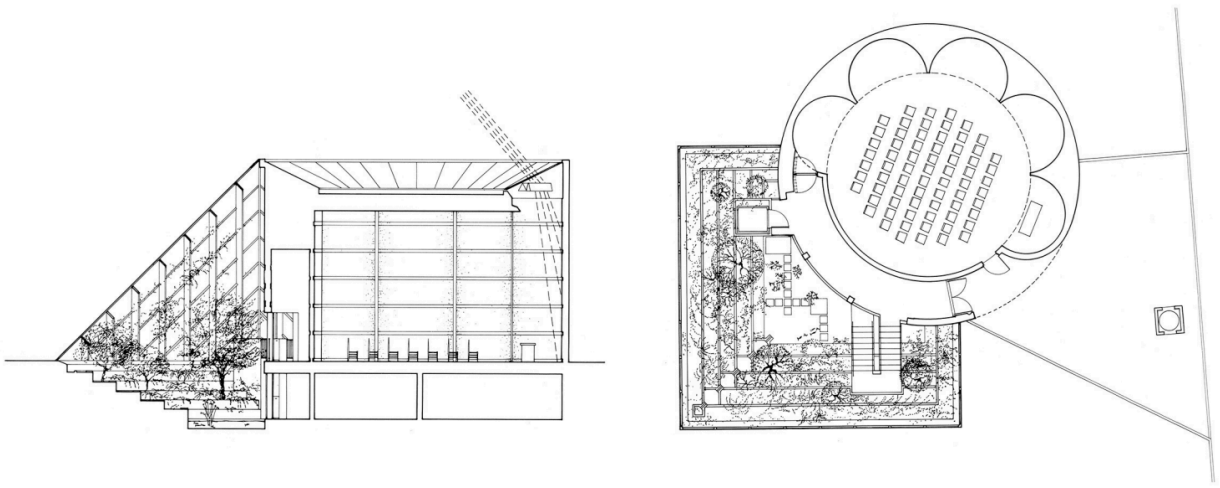
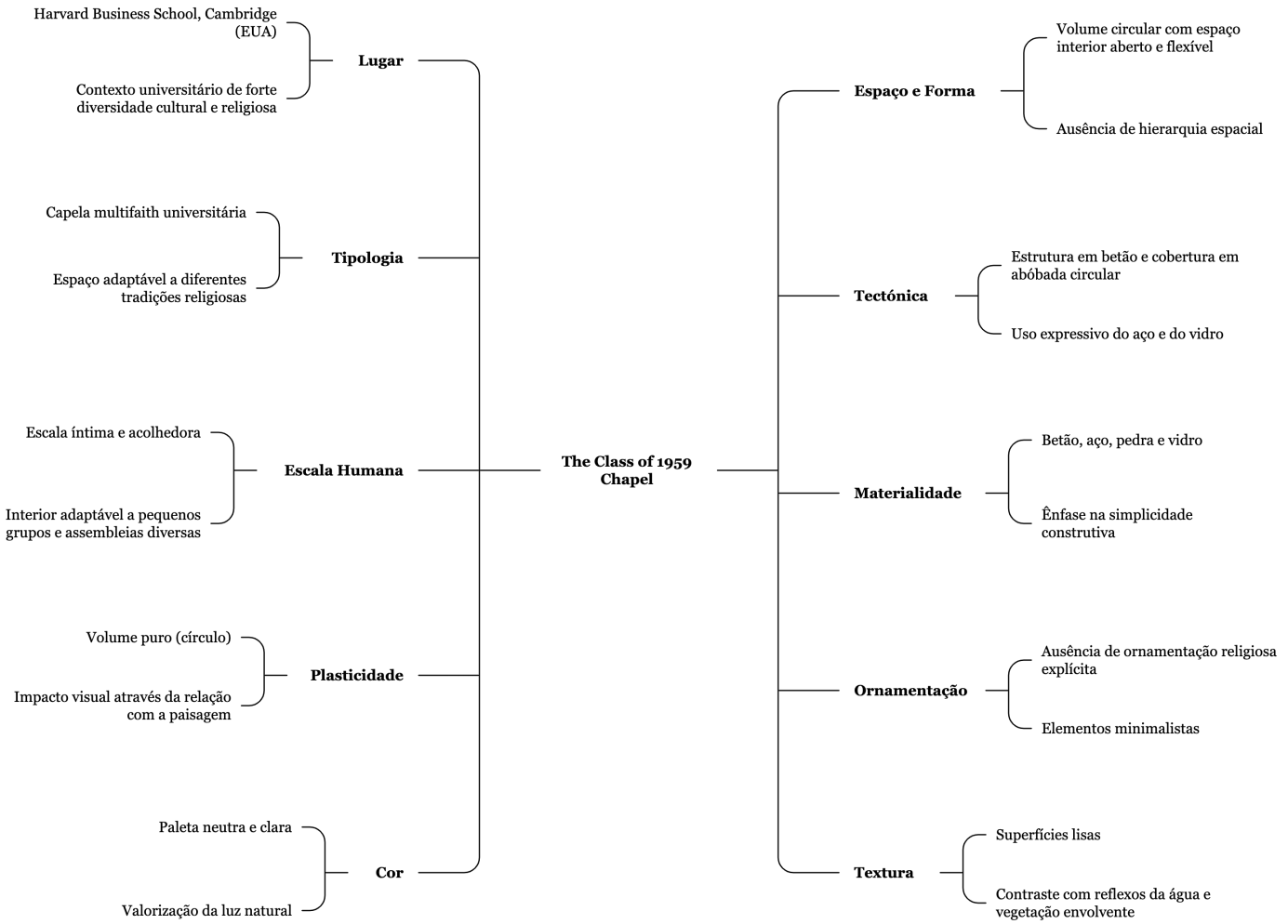


Figura 111 - Secção e planta do edifício

Figura 112 - Diagrama segundo parâmetros de análise da The Class of 1959 Chapel



Made with Napkin

4.4.2. ACM & Aeroporto de Lisboa | Sala *multifaith* no aeroporto de Lisboa - Lisboa, Portugal

Contexto



Figura 113 - Localização



Figura 114 - Decoração interior



Figura 115 - Espaço de culto

A inauguração da sala *multifaith* no Aeroporto de Lisboa, a 21 de junho de 2022, representa um marco importante no reconhecimento oficial da diversidade religiosa em contextos públicos portugueses. Esta iniciativa, promovida pela ACM - Alta Comissariado para as Migrações juntamente com o Aeroporto de Lisboa, representa um esforço concreto de inclusão num espaço de grande tráfego e diversidade cultural.

Todavia, a implementação do espaço reflete globalmente as limitações da tipologia "espaço neutro": embora cumpra a função prática, a sua arquitetura tende a ser anódina, uma sala que, segundo Andrew Crompton (2013), acabaria por se tornar estéril, desprovida de aura, e com limitações visíveis. A neutralidade, longe de salvar conflitos, corre o risco de dissolver o próprio espírito do sagrado, tornando o espaço funcional mas vazio. Em Lisboa, essa sala cumpre bem os requisitos práticos (oriente-se, abluções, orações breves), mas falha em provocar uma presença atmosférica mais profunda, tal como desafia a arquitetura espiritual que se debateu nos capítulos anteriores.

Ainda assim, este caso ganha plena relevância nesta dissertação, estando inserido no contexto português, permitindo analisar criticamente as limitações sensoriais e simbólicas do conceito *multifaith*. Funciona como contraponto claro ao projeto apresentado anteriormente, Class of 1959 Chapel, unindo o depoimento arquitetónico e o contexto real.

A análise do caso do Aeroporto de Lisboa evidencia uma questão central e incontornável no debate sobre os espaços *multifaith*: a inexistência de uma abordagem arquitetónica intencional e consistente, substituída, na maioria dos casos, por soluções improvisadas e meramente funcionais. Embora a adaptação de salas neutras em aeroportos, hospitais ou universidades possa ser entendida como uma resposta pragmática à diversidade contemporânea, tais espaços carecem de densidade simbólica, de atmosfera e de uma verdadeira identidade arquitetónica capaz de sustentar a experiência espiritual. O problema que emerge não é apenas arquitetónico, mas também cultural e social. A ausência de uma reflexão aprofundada sobre o desenho destes lugares traduz-se em ambientes que, apesar de funcionais, não oferecem condições adequadas para a prática das diferentes tradições religiosas. Andrew Crompton (2013) caracteriza-os como "salas brancas" ou "espaços estéreis", cuja neutralidade excessiva anula a

experiência espiritual. Esta crítica ecoa em diversos utilizadores que se sentem alienados, em vez de acolhidos, nestes ambientes.

É neste ponto que reside uma das tensões mais relevantes da contemporaneidade: como criar espaços inclusivos sem descaracterizar a essência cultural dos lugares? A construção de sinagogas ou mesquitas em contextos quase exclusivamente católicos, ou vice-versa, pode provocar o efeito inverso ao desejado, desprover o lugar da sua identidade histórica e espiritual. No entanto, a ausência de qualquer resposta arquitetónica dedicada à diversidade multi-religiosa conduz a uma exclusão silenciosa, em que os praticantes de diferentes tradições são remetidos para espaços marginais, muitas vezes escondidos e desprovidos de significado. Defender a construção de espaços *multifaith* não é negar a importância da tradição ou da identidade local, mas reconhecer que a realidade social contemporânea exige soluções capazes de articular tradição e diversidade. Estes espaços são, portanto, urgentes e essenciais, não apenas como lugares funcionais de oração, mas como símbolos arquitetónicos de convivência, hospitalidade e diálogo inter-religioso. O seu desenho deve ser cuidado e consciente, explorando a materialidade, a luz, a acústica e a atmosfera para que o utilizador, independentemente da sua fé, possa sentir-se espiritualmente conectado. No caso português, a lacuna é particularmente evidente. Apesar do crescente pluralismo religioso, quase não existem exemplos de espaços *multifaith* pensados arquitetonicamente. As soluções encontradas, como a do Aeroporto de Lisboa, são representativas de uma resposta insuficiente, mais próxima da gestão de fluxos de passageiros do que da promoção da espiritualidade e da coexistência. Este vazio reforça a pertinência desta dissertação, ao estudar, problematizar e propor reflexões sobre a arquitetura *multifaith*, contribui-se para preencher uma ausência no panorama nacional e internacional, ao mesmo tempo que se abre caminho para uma arquitetura que não seja apenas abrigo funcional, mas também lugar de encontro, transcendência e comunidade.

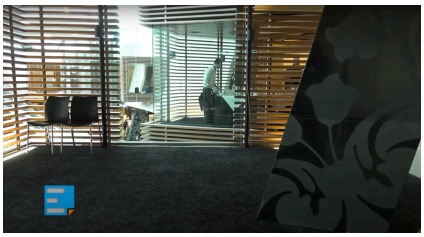
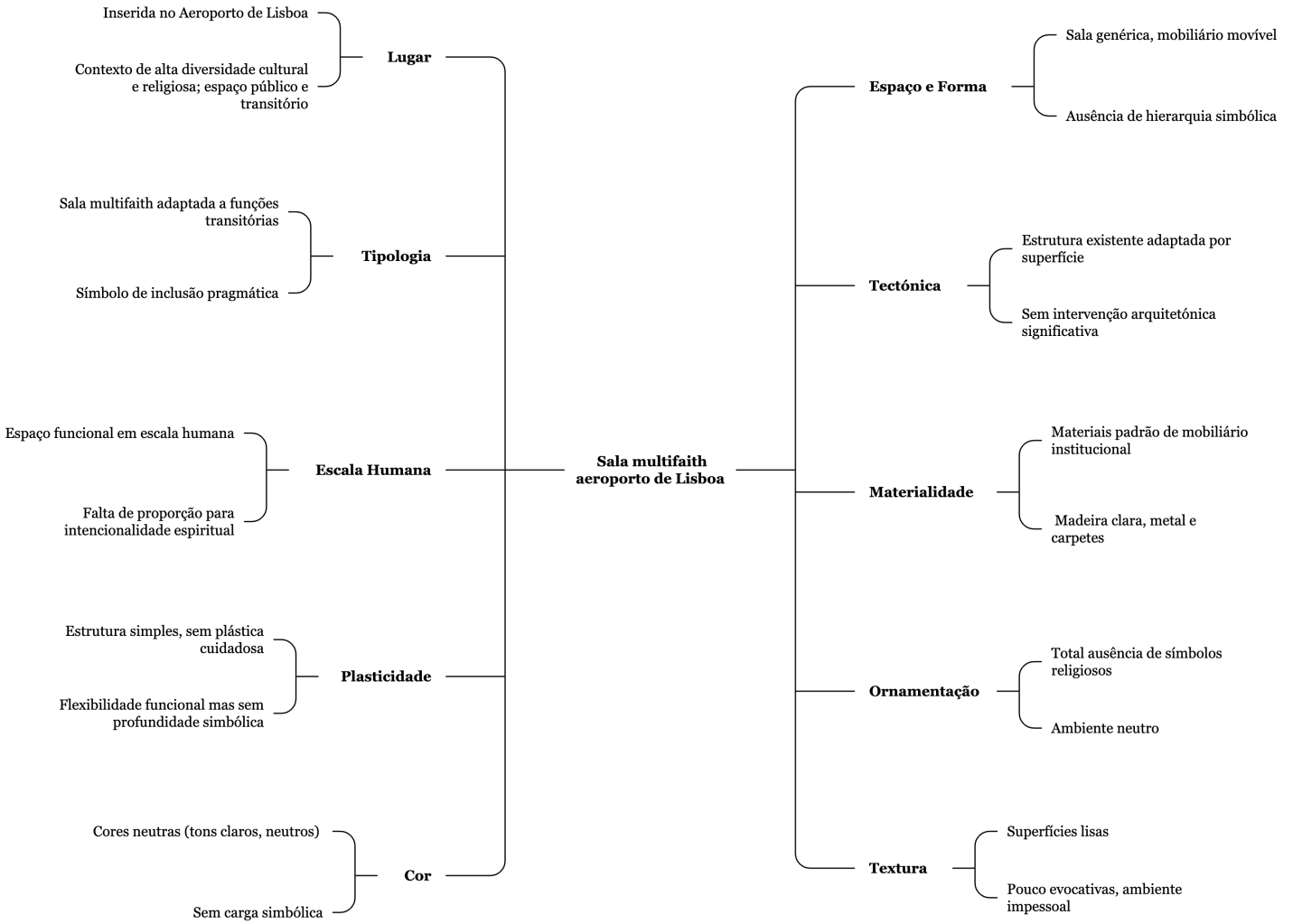


Figura 116 - Espaço interior



Figura 117 - Armazenamento

Figura 118 - Diagrama segundo parâmetros de análise da Sala *Multifaith* do aeroporto de Lisboa



Made with Napkin

A análise comparativa dos estudos de caso permitiu identificar tendências convergentes e divergentes na conceção de espaços espirituais contemporâneos, revelando de que forma a arquitetura pode mediar a experiência entre o sagrado e o profano. Observou-se que a procura por neutralidade simbólica, o uso intencional da luz natural, a integração paisagística e a flexibilidade espacial constituem princípios recorrentes na criação de ambientes propícios à introspeção e ao encontro entre diferentes tradições religiosas. Estes elementos, ainda que interpretados de modo singular por cada arquiteto e contexto cultural, evidenciam uma preocupação comum com a humanização do espaço e a abertura à diversidade espiritual.

Deste modo, a análise empírica reforça a fundamentação teórica desenvolvida nos capítulos anteriores, demonstrando que a espiritualidade contemporânea tende a manifestar-se em espaços que privilegiam a simplicidade formal e a ambiguidade simbólica, mais do que em signos confessionais explícitos. Estas conclusões sustentam a construção do quadro de diretrizes projetuais apresentado no capítulo seguinte, no qual se sistematizam as correlações entre teoria e prática, consolidando os contributos desta investigação para a conceção de espaços *multifaith* inclusivos, neutros e fenomenologicamente significativos.



CAPÍTULO V - CORRELAÇÃO

5.1. Da teoria à prática: continuidade e ruturas

Dando sequência à análise empírica dos estudos de caso, este capítulo apresenta a interpretação dos resultados obtidos, estruturando uma leitura comparativa entre as diferentes tipologias e contextos estudados. Através dos critérios previamente definidos, procura-se compreender as relações entre intenção arquitetónica e experiência espiritual. Este processo de síntese visa não apenas confirmar tendências identificadas, mas também formular princípios universais aplicáveis à conceção de espaços de culto *multifaith*.

A fundamentação teórica demonstrou que a noção de espaço sagrado é indissociável da sua carga simbólica, da sua função ritual e do seu enraizamento cultural. Autores como Eliade (1957/1992) enfatizaram a dialética entre espaço profano e espaço sagrado, enquanto Tuan (1977) e Norberg-Schulz (1980) exploraram a dimensão existencial e fenomenológica da espiritualidade nos lugares arquitetónicos.

> "A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Onde quer que o sagrado se manifeste, o espaço deixa de ser homogéneo, passando a estar qualitativamente diferenciado. É essa diferenciação que permite ao homem religioso situar-se no cosmos e reconhecer o seu lugar" (Eliade, 1992, p. 20).

Complementarmente, Tuan (1977) introduz a noção de topofilia — o vínculo afetivo entre pessoa e lugar —, reforçando que o espaço só se torna significativo quando é vivido e experienciado. Da mesma forma, Norberg-Schulz (1980) argumenta que a arquitetura é a materialização do *genius loci*, a manifestação tangível do "espírito do lugar". Assim, a espiritualidade do espaço não depende apenas da função religiosa, mas da capacidade do lugar em comunicar permanência, pertença e transcendência.

Contudo, os estudos de caso analisados evidenciam uma tensão contemporânea que desafia estes princípios: a procura de formas arquitetónicas universais e neutras capazes de acolher múltiplas tradições espirituais corre o risco de gerar espaços desprovidos de densidade simbólica, reduzidos a dispositivos funcionais sem identidade. Este é o paradoxo central da arquitetura *multifaith*: como criar um espaço que inclua a diferença sem a dissolver?

A MIT Chapel de Eero Saarinen (1955) exemplifica uma continuidade reinterpretada da tradição simbólica. Embora desprovida de iconografia explícita, o espaço atinge uma intensidade espiritual através da luz, da geometria e da materialidade. A descida progressiva desde o nível do solo até à capela circular subterrânea é um gesto de introspeção, que culmina na iluminação zenital sobre o altar, uma hierofania contemporânea, onde o sagrado é revelado através da arquitetura e não de símbolos religiosos. Saarinen demonstra que o espaço espiritual moderno pode emergir da síntese entre racionalidade construtiva e emoção sensorial, entre silêncio e presença.

Por sua vez, a Abrahamic Family House (Adjaye Associates, 2023) representa uma abordagem inter-religiosa que equilibra identidade e universalidade. Cada edifício (igreja, mesquita e sinagoga) mantém a integridade formal e simbólica da sua tradição, mas insere-se num conjunto coeso, unificado por uma linguagem material e volumétrica comum. A proximidade física dos três templos constitui uma metáfora arquitetónica do diálogo entre fés, sugerindo que a diferença pode coexistir sem hierarquia. Este projeto demonstra que a coexistência simbólica não depende da fusão das tradições, mas do respeito pela sua autonomia dentro de uma estrutura de hospitalidade.

Em contraste, as salas *multifaith* em aeroportos e instituições seculares, como o caso do Aeroporto de Lisboa, revelam a face mais pragmática, e problemática, da neutralidade. A sua conceção utilitária, frequentemente desprovida de intencionalidade estética ou simbólica, responde à necessidade de um espaço de recolhimento plural, mas falha em traduzir a dimensão espiritual da experiência. Nesses contextos, a arquitetura tende a desaparecer enquanto mediadora, transformando o espaço sagrado num lugar genérico e desprovido de presença. O que se ganha em inclusão perde-se em profundidade.

A comparação entre estes casos demonstra que o sagrado contemporâneo não se manifesta apenas pela pertença religiosa, mas pela intensidade da experiência espacial. Peter Zumthor (2006) recorda que a atmosfera é o primeiro e mais poderoso instrumento da arquitetura, e que o espaço se torna espiritual quando desperta silêncio, emoção e atenção. Assim, o desafio atual não é escolher entre o simbólico e o neutro, mas encontrar um novo léxico arquitetónico da espiritualidade, onde a luz, o tempo, o som e a materialidade funcionem como mediadores entre o humano e o transcendente.

Estas diferentes abordagens revelam uma tensão estrutural entre universalidade e identidade, entre o desejo de inclusão e a necessidade de significado, que constitui o cerne da arquitetura espiritual contemporânea. A síntese entre estes polos, nem totalmente neutra, nem inteiramente ritualizada, define o caminho possível para a arquitetura *multifaith*: um espaço de pertença plural, onde o sagrado emerge não de um credo, mas da própria qualidade fenomenológica do lugar.

5.2. O espaço neutro em confronto com o espaço ritualizado

O Capítulo II identificou o dilema central da arquitetura *multifaith*: até que ponto a neutralidade pode substituir o caráter ritual e simbólico sem desproporcionar a experiência? Nos casos analisados, observa-se que a neutralidade absoluta não se traduz necessariamente em inclusão. A neutralidade arquitetónica é frequentemente apresentada como solução inclusiva. No entanto, como argumenta Crompton (2013):

> "Espaços *multifaith*, particularmente em instituições seculares como aeroportos e universidades, resultam frequentemente em projetos tão desprovidos de conteúdo simbólico que correm o risco de se tornarem espiritualmente estéreis. A ausência de referências simbólicas não garante necessariamente a inclusão; em vez disso, pode criar uma sensação de ausência de lugar, onde nenhuma comunidade se sente verdadeiramente em casa" (p. 480).

Os espaços monorreligiosos, como a Igreja de Santa Maria de Álvaro Siza, demonstram o contrário: mesmo num contexto católico específico, a experiência espiritual é intensificada pela materialidade, pela manipulação da luz e pelo rigor do desenho. Este contraste revela que a arquitetura *multifaith* enfrenta o desafio de construir atmosferas igualmente densas, mas sem recorrer aos elementos litúrgicos de uma tradição particular. A tensão entre o espaço neutro e o espaço ritualizado é, portanto, um dos principais contributos críticos desta investigação, a neutralidade, quando não apoiada por uma linguagem arquitetónica intencional, resulta em espaços pobres, mas quando pensada com rigor, pode tornar-se num meio poderoso de hospitalidade e inclusão.

A análise comparativa revelou que a neutralidade arquitetónica, frequentemente associada à ausência de símbolos religiosos, não significa ausência de sagrado. Pelo contrário, a espiritualidade manifesta-se através da luz, do silêncio e da proporção, elementos que transcendem qualquer ritual específico. Assim, a arquitetura *multifaith* encontra o seu fundamento não na negação do sagrado, mas na reconfiguração da experiência espiritual como espaço comum de introspeção.

5.3. A questão do enraizamento cultural

Outro ponto recorrente na fundamentação teórica foi a relação entre espaço sagrado e contexto cultural, isto é, o modo como as práticas espirituais se materializam de forma situada, refletindo as identidades, tradições e paisagens que as originam. A análise histórica desenvolvida no Capítulo III demonstrou que as arquiteturas judaica, islâmica e católica não se podem compreender fora da sua ancoragem territorial e simbólica: a orientação, os materiais, a luz e a escala emergem como respostas específicas a modos de habitar o mundo.

O espaço sagrado, por conseguinte, é inseparável do seu enraizamento cultural, não apenas enquanto contexto físico, mas como sistema de significados partilhados que conferem ao espaço uma dimensão existencial. Norberg-Schulz (1980) formulou este princípio através do conceito de genius loci, o "espírito do lugar", isto é, a qualidade intrínseca que transforma o espaço em lugar e que oferece ao ser humano a possibilidade de habitar poeticamente o mundo.

> "Construir significa tomar posse de um espaço, torná-lo um lugar, identificando-o com um personagem, ou génio. Quando a arquitetura ignora esse *genius loci*, produz espaços anónimos, carentes de identidade e incapazes de sustentar um significado existencial" (Norberg-Schulz, 1980, p. 5).

A perda deste enraizamento é particularmente visível nos espaços *multifaith* contemporâneos, que tendem a ser concebidos segundo paradigmas globalizados, baseados em estéticas minimalistas e linguagens universais. Embora esta estratégia procure promover a neutralidade e a inclusão, resulta frequentemente em arquiteturas descontextualizadas, indiferentes ao clima, à geografia ou às tradições simbólicas locais. Estes espaços "sem lugar" (Augé, 1995) refletem a condição da modernidade tardia: ambientes intercambiáveis, onde o anonimato substitui a pertença e a homogeneização cultural apaga as especificidades espirituais.

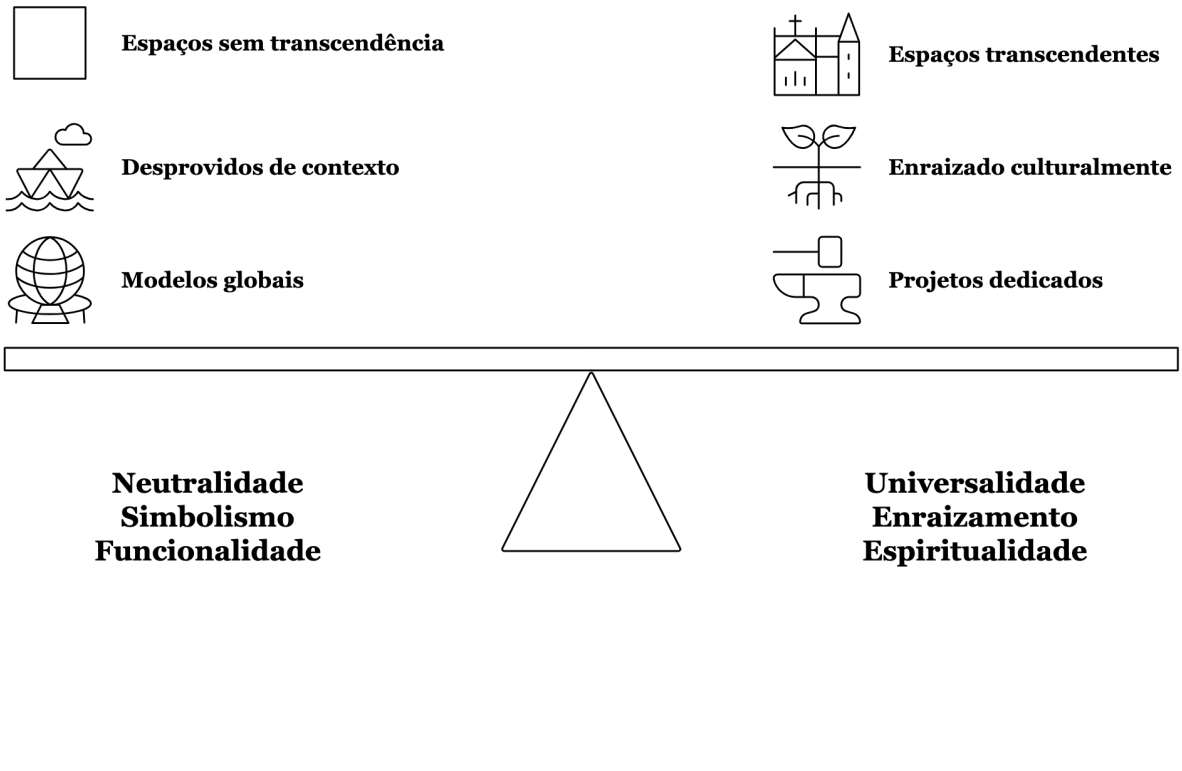
No entanto, o verdadeiro desafio da arquitetura *multifaith* contemporânea não é eliminar o contexto, mas reinterpretá-lo. O genius loci pode ser entendido não como uma herança estática, mas como uma força dinâmica que permite atualizar as identidades culturais à luz de novas realidades sociais e espirituais. Neste sentido, a arquitetura *multifaith* tem o potencial de funcionar como mediadora entre tradição e contemporaneidade, reconectando o espaço espiritual às suas raízes sem o aprisionar em formas históricas. Em Portugal, esta questão assume uma relevância particular. A identidade cultural do território é marcada pela sobreposição de matrizes religiosas , católica, judaica e islâmica, que deixaram vestígios profundos na paisagem e no imaginário coletivo.

Os espaços *multifaith* atuais, como a sala do Aeroporto de Lisboa, raramente refletem essa herança. São espaços concebidos segundo modelos genéricos, desligados da memória espiritual do país e da sua pluralidade identitária. Esta dissociação entre o lugar e a espiritualidade reduz o potencial do espaço arquitetónico como instrumento de mediação cultural. Como sublinha Ricoeur (2000), o ser humano precisa de se reconhecer no lugar que habita para nele encontrar sentido —

“habitar é reinterpretar o mundo através da memória”. Assim, um espaço espiritual que ignora a cultura local corre o risco de se tornar indiferente, incapaz de gerar vínculo ou transcendência. Por outro lado, a recuperação crítica do enraizamento não deve ser confundida com um regresso ao passado.

A arquitetura espiritual contemporânea pode, e deve, reelaborar os símbolos da tradição, reinterpretando-os à luz das necessidades atuais. Materiais locais, geometrias simples e relações sensíveis com a luz e a paisagem podem constituir estratégias de reterritorialização simbólica, que permitem às comunidades reconhecer-se nos espaços que habitam, sem comprometer o caráter inclusivo do *multifaith*. Deste modo, o *genius loci* pode ser entendido como um princípio ético e projetual, que orienta o arquiteto na criação de lugares espirituais com sentido. Um espaço *multifaith* enraizado culturalmente não significa um retorno a identidades fechadas, mas antes uma celebração da diversidade na continuidade do território. Em última instância, reconhecer o lugar é reconhecer o outro, e essa é talvez a dimensão mais profunda da espiritualidade arquitetónica.

Figura 119 - Dilemas da conceção de espaços *multifaith*



Made with Napkin

5.4. Implicações para a prática arquitetónica contemporânea

A partir da articulação entre teoria e prática, é possível afirmar que a arquitetura *multifaith* não pode ser pensada apenas como resposta técnica à diversidade religiosa. Ela é, antes de mais, um desafio cultural e espiritual, que obriga o arquiteto a lidar com tensões fundamentais: tradição e inovação, identidade e universalidade, neutralidade e simbolismo. Para o contexto português, a carência de espaços *multifaith* projetados conscientemente revela não só um atraso em relação ao debate internacional, mas também uma oportunidade. Portugal, enquanto país de forte tradição católica, mas cada vez mais plural, pode constituir-se como um laboratório privilegiado para o desenho de lugares de encontro espiritual que respeitem a memória histórica sem ignorar as exigências do presente.

A correlação entre teoria e casos de estudo evidencia três dilemas fundamentais. Fernández-Galiano (2000) descreve esse impasse entre tradição e modernidade como um "conflito energético":

> "A arquitetura religiosa contemporânea oscila entre a inércia do tradicional e a inovação radical do moderno. Nessa oscilação, corre o risco de se perder a energia que a torna socialmente necessária e espiritualmente significativa" (Fernández-Galiano, 2000, p. 113).

A tabela comparativa presente neste subcapítulo sintetiza as principais correlações entre os dilemas teóricos identificados na fundamentação e as soluções arquitetónicas observadas nos estudo de caso. Este cruzamento constitui um instrumento de leitura crítica que permite compreender como cada obra aborda, de modo singular, as tensões inerentes à arquitetura espiritual contemporânea, entre universalidade e identidade, entre função e transcendência, entre tradição e inovação. Mais do que um simples exercício de sistematização, esta comparação evidencia a dimensão fenomenológica e concetual subjacente a cada proposta, permitindo observar como os arquitetos lidam com o desafio de representar o invisível, de traduzir o espiritual em matéria e luz. Cada projeto torna-se assim uma resposta particular a questões universais, revelando diferentes modos de interpretar a experiência do sagrado no mundo contemporâneo.

No conjunto, a tabela evidencia que as arquiteturas espirituais contemporâneas oscilam entre duas forças estruturantes: o impulso de universalização, que procura a neutralidade, inclusão, flexibilidade e a necessidade de significação que exige contexto, materialidade e densidade simbólica. Nenhum dos estudos de caso resolve plenamente essa tensão. É precisamente nesse intervalo de ambiguidade que reside a riqueza do fenómeno estudado: a consciência de que a espiritualidade, mais do que ser representada, é vivida através do espaço. Assim, a leitura comparativa não pretende hierarquizar soluções, mas revelar as estratégias projetuais que permitem que o espaço se torne veículo de sentido.

A análise comparativa revelou que os espaços espirituais contemporâneos partilham preocupações comuns: a criação de atmosferas contemplativas, a valorização da simplicidade formal e o compromisso com a inclusão simbólica. Estes aspetos, interpretados à luz da fundamentação teórica, demonstram que a arquitetura pode desempenhar um papel ativo na promoção do diálogo intercultural e inter-religioso. Assim, o capítulo seguinte apresenta as considerações finais, sintetizando os contributos, limitações e perspetivas futuras da investigação, e reafirmando o papel da arquitetura como mediadora entre espiritualidade, cultura e sociedade.



Figura 120 - Espaço de contemplação e introspecção

Dilemas Teóricos	MIT Chapel – Eero Saarinen (1955)	Igreja de Santa Maria – Álvaro Siza Vieira (1996)	Brandeis Chapels – Max Abramovitz (1955)
Neutralidade vs. Sacralidade	Concilia neutralidade formal com sacralidade luminosa; a luz zenital cria transcendência sem símbolos religiosos.	Forte sacralidade católica através da luz e proporção; não é neutra, mas revela a dimensão fenomenológica do sagrado.	Mantém uma sacralidade contida, expressa pela simetria e serenidade espacial, sem iconografia religiosa explícita.
Universalidade vs. Identidade	Universal e aberto, sem referência denominacional, mas evocando espiritualidade pela forma circular e pela água.	Identidade católica reinterpretada em linguagem moderna e despojada; mantém um caráter devocional específico.	Capela ecuménica universitária, destinada a múltiplas fés cristãs, representando universalidade dentro de um quadro institucional.
Minimalismo vs. Simbolismo	Minimalismo expressivo — a luz e a materialidade tornam-se o símbolo.	Minimalismo fenomenológico; simbolismo contido nas proporções e na luz natural.	Minimalismo racional; a simetria e a ordem substituem o ornamento.
Introspeção vs. Convivência	Espaço de recolhimento individual, centrado na meditação e silêncio.	Experiência individual de recolhimento, mas também comunitária durante a liturgia.	Espaço para oração pessoal e cerimonial coletiva, equilibrando ambas as dimensões.

Abrahamic Family House – Adjaye Associates (2023)	The Class of 1959 Chapel – Moshe Safdie (1992)	Sala Multifaith, Aeroporto de Lisboa (2019)
Afirma a coexistência de três tradições (judaica, cristã e islâmica) em volumes separados mas unificados; propõe neutralidade através da coexistência.	Neutralidade espacial e material, mas com centralidade simbólica; o vazio e a transparência funcionam como metáforas espirituais.	Neutralidade total, desprovida de iconografia; o espaço serve a diversidade de crenças sem representar nenhuma.
Manifesta fisicamente o diálogo inter-religioso, mas preserva a identidade de cada tradição; equilíbrio entre unidade e diferença.	Expressa espiritualidade universal, associada ao contexto académico; ausência de símbolos permite inclusão.	Espaço neutro e flexível, representando universalidade plena e ausência de identidade religiosa definida.
Simbolismo arquitetónico explícito nas três capelas; cada fé tem linguagem formal distinta mas integrada.	Minimalismo poético, com ênfase no espaço e na luz; o simbolismo é implícito.	Minimalismo funcional, quase técnico, reduzido ao essencial; simbolismo ausente.
Espaço de convivência e diálogo entre fés, promovendo coexistência e compreensão mútua.	Espaço contemplativo e silencioso, voltado à introspeção; ocasionalmente usado coletivamente.	Espaço funcional e coletivo, voltado à convivência espiritual de curta duração (trânsito).



CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. Síntese de contributo para o conhecimento

Encerrando o percurso investigativo, este capítulo reúne as principais conclusões decorrentes da investigação, articulando os resultados empíricos com os objetivos inicialmente propostos. A partir da análise teórica e dos estudos de caso, são identificados contributos significativos para a conceção de espaços de culto *multifaith*, traduzidos num quadro de diretrizes práticas que visam orientar futuras abordagens projetuais. Este capítulo final reflete ainda sobre as implicações do estudo no contexto português e internacional, sublinhando a relevância social, cultural e espiritual da arquitetura enquanto linguagem universal de encontro e fraternidade.

A presente investigação constitui-se como uma resposta à escassez de estudos académicos sobre os espaços de culto *multifaith*, propondo-se a articular arquitetura, espiritualidade e multiculturalidade numa perspetiva integrada. No decurso da pesquisa verificou-se que, apesar da crescente diversidade religiosa nas sociedades contemporâneas, a literatura científica ainda se encontra muito centrada nas tradições monorreligiosas, sobretudo no contexto católico e islâmico, o que deixa em aberto um vazio crítico sobre como conceber arquiteturas de acolhimento universal.

Assim, um dos contributos centrais desta dissertação reside precisamente no esforço de sistematizar conhecimento disperso e de o reinterpretar à luz da necessidade contemporânea de espaços de introspeção comuns.

Do ponto de vista científico, a dissertação reforça a pertinência de pensar a arquitetura não apenas como prática técnica, mas como mediadora cultural e espiritual. Demonstrou-se que elementos aparentemente objetivos (como orientação espacial, materialidade, luz, escala ou ornamentação) não são neutros, mas carregam significados que moldam a experiência dos fiéis. Ao relacionar estas dimensões tangíveis com a esfera intangível da espiritualidade, o trabalho acrescenta uma camada hermenêutica importante ao debate disciplinar, permitindo compreender a arquitetura enquanto linguagem capaz de traduzir valores universais como paz, acolhimento e transcendência. Por outro lado, no plano social e cultural, a investigação destaca a função da arquitetura *multifaith* como instrumento de coesão em sociedades marcadas pela pluralidade. Os estudos de caso analisados (quer os de matriz monorreligiosa, quer os de caráter inter-religioso e *multifaith)* revelaram que o espaço sagrado não pode ser reduzido a formas ou estilos, mas deve ser entendido como um ecossistema simbólico que acolhe diferenças sem as dissolver. Esse contributo teórico é particularmente relevante para o contexto português, onde a forte tradição católica ainda condiciona o reconhecimento da diversidade religiosa no espaço construído.

Finalmente, no plano disciplinar, este trabalho abre caminho para a constituição de um corpus teórico mais sólido acerca dos espaços *multifaith*, oferecendo parâmetros de análise que podem ser replicados em futuras investigações. A sistematização em categorias (localização, disposição formal, orientação, tratamento de cor, materialidade, textura, relação com a escala humana, tipologia e sistema construtivo) constitui uma grelha metodológica que, aplicada de modo comparativo, permite identificar padrões e divergências entre diferentes tradições religiosas. Este contributo metodológico é, em si, um avanço para a prática académica da arquitetura, pois proporciona instrumentos para uma leitura crítica e comparada de casos internacionais e nacionais. Assim, o contributo global desta investigação pode ser sintetizado em três dimensões:

(i) académica, ao preencher uma lacuna de conhecimento;

(ii) social, ao reconhecer o potencial da arquitetura na construção de sociedades mais inclusivas;

(iii) disciplinar, ao oferecer orientações práticas e metodológicas para a conceção de espaços de culto *multifaith*.

Estas três dimensões articulam-se de modo a evidenciar que a arquitetura espiritual, no seu horizonte contemporâneo, não é apenas construção material, mas sobretudo uma ferramenta para o diálogo intercultural e inter-religioso.

6.2. Resposta aos objetivos da dissertação

Objetivo 1 – Definir características arquitetónicas em espaços de culto de diferentes religiões, e de espaços multifaith, e identificar os seus elementos tangíveis e intangíveis

Neste ponto, a análise comparativa revelou que a materialidade, a escala, a luz, a disposição espacial e a ornamentação desempenham papéis diferenciados consoante a tradição religiosa. No entanto, verificou-se igualmente a presença de convergências, sobretudo no modo como as diferentes religiões procuram traduzir no espaço físico uma experiência de transcendência e de acolhimento. Por exemplo, a orientação do espaço em direção a pontos cardeais ou lugares sagrados, comum em mesquitas e sinagogas, encontra eco em igrejas católicas orientadas para o nascente, demonstrando que a arquitetura religiosa, embora diversificada, partilha códigos simbólicos universais. Este exercício de leitura transversal permitiu compreender que a arquitetura do sagrado não é apenas a materialização de liturgias específicas, mas constitui um campo de negociação entre tradição, identidade cultural e experiência espiritual. A identificação de elementos intangíveis (como o silêncio, a atmosfera luminosa ou a escala humanizada) revelou-se fundamental para captar o modo como a arquitetura atua como mediadora da espiritualidade.

Neste sentido, o primeiro objetivo não se esgotou numa descrição de formas ou tipologias, mas alcançou uma compreensão mais ampla da relação entre espaço e experiência, oferecendo contributos originais para o debate disciplinar.

Figura 121 - Elementos arquitetónicos tangíveis e intangíveis em espaços religiosos

	Catolicismo	Islão	Judaísmo	Multifaith
Elementos tangíveis	Altar, nave, cruz, torre sineira, capela-mor	Mihrab, minarete, minbar, tapetes, fonte de abluções	Arca Sagrada (Aron Kodesh), bimah, ner tamid, galeria	Sala neutra, mobiliário móvel, iluminação difusa, ausência de símbolos fixos
Elementos intangíveis	Centralidade da Eucaristia, silêncio contemplativo, luz simbólica	Orientação para Meca, pureza ritual, oração coletiva	Estudo da Torá, memória do Êxodo, canto litúrgico comunitário	Neutralidade espiritual, flexibilidade de usos, respeito pela diversidade

Esta tabela evidencia que os elementos arquitetónicos não são apenas funcionais, mas carregam significados espirituais. Ao reunir práticas e símbolos tão distintos num mesmo espaço, o desafio é criar uma síntese que não seja redutora nem ofensiva, mas que abra espaço à pluralidade.

Objetivo 2 – Determinar orientações para a conceção arquitetónica de espaços multifaith

A investigação demonstrou que a conceção de espaços *multifaith* não pode ser reduzida a um exercício de neutralidade formal, mas deve antes constituir-se como um processo consciente de integração entre diversidade espiritual e coerência arquitetónica. A análise dos estudos de caso revelou que estes espaços procuram encontrar um equilíbrio entre a ausência de símbolos exclusivos de uma religião e a necessidade de transmitir uma atmosfera propícia à introspeção e ao encontro coletivo. A neutralidade, nesse sentido, não se traduz na eliminação de significado, mas antes na criação de uma base comum, capaz de acolher múltiplas práticas rituais sem constrangimentos. Verificou-se, igualmente, que a flexibilidade espacial é um dos princípios mais relevantes. Projetos como o Abrahamic Family House, em Abu Dhabi, evidenciam a possibilidade de articular espaços separados para diferentes tradições religiosas com áreas comuns de encontro e diálogo, enquanto exemplos como a MIT Chapel, nos Estados Unidos, mostram que a geometria circular e a manipulação da luz permitem criar ambientes apropriáveis por diferentes práticas litúrgicas. Esta flexibilidade não se limita à disposição formal, mas estende-se também à organização funcional, garantindo que a mesma sala pode ser utilizada em momentos distintos por comunidades distintas, sem que haja conflito simbólico ou espacial. Outro aspeto recorrente é a utilização da luz natural como recurso universal de espiritualidade. Desde a tradição cristã, em que a claridade simboliza a transcendência divina, até ao Islão, onde a luz é metáfora da revelação, passando pelo Judaísmo, onde iluminar o espaço de oração é sinal de vida e esperança, a luz mostra-se como elemento de convergência. Ao privilegiar aberturas cuidadosamente orientadas, difusores e reflexos controlados, os arquitetos conseguem produzir atmosferas de introspeção que ultrapassam códigos religiosos particulares.

Também a materialidade e a escala humana surgem como princípios orientadores. A escolha de materiais simples, de textura natural e pouco ostentosos favorece a ideia de acolhimento universal, enquanto a proporção espacial próxima da escala humana garante que os utilizadores não se sentem deslocados ou intimidados. Tal como sublinhado pela fenomenologia de Merleau-Ponty (Merleau-Ponty, 2012), a experiência arquitetónica é sempre encarnada e sensorial, e a espiritualidade só pode emergir de um ambiente que seja simultaneamente envolvente e acessível ao corpo.

Por fim, a integração paisagística revelou-se um contributo essencial. Em muitos dos casos analisados, o espaço espiritual não se limita ao edifício, mas prolonga-se em jardins, pátios ou envolventes naturais, criando uma continuidade entre interior e exterior. Essa relação com a paisagem reforça o caráter contemplativo do espaço e sublinha a dimensão universal da espiritualidade, aproximando o utilizador de uma ecologia comum a todas as tradições religiosas. Em suma, o objetivo 2 foi plenamente alcançado através da sistematização destes princípios: neutralidade simbólica, flexibilidade espacial, uso universal da luz, escala humana e integração paisagística. Estes não surgem aqui como meras diretrizes abstratas, mas como orientações concretas e fundamentadas na análise crítica de casos reais e no diálogo com a teoria. A sua aplicação prática constitui, portanto, um contributo relevante para a conceção de espaços *multifaith*, fornecendo aos arquitetos e projetistas instrumentos de reflexão e ação capazes de responder à diversidade espiritual da contemporaneidade.



Figura 122 - Fenomenologia em Igreja contemporânea



Figura 123 - Fenomenologia em Mesquita contemporânea

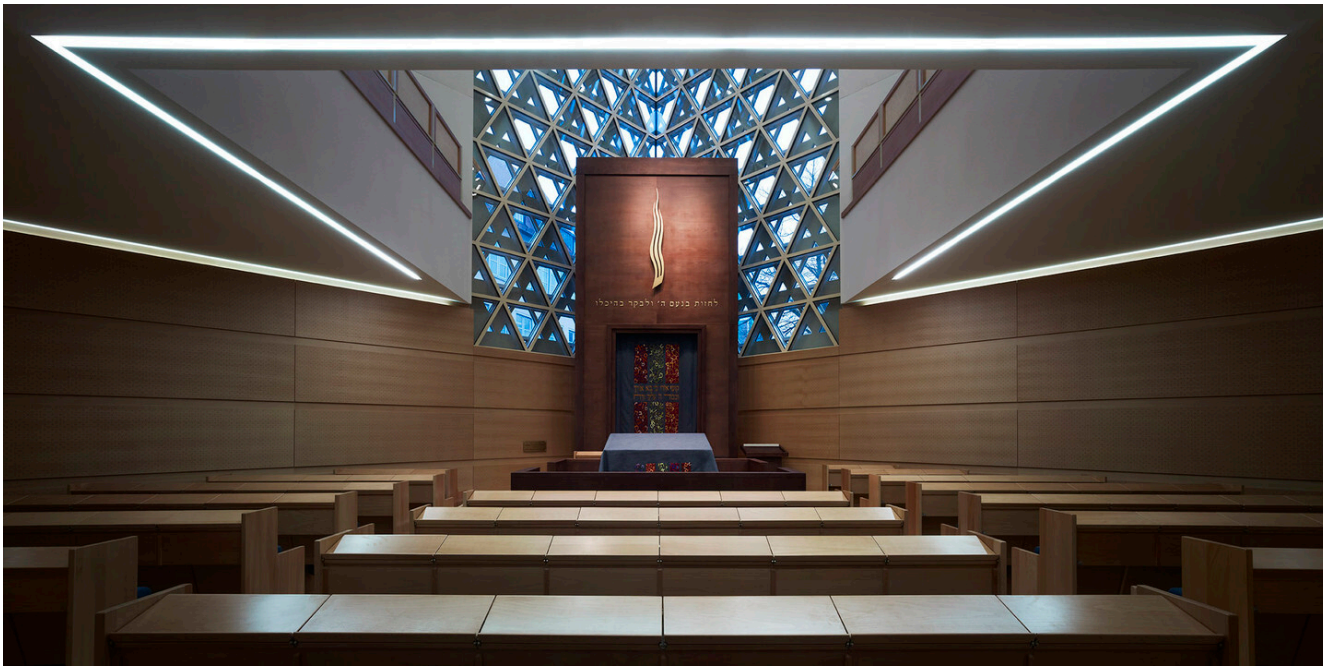


Figura 124 - Fenomenologia em Sinagoga contemporânea

Figura 125 - Matriz orientadora para conceção de espaços multifaith

Critério	Orientação arquitetónica proposta
Escala	A escala deve ser antropocêntrica e relacional, evocando proporções que favoreçam a experiência de pertença e recolhimento. O espaço deve equilibrar intimidade e comunidade, respondendo ao número de utilizadores sem perder a dimensão humana e simbólica. Inspirada em Norberg-Schulz (1980), a escala deve permitir ao indivíduo situar-se existencialmente no espaço e reconhecer-se enquanto parte de um todo espiritual.
Materialidade	A materialidade constitui uma linguagem silenciosa de espiritualidade. Materiais naturais, táteis e perenes (como pedra, madeira, argila ou betão aparente) devem expressar autenticidade e permanência, evitando excessos decorativos. A textura, a cor e a densidade material devem favorecer o contacto sensorial e reforçar o vínculo entre corpo, lugar e memória, conforme a perspetiva fenomenológica de Zumthor (2006).
Luz	A luz deve ser o principal mediador do sagrado, atuando como matéria arquitetónica que modela o espaço e define a atmosfera espiritual. A iluminação natural difusa e controlada, complementada por fontes indiretas, deve permitir uma transição gradual entre o exterior e o interior, entre o profano e o sagrado (Eliade, 1992). A luz é aqui entendida não apenas como fenómeno físico, mas como símbolo universal de transcendência.
Som | Silêncio	A dimensão acústica deve traduzir-se numa acústica de recolhimento, onde o som é filtrado e o silêncio se torna presença. O espaço espiritual multifaith deve oferecer uma paisagem sonora que convide à meditação e à pausa, assegurando isolamento do ruído exterior. A perceção auditiva é, neste contexto, parte integrante da fenomenologia do lugar (Pallasmaa, 2005).
Acessibilidade	O princípio da hospitalidade universal deve guiar o desenho de percursos, acessos e interfaces, garantindo acessibilidade plena e dignidade de uso a todas as pessoas, independentemente da idade, género, crença ou condição física. A acessibilidade é aqui entendida como dimensão ética da arquitetura *multifaith* — um reflexo do valor da igualdade espiritual.
Transição e Limiaridade	A entrada deve funcionar como zona liminar, um espaço de passagem e preparação que separa e liga simultaneamente o exterior e o interior. Estes "ante-espaços" — pátios, claustros, ou zonas de purificação — materializam o conceito de threshold, um limiar simbólico que predispõe o corpo e o espírito à introspeção. Inspirado na fenomenologia do rito e nas práticas interculturais de purificação.

Critério	Orientação arquitetónica proposta
Orientação e Forma	A forma deve emergir do diálogo entre função espiritual e contexto cultural, evitando simbolismos exclusivos. Deve privilegiar geometrias arquetípicas — o círculo, o quadrado, a espiral — como expressões universais de harmonia e equilíbrio. A orientação espacial pode responder às condições solares e às tradições locais, mas sempre sob o princípio da inclusão.
Paisagem e Enraizamento	O espaço *multifaith* deve reconhecer o *genius loci* do lugar, integrando-se topograficamente e simbolicamente na paisagem. A sua inserção deve promover continuidade entre natureza e espiritualidade, numa leitura ecológica do sagrado. O lugar torna-se, assim, mediador entre cultura e natureza, passado e presente.
Sustentabilidade e Tempo	A sustentabilidade deve ser entendida não apenas como eficiência energética, mas como dimensão ética e espiritual do projeto. A durabilidade dos materiais, o uso responsável dos recursos e a flexibilidade do espaço exprimem uma espiritualidade ecológica, consciente da finitude e da interdependência entre homem e ambiente.
Fenomenologia e Experiência	O projeto deve privilegiar uma abordagem fenomenológica, centrada na experiência sensorial e emocional do utilizador. O espaço deve ser capaz de convocar silêncio, luz, textura e escala como instrumentos de transcendência quotidiana, promovendo uma espiritualidade acessível e universal.

A matriz apresentada constitui um dos contributos centrais desta investigação, ao traduzir o percurso teórico e analítico num conjunto de diretrizes operativas para a prática arquitetónica contemporânea. Através da articulação entre fundamentos fenomenológicos, princípios simbólicos e valores éticos, esta síntese procura oferecer uma ferramenta concetual capaz de orientar a conceção de espaços *multifaith* de forma informada, crítica e sensível ao contexto. Mais do que um simples instrumento técnico, a matriz propõe uma abordagem integradora, onde as dimensões física, espiritual e social se entrelaçam no desenho do espaço. Cada critério reflete não apenas parâmetros projetuais, (como escala, luz, materialidade ou som) mas também dimensões imateriais, (como o silêncio, a transição ou o enraizamento cultural) reconhecendo que a arquitetura espiritual é, simultaneamente, corpo e alma, forma e intenção.

No caso português, onde o tema permanece incipiente, esta proposta assume particular relevância ao oferecer um referencial teórico e metodológico, capaz de apoiar futuras práticas de projeto, ensino e investigação sobre a espiritualidade no espaço construído. Assim, esta matriz não se limita a sistematizar princípios; ela materializa a ponte entre teoria e prática, propondo um novo modo de pensar e projetar o espaço sagrado no século XXI — um espaço que acolhe a diversidade, promove a introspeção e reflete uma espiritualidade comum a todos.

6.3. Reflexão crítica

Ao longo da investigação tornou-se evidente que o desafio de conceber espaços *multifaith* não se resume a uma questão técnica, abrange dimensões culturais, sociais e políticas. A ausência de exemplos consistentes em Portugal ilustra as dificuldades de implementar soluções arquitetónicas que rompam com a hegemonia de tradições religiosas históricas. Ao mesmo tempo, essa lacuna representa uma oportunidade para os arquitetos assumirem um papel ativo na promoção do diálogo inter-religioso e da coesão social. Pessoalmente, considero problemática a tendência de impor modelos arquitetónicos desligados da essência cultural do lugar, como quando se inserem mesquitas ou sinagogas em territórios quase exclusivamente católicos (ou vice-versa) sem uma reflexão profunda sobre a identidade local. Tal prática corre o risco de desvirtuar o sentido de pertença comunitária. Por isso, defendo que a arquitetura *multifaith* deve ser concebida como resposta integradora, que reconheça a pluralidade sem apagar a singularidade. A arquitetura espiritual, neste contexto, é chamada a ser não apenas espaço de culto, mas também plataforma de encontro humano.

Os resultados obtidos nesta investigação dialogam diretamente com orientações mais amplas já expressas em marcos contemporâneos do diálogo inter-religioso, como o Documento sobre a Fraternidade Humana (Francisco & Al-Tayyeb, 2019). Ao reconhecer a urgência de ambientes que promovam a paz, a fraternidade e o acolhimento entre diferentes tradições espirituais, este documento oferece um horizonte de legitimidade ética e cultural para a arquitetura *multifaith*. A sua inclusão nesta dissertação pretende, assim, evidenciar que a reflexão arquitetónica não ocorre no vazio, mas é parte integrante de uma transformação mais ampla das sociedades contemporâneas.

Este trabalho não esgota o tema, antes abre caminho para novas investigações e práticas profissionais. Pesquisas poderão aprofundar, por exemplo, o impacto da experiência multissensorial nos espaços *multifaith*, ou explorar metodologias participativas que envolvam diretamente as comunidades religiosas na conceção dos projetos. Também seria pertinente realizar levantamentos empíricos em Portugal e noutros países de tradição católica, para compreender como a sociedade acolhe e adapta estes novos lugares de espiritualidade plural. No plano profissional, espera-se que os contributos desta dissertação possam orientar arquitetos e instituições na criação de espaços espirituais mais inclusivos. Num mundo marcado pela mobilidade, pela diversidade cultural e pela fragmentação identitária, os espaços *multifaith* podem constituir-se como símbolos de hospitalidade e reconciliação, oferecendo ambientes de silêncio, de encontro e de comunhão espiritual, indispensáveis à construção de sociedades mais harmoniosas.

A presente investigação procurou compreender de que forma a arquitetura pode responder à crescente complexidade espiritual e cultural da sociedade contemporânea. Os estudo dos casos analisados revelaram que a criação de espaços *multifaith* é um exercício que ultrapassa a mera dimensão funcional ou estética: trata-se de um desafio ético, social e fenomenológico, que obriga o arquiteto a repensar as bases simbólicas e espaciais da experiência espiritual.

Esta reflexão ganha especial relevância quando transposta para o contexto português, onde o debate sobre espaços de culto partilhados permanece incipiente, limitando-se ainda a soluções improvisadas em aeroportos ou hospitais. A metodologia utilizada permitiu compreender que não existe uma única resposta arquitetónica possível para a questão da espiritualidade partilhada, mas antes uma constelação de possibilidades, cada uma moldada por diferentes equilíbrios entre tradição e contemporaneidade, simbolismo e neutralidade, universalidade e identidade local.

A Abrahamic Family House, constitui um marco paradigmático: ao reunir uma mesquita, uma igreja e uma sinagoga num mesmo complexo, o projeto ultrapassa a coexistência simbólica e propõe uma arquitetura do diálogo, onde cada tradição mantém a sua identidade, mas se reconhece na presença do outro. Este exemplo é particularmente relevante, pois para além de atual, demonstra que a inclusão não se constrói pela neutralização das diferenças, mas pela valorização da diversidade enquanto fundamento de unidade. No contexto nacional, esta perspetiva pode abrir caminho a uma nova abordagem à arquitetura espiritual. Portugal, país marcado por séculos de coexistência e tensão entre as tradições judaica, cristã e islâmica, possui um património simbólico e cultural singular que o qualifica como terreno fértil para o desenvolvimento de espaços de encontro inter-religioso. No entanto, as práticas arquitetónicas ainda refletem uma leitura predominantemente monorreligiosa do sagrado, o que reforça a necessidade de um debate interdisciplinar entre arquitetura, teologia, fenomenologia e antropologia. Tal como defende Norberg-Schulz (1980), a experiência do sagrado não pode ser dissociada do *genius loci (*do espírito do lugar) e, por isso, a conceção de espaços *multifaith* em Portugal deveria procurar ancorar-se na memória coletiva e na paisagem cultural, reinterpretando-as como matéria viva para novas formas de espiritualidade.

A reflexão crítica desta investigação aponta, assim, para uma mudança de paradigma: a arquitetura espiritual contemporânea deve ser entendida como mediadora cultural. Mais do que desenhar edifícios, trata-se de criar condições para o encontro e o reconhecimento mútuo, onde o espaço se torna instrumento de reconciliação entre o indivíduo e o coletivo, entre o material e o transcendente. A fenomenologia de Merleau-Ponty recorda-nos que a perceção é sempre uma experiência encarnada, habitar o mundo com o corpo, e nesse sentido, o espaço arquitetónico é o primeiro mediador da experiência espiritual. O corpo, ao mover-se num espaço que acolhe a diferença, torna-se ele próprio instrumento de diálogo. O contributo principal desta investigação reside na definição de orientações projetuais que permitam conceber lugares de introspeção partilhada, ancorados na sensibilidade fenomenológica e no respeito pela diversidade cultural. O caso português surge aqui como campo de oportunidade: não pela ausência de exemplos, mas pela necessidade de novas práticas, capazes de conciliar o legado religioso com os desafios de uma sociedade plural e globalizada. Assim, esta dissertação não pretende encerrar o debate, mas abrir caminhos para futuras investigações e experiências projetuais que façam da arquitetura espiritual um território de reconciliação e esperança.

Conclui-se, em síntese, que a arquitetura espiritual na contemporaneidade enfrenta um duplo desafio: preservar a profundidade simbólica dos espaços e, simultaneamente, responder à pluralidade de crenças que caracteriza a sociedade global. Os resultados alcançados evidenciam que é possível conceber espaços *multifaith* que transcendam a neutralidade estéril, oferecendo experiências ricas em significados e abertas à diversidade. Esta dissertação constitui, assim, um contributo para o avanço do debate académico e profissional sobre a arquitetura espiritual contemporânea. Mais do que propor soluções formais, procurou lançar as bases de uma reflexão crítica sobre o papel da arquitetura enquanto mediadora cultural e espiritual. Em última análise, reafirma-se a convicção de que a arquitetura, quando enraizada na experiência humana e orientada para a transcendência, pode tornar-se instrumento de paz, de diálogo e de unidade.

Referências bibliográficas

Adjaye Associates. (2023). Abrahamic Family House. Obtido em https://www.adjaye.com

Architectural Review. (2018, 14 de agosto). Typology: Multifaith space. The Architectural Review. Obtido em https://www.architectural-review.com/essays/typology/typology-multifaith

Arís, M. (1993). Las variaciones de la identidad. Ediciones Serbal.

Augé, M. (2005). Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity. Verso.

Bachelard, G. (1969). The Poetics of Space. Beacon Press.

Bachelard, G. (1958). La poétique de l'espace. Paris: Presses Universitaires de France.

Barrie, T. (2010). The sacred in-between, The mediating roles of architecture. Routledge.

Beaumont, J., & Baker, C. (2011). Postsecular cities: Space, theory and practice. Continuum.

Belting, H. (1994). Likeness and presence: A history of the image before the era of art. University of Chicago Press.

Biddington, T. (2020). Multifaith Spaces. Jessica Kingsley Publishers.

Blesser, B., & Salter, L.-R. (2007). Spaces speak, are you listening? Experiencing aural architecture. MIT Press.

Catecismo da Igreja Católica. (1992). Catecismo da Igreja Católica. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

Campo, J. E. (2009). Encyclopedia of Islam. Infobase Publishing.

Ching, F. D. K. (2011). Architecture: Form, Space, and Order (3rd ed.). Wiley.

Colquhoun, A. (2002). Modern architecture. Oxford University Press.

Crompton, A. & Hewson, C. (2016). Designing equality, Multi-faith space as social intervention, in D. Llewellyn e S. Sharma (Eds), Religion, Equalities and Inequalities (pp.77-88). Routledge.

Crompton, A. (2013). The architecture of multifaith spaces: God leaves the building. The Journal of Architecture, 18(4), 474–496.

Eliade, M. (1958). The Sacred and the Profane: The Nature of Religion. Harcourt.

Elkins, J. (2004). On the Strange Place of Religion in Contemporary Art. Routledge.

Elkins, J. (2022). The analysis of sensory architecture. Routledge.

Espaço de Arquitetura. (n.d.). Igreja de Santa Maria de Marco de Canaveses / Álvaro Siza Vieira. Obtido em: https://espacodearquitetura.com/

European Commission. (2022, 21 de junho). Portugal: New prayer room at Lisbon airport promotes religious inclusion. European Website on Integration. Obtido em https://migrant-integration.ec.europa.eu/news/portugal-new-prayer-room-lisbon-airport-promotes-religious-inclusion_en

Fernández-Galiano, L. (2000). Fire and memory: On architecture and energy. Cambridge: MIT Press.

Ferreira, A. C. (2023). Religious architecture after the Second Vatican Council: Adequacy of the celebratory space to the liturgical rite – The case of Alto Minho (Portugal). Future for Religious Heritage. Obtido em https://www.frh-europe.org/religious-architecture-after-the-second-vatican-council-adequacy-of-the-celebratory-space-to-the-liturgical-rite-the-case-of-alto-minho-portugal/

Fine, S. (2005). Jewish worship and synagogue architecture: A guide. New York: Jewish Publication Society.

Flood, F. B. (2009). The great mosque of Damascus: Studies on the makings of an Umayyad visual culture. Brill.

Fortunato, J. (2015). A arquitetura religiosa em Portugal: Da Idade Média à contemporaneidade. Lisboa: Edições Colibri.

Foucault, M. (1984). Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias. Journal Architecture / Mouvement/ Continuité.

Frampton, K. (1995). Studies in tectonic culture: The poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture. MIT Press.

Francisco, & Al-Tayyeb, A. (2019). Documento sobre a fraternidade humana pela paz mundial e a convivência comum. Abu Dhabi: Vaticano & Al-Azhar.

Grabar, O. (1973). The formation of Islamic art. Yale University Press.

Grubiak, M. A. (2014). White flight/black flight: The dynamics of racial change in an American neighborhood church. Penn State University Press.

Gomes, P. V. (2011). A arte e a liturgia: Espaços do sagrado na arquitetura portuguesa contemporânea. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Guerra, D. F. (2021). Panthéon: um templo multirreligioso na cidade do Porto. Porto.

Harvard Business School. (1992). Dedication of the Class of 1959 Chapel. Cambridge, MA: HBS Archives.

Heidegger, M. (1971). Poetry, language, thought (A. Hofstadter, Trans.). Harper & Row.

Holl, S., Pallasmaa, J., & Pérez-Gómez, A. (2006). Questions of perception: Phenomenology of architecture (2nd ed.). William Stout Publishers.

House of One Berlin. (2023). The House of One: A house for prayer and learning. Berlin: House of One Foundation.

Hudovic Kljuno, A. (2022). Importance and Use of Water in Islamic Religious Architecture.

Humphrei, C. e Vitebsky, P. (2002). Arquitetura Sagrada. Taschen GmbH.

Jalal, M. (26 de Outubro de 2022). Sir David Adjaye says Abrahamic Family House celebrates the commonality between faiths. The National.

Jencks, C. (1973). Modern movements in architecture. Penguin Books.

Jensen, R. M. (2012). Understanding early Christian art. Routledge.

Kemp, B. J. (2006). Ancient Egypt: Anatomy of a civilization. Routledge.

Kilde, J. H. (2002). When church became theatre: The transformation of evangelical architecture and worship in nineteenth-century America. New York: Oxford University Press.

Kilde, J. H. (2008). Sacred power, sacred space: An introduction to Christian architecture and liturgy. Oxford University Press.

Kornblatt, I. (1 de Junho de 2023). Newsmaker: David Adjaye Discusses Designing in the Middle East. Architectural Record.

Krautheimer, R. (1986). Early Christian and Byzantine architecture. Yale University Press.
Lewis, B. (2006). The Jews of Europe: The history of a diaspora. Thames & Hudson.

Kubler, G. (1982). Portuguese plain architecture: Between spices and diamonds, 1521–1706. Middletown, CT: Wesleyan University Press.

Mapril, J. (2014). Islam and the postcolonial condition: Lisbon and the (re)making of the Muslim presence in Portugal. Journal of Muslims in Europe, 3(2), 176–202.

Martí Arís, C. (1993). Las variaciones de la identidad. Ensayo sobre el tipo en arquitectura. Edicions UPC.

McCowan, J. (2016). Multifaith spaces: Architecture of religious diversity. The Journal of Architecture, 21(6), 855–879. Obtido em https://doi.org/10.1080/13602365.2016.1224495

Merleau-Ponty, M. (2012). Phenomenology of perception (D. A. Landes, Trans.). Routledge. (Original work published 1945)

Meyer, B. (2017). “From Imagined Communities to Aesthetic Formations: Religious Meditations, Sensational Forms, and Styles of Binding”. In Aesthetic Formations: Media, Religion, and the Senses.

Mucznik, S. (2000). Os judeus em Portugal no século XX: Identidade e memória. Lisboa: Editorial Notícias.

Modood, T. (2013). Multiculturalism: A Civic Idea. 2ª ed. Cambridge: Polity Press.

Necipoğlu, G. (1995). The Topkapı scroll: Geometry and ornament in Islamic architecture. Getty Publications.

Norberg-Schulz, C. (1979). Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Rizzoli.

Nuhaira.com. (2025). Islamic Architecture: History, Characteristics, and Heritage. Obtido em https://nuhaira.com/en/islamic-architecture-history-characteristics-and-heritage/

O Alcorão. (2004). Tradução e notas de S. Valente. Lisboa: Assírio & Alvim.

Otto, R. (1958). The idea of the holy (J. W. Harvey, Trans.). Oxford University Press. (Original publicado em 1917)

Pallasmaa, J. (2012). The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses. 3ª ed. Chichester: Wiley.

Pallasmaa, J. (2014) La imagen corpórea, Imaginación e imaginario en la arquitectura. Gustavo Gili.

Parker Pearson, M. (2012). Stonehenge: Exploring the greatest Stone Age mystery. Simon & Schuster.

Pereira, N. T. (1997). Igreja do Sagrado Coração de Jesus: Espaço litúrgico e arquitetura moderna em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pérez-Gómez, A. (2006). Built upon love: Architectural longing after ethics and aesthetics. MIT Press.

Peters, F. E. (2004). The monotheists: Jews, Christians, and Muslims in conflict and competition. Princeton University Press.

Petersen, A. (2002). Dictionary of Islamic architecture. Routledge.

Philo of Alexandria. (2002). In M. Goodman (Ed.), Judaism in the Roman world. Leiden: Brill Academic Publishers.

Pinto, P. (2023). Portugal e as religiões. A herança da diversidade. Porto editora.

Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. (2019). Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum. Abu Dhabi.

Relvas, A. (2017). A arquitetura religiosa contemporânea em Portugal: Entre a tradição e a inovação. Revista de História da Arte, 14, 55–72.

Ricœur, P. (1995). Figuring the sacred: Religion, narrative, and imagination. Minneapolis: Fortress Press.

Rossi, A. (1982). The architecture of the city (D. Ghirardo & J. Ockman, Trans.). MIT Press. (Original publicado em 1966)

Sá, I. (2009). A sinagoga Shaaré Tikvah e o judaísmo em Lisboa. Cátedra de Estudos Sefarditas, Universidade de Lisboa.

Safdie, M. (2015). Moshe Safdie: Buildings and Projects 1967–2015. Images Publishing.

Safdie, M. (19 de Fevereiro de 2023). BAC Channel with Mahesh Daas: Moshe Safdie. (M. Daas, Entrevistador)

Şakir Çakmak. (2020). The Portugal Synagogue in Light of Its History and Architecture. Istanbul University Press. Obtido em https://www.researchgate.net/publication/343463382_The_Portugal_Synagogue_In_Light_of_Its_History_and_Architecture

Saraiva, A. J. (1982). Inquisição e cristãos-novos. Porto: Porto Editora.

Sennott, R. S. (2004). Encyclopedia of 20th Century Architecture. New York: Fitzroy Dearborn.

Serafim, J. (2016). Arquitetura religiosa em Portugal: Espaços, símbolos e práticas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Shalom Portugal. (n.d.). Judaísmo em Portugal. Obtido em https://shalomportugal.com/judaismo/

Shulchan Aruch, Orach Chayim 2. (Trad. 1999). Jerusalem: Feldheim Publishers.

Siza, Á. e Mendonça, J. (2022). A Questão sobre Deus é o Não Saber Explicar. Letras e Coisas.

Smart, N. (1998). The world's religions. Cambridge University Press.

Souto, A. (2014). Arquitetura islâmica em Portugal: Heranças e influências. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Steinhauer, J. (2023). "Abrahamic Family House Opens in Abu Dhabi as a Symbol of Religious Unity." The New York Times.

Teixeira, M. C. (2001). Arquitetura e liturgia: A igreja católica e o espaço de culto em Portugal após o Concílio Vaticano II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tiesler, N. C. (2000). Muçulmanos em Portugal: História, comunidades e identidades. Celta Editora.

Torres, C. (2005). Portugal islâmico: A herança muçulmana no território português. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Tuan, Y.-F. (1977). Space and place: The perspective of experience. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Turner, V. (1969). The ritual process: Structure and anti-structure. Chicago: Aldine Publishing.

Ulrich, R. S. (1984). View through a window may influence recovery from surgery. Science, 224(4647), 420–421.

Van Gennep, A. (1960). The Rites of Passage (M. Vizedom & G. Caffee, Trans.). University of Chicago Press. (Original work published 1909)

Vertovec, S. (2007). Super-diversity and its implications. Ethnic and Racial Studies, 30(6), 1024–1054.

Vieira, Á. S. (2009). Entrevista a Álvaro Siza sobre la iglesia de Santa María en Marco de Canaveses. (F. Cobián, Entrevistador)

Wilson, E. O. (1984). Biophilia. Harvard University Press.

Wood, B. (2020). Airports as liminal spaces: Negotiating identity and faith in transient environments. Space and Culture, 23(3), 237–252. Obtido em https://doi.org/10.1177/1206331218793874

Zieve, T. (15 de Março de 2023). Interview with Sir David Adjaye, architect of Abu Dhabi's Abrahamic Family House. Jewish Insider.

Zumthor, P. (1999). Thinking Architecture. Birkhäuser.

Zumthor, P. (2006). Atmospheres : Architectural Environments. Birkhäuser.

Índice de figuras e imagens

Capa do Capítulo I - A "Escultura Aberta", feita em betão branco, também traz estátua criada pelo arquiteto português Siza Vieira que remete aos peregrinos | © Alexandre Delmar

Capa do Capítulo II - Capela Santa Maria degli Angeli no Monte Tamaro por Mario Botta | © 2025 Agenzia turistica ticinese SA, Obtido em: https://www.ticino.ch/en/commons/details/Church-Santa-Maria-degli-Angeli-Arch-Mario-Botta/14909.html

Capa do Capítulo III - Capela de Eduardo Souto Moura para 'Vatican Chapels' | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/noticias/capela-de-eduardo-souto-moura-para-vatican-chapels/

Capa do Capítulo IV - Bruder Klaus Field Chapel / Peter Zumthor, Mechernich, Germany | Obtido em: https://visuallexicon.wordpress.com/2017/10/04/viipuri-library/

Capa do Capítulo V - Capelas Imaculada e Cheia de Graça / Cerejeira Fontes Architects | © Nelson Garrido

Capa do Capítulo VI - Sigurd Sewerentz St. Marks Church | © Andy Liffner

Figura 1 - Mesopotâmia | Obtido em: https://conceitosdomundo.pt/mesopotamia/

Figura 2 - Caverna Lascaux | © Sisse Brimberg, Obtido em: https://www.nationalgeographic.pt/historia/artistas-da-idade-do-gelo_2879

Figura 3 - Stonehenge | © A. Pattenden, Obtido em: https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/07/29/cientistas-resolvem-misterio-da-origem-de-stonehenge.ghtml

Figura 4 - Santuário de Fátima | Obtido em: https://www.movingtoportugal.pt/lazer/santuario-de-nossa-senhora-de-fatima-a-historia/

Figura 5 - Mesquita de Meca | © ayazad/stock.adobe.com

Figura 6 - Sinagoga Ben Ezra Egipto | Obtido em: https://www.terrasanta.net/2011/05/al-cairo-la-sinagoga-di-ben-ezra/

Figura 7 - Espaço sagrado na Universidade Northeastern, Boston, MA, 1998. Arquiteto: Office dA. | Obtido em: https://www.centerforarchitecture.org/digital-exhibitions/exhibition/the-global-phenomenon-of-multifaith-worship-spaces/

Figura 8 - Sala multifaith no aeroporto de Heathrow Terminal 5 | Obtido em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13602365.2013.821149#d1e256

Figura 9 - Planos dos primeiros espaços sagrados partilhados na contemporaneidade; da esquerda para a direita: New York, United Nations Meditation Room, 1948; Manchester, William Hulme's Grammar School, 1964; Vienna Airport, 1988. | Obtido em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13602365.2013.821149#d1e256

Figura 10 - Templo Bahai | Obtido em: https://www.viator.com/pt-PT/tours/Santiago/Iconos-de-Santiago-Templo-Bahai-Vinedo-Cousino-Macul/d713-5249P37

Figura 11 - Igreja Hallgrímskirkja | Obtido em: https://www.pexels.com/photo/hallgrimskirkja-church-in-reykjavik-in-iceland-27182278/

Figura 12 - Catedral de São Basílio | Obtido em: https://br.gw2ru.com/viagem/227294-6-copias-da-catedral-sao-basilio-fotos

Figura 13 - Igreja de Santa Maria em Marco de Canaveses de Álvaro Siza | Obtido em: https://visit.marcodecanaveses.pt/discover/architectural-heritage/igreja-de-santa-maria

Figura 14 - Capela de Campo Bruder Klaus de Peter Zumthor | © Samuel Ludwi, Obtido em: https://www.archdaily.com.br/br/01-55975/capela-de-campo-bruder-klaus-peter-zumthor

Figura 15 - Capela da Luz de Tadao Ando | Obtido em: https://architectuul.com/architecture/church-of-the-light

Figura 16 - Neutralidade através da materialidade | Obtido em: https://www.paroquiaderamalde.pt/wrdp/espaco-liturgico-de-tres-capelas/

Figura 17 - Mesquita central de Lisboa | Obtido em: https://lifestyle.sapo.pt/saude/noticias-saude/artigos/principal-oracao-de-sexta-feira-na-mesquita-central-de-lisboa-suspensa

Figura 18 - Sinagoga Shaaré Tikva em Lisboa | © J. Vicente, Obtido em: https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/sinagoga-shaare-tikva/

Figura 19 - Sala multiconfessional em aeroporto | Obtido em: https://eldorado.aero/pt/servicios/oratorio

Figura 20 - House of One em Berlim | © KUEHN MALVEZZI (photo: Ulrich Schwarz), Obtido em: https://divisare.com/projects/210505-kuehn-malvezzi-house-of-one-berlin

Figura 21 - Seccção da House of One em Berlim | © KUEHN MALVEZZI Obtido em: https://www.world-architects.com/pt/kuehn-malvezzi-berlin/project/house-of-one-berlin

Figura 22 - Pensar o espaço de celebração | Obtido em: https://arquitetura.pddm.org.br/espaco-para-celebrar/

Figura 23 - A "reconstrução" da Antiga Basílica de São Pedro | Obtido em: https://pt.pinterest.com/pin/reconstruction-of-old-st-peters-basilica--432978951649984273/

Figura 24 - Propileu da Acrópole de Atenas | Obtido em: https://www.acropolis-tickets.com/pt/acropolis-museum/about-acropolis-museum/

Figura 25 - Nártex disposição comum de uma Igreja Românica | Obtido em: https://arquitau.wordpress.com/2016/08/24/arquitetura-romanica/

Figura 26 - Mapa do período Al-Andalus | Obtido em: https://en.wikipedia.org/wiki/Al-Andalus#/media/File-Al-Andalus732

Figura 27 - Igreja de Nossa Senhora da Anunciação em Mértola | Obtido em: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g1068892-d7225199-Reviews-Igreja_de_Nossa_Senhora_da_Anunciacao-Mertola_Beja_District_Alentejo.html

Figura 28 - Sinagoga em Tomar | Obtido em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sinagoga_de_Tomar

Figura 29 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa | Obtido em: https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/

Figura 30 - Água benta para os fiéis se aspergirem | Obtido em: https://donbosco.press/pt-pt/boa-imprensa/a-agua-benta-as-bencaos-e-os-outros-sacramentais-ainda-tem-valor/

Figura 31 - Abluções | Obtido em: https://www.flickr.com/photos/22038296@N04/3475481391

Figura 32 - Retirada do calçado | Obtido em: https://pt.dreamstime.com/muitos-sapatos-no-peru-mesquito-manavgat-turkey-november-na-entrada-da-mesquita-central-image198755806

Figura 33 - Kippá | Obtido em: https://www.spiegel.de/international/germany/german-jews-advised-against-wearing-kippah-a-1020890.html

Figura 34 - Netilat yadayim | Obtido em: https://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/4111611/jewish/Netilat-Yadayim-on-the-Road.htm

Figura 35 - Aron ha-Kodesh | Obtido em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aron_Kodesh

Figura 36 - Mezuzá | Obtido em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mezuz%C3%A1

Figura 37 - Mihrab | Obtido em: https://www.metmuseum.org/art/collection/search/449537

Figura 38 - Bimah | Obtido em: https://trc-leiden.nl/trc-needles/individual-textiles-and-textile-types/religious-vestments-and-other-textiles/bimah-cover

Figura 39 - Resumo das diferentes formas de disposição da assembleia e do centro litúrgico | Autoria própria

Figura 40 - Crucifixo | Obtido em: https://unsplash.com/pt-br/fotografias/uma-igreja-com-velas-e-um-crucifixo-no-centro-nou0D88JL0c

Figura 41 - Pia batismal | Obtido em: https://igrejasantamaria.pt/igreja/

Figura 42 - Secção esquemática de uma catedral | Obtido em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clerest%C3%B3rio

Figura 43 - Tapete de oração | Obtido em: https://www.universoarabe.com/2017/11/tapetes-de-oracao-e-sua-simbologia.html

Figura 44 - Sahn | Obtido em: https://en.wikipedia.org/wiki/Sahn

Figura 45 - Menorá | © Freepik, Obtido em: https://br.freepik.com/vetores-premium/uma-menora-de-ouro-com-as-palavras-menora_361231444.htm

Figura 46 - Luhot | Obtido em: https://herancajudaica.wordpress.com/2007/05/25/shavuot-pentecostes-a-entrega-dos-dez-mandamentos/

Figura 47 - Estrela de David | Obtido em:https://www.dicionariodesimbolos.com.br/estrela-davi/

Figura 48 - Tabela dos parâmetros adotados para a análise de estudos de caso | Autoria própria

Figura 49 - Localização | © F4map

Figura 50 - Esquisso | © Deviantart, Obtido em: https://www.deviantart.com/general-sau/art/MIT-CHAPEL-Analytical-Drawing-174498037

Figura 51 - Esquisso | © Vernelle Noel

Figura 52 - Percurso | © Jim Stephenson, Obtido em: https://www.dezeen.com/2016/07/29/jim-stephenson-photography-eero-saarinen-mit-chapel-massachusetts-usa/

Figura 53 - Volume | © Jim Stephenson, Obtido em: https://www.dezeen.com/2016/07/29/jim-stephenson-photography-eero-saarinen-mit-chapel-massachusetts-usa/

Figura 54 - Altar | © Jim Stephenson, Obtido em: https://www.dezeen.com/2016/07/29/jim-stephenson-photography-eero-saarinen-mit-chapel-massachusetts-usa/

Figura 55 - Materialidade | © Jim Stephenson, Obtido em: https://www.dezeen.com/2016/07/29/jim-stephenson-photography-eero-saarinen-mit-chapel-massachusetts-usa/

Figura 56 - Fotografia exterior | © Jim Stephenson, Obtido em: https://www.dezeen.com/2016/07/29/jim-stephenson-photography-eero-saarinen-mit-chapel-massachusetts-usa/

Figura 57 - Pormenor orgão | © Jim Stephenson, Obtido em: https://www.dezeen.com/2016/07/29/jim-stephenson-photography-eero-saarinen-mit-chapel-massachusetts-usa/

Figura 58 - Secção e planta | © Keo Williams, Obtido em: Pinterest

Figura 59 - Planta | Obtido em: https://www.archdaily.com.br/br/01-160407/classicos-da-arquitetura-capela-do-mit-slash-eero-saarinen

Figura 60 - Análise da planta | Obtido em: https://sergiobastosarquitetura.blogspot.com/2014/08/mit-chapel-em-cambridge-massachusetts.html

Figura 61 - Modelo tridimensional extrudido | © Martin Fernandez, Obtido em: https://www.martinfernandez.net/projects/mit-chapel

Figura 62 - Diagrama segundo parâmetros de análise da Capela do MIT | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 63 - Localização | © F4map

Figura 64 - Vista aérea | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 65 - Esquisso interior | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 66 - Esquisso exterior | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 67 - Entrada exterior | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 68 - Entrada interior | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 69 - Imagem interior | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 70 - Janela horizontal | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 71 - Imagem exterior | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 72 - Imagem exterior | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 73 - Secção | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 74 - Planta piso -1 | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 75 - Planta piso 0 | Obtido em: https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/

Figura 76 - Análise da planta | Autoria própria com recurso ao programa Autodesk CAD

Figura 77 - Diagrama segundo parâmetros de análise da Igreja de Santa Maria | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 78 - Localização | © F4map

Figura 79 - Capela protestante | Obtido em: https://www.dwell.com/article/architecture-tour-brandeis-modern-91a8910f

Figura 80 - Capela católica | Obtido em: https://www.dwell.com/article/architecture-tour-brandeis-modern-91a8910f

Figura 81 - Capela judaica | Obtido em: https://www.dwell.com/article/architecture-tour-brandeis-modern-91a8910f

Figura 82 - Imagem exterior | Obtido em: https://www.brandeis.edu/spiritual-life/sacred-places/index.html

Figura 83 - Esquisso | Obtido em: https://www.brandeis.edu/library/archives/essays/archives/chapels.html

Figura 84 - Imagem exterior | Obtido em: https://aia.stqry.app/en/story/21747

Figura 85 - Imagem exterior | Obtido em: https://aia.stqry.app/en/story/21747

Figura 86 - Imagem exterior | Obtido em: https://www.brandeis.edu/spiritual-life/sacred-places/index.html

Figura 87 - Diagrama segundo parâmetros de análise das Three Chapels da Brandeis University | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 88 - Localização | © F4map

Figura 89 - Altar Igreja São Francisco de Assis | © Dror Baldinger

Figura 90 - Interior Igreja São Francisco de Assis | © Dror Baldinger

Figura 91 - Pormenor arcadas Mesquita Iban Al-Tayeb | © Dror Baldinger

Figura 92 - Jardim | © Adjaye Associates

Figura 93 - Interior Sinagoga | © Dror Baldinger

Figura 94 - Igreja | © Dror Baldinger

Figura 95 - Sinagoga | © Dror Baldinger

Figura 96 - Mesquita | © Arwa Alhati

Figura 97 - Imagem do conjunto | © Adjaye Associates

Figura 98 - Planta cobertura | Obtido em: https://www.archdaily.com/1002032/abrahamic-family-house-adjaye-associates

Figura 99 - Componentes da parcela | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 100- Diagrama segundo parâmetros de análise da Abrahamic Family House | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 101 - Localização | © F4map

Figura 102 - Esquisso | © Moshe Safdie Archive, Rare Books and Special Collections, McGill University Library 2015

Figura 103 - Pormenor materialidade | © Boston's hidden sacred spaces

Figura 104 - Pormenor construtivo | © Moshe Safdie Archive, Rare Books and Special Collections, McGill University Library 2015

Figura 105 - Entrada do edifício | © Boston's hidden sacred spaces

Figura 106 - Interior do edifício | © Boston's hidden sacred spaces

Figura 107 - Imagem exterior | © Boston's hidden sacred spaces

Figura 108 - Interior do edifício | © Boston's hidden sacred spaces

Figura 109 - Interior do edifício | © Boston's hidden sacred spaces

Figura 110 - Exterior do edifício | Obtido em: https://www.safdiearchitects.com/projects/harvard-business-school-class-of-1959-chapel

Figura 111 - Secção e planta edifício | © Moshe Safdie Archive, Rare Books and Special Collections, McGill University Library 2015

Figura 112 - Diagrama segundo parâmetros de análise da The Class of 1959 Chapel | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 113 - Localização | © F4map

Figura 114 - Decoração interior | Obtido em: https://www.youtube.com/watch?v=06mBwp7vMEg

Figura 115 - Espaço de culto | Obtido em: https://www.youtube.com/watch?v=06mBwp7vMEg

Figura 116 - Espaço interior | Obtido em: https://www.youtube.com/watch?v=06mBwp7vMEg

Figura 117 - Armazenamento | Obtido em: https://www.youtube.com/watch?v=06mBwp7vMEg

Figura 118 - Diagrama segundo parâmetros de análise da Sala *Multifaith* do aeroporto de Lisboa | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 119 - Dilemas da conceção de espaços *multifaith* | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 120 - Espaço de contemplação e introspecção | Obtido em: https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Arquitetura/noticia/2018/08/11-igrejas-e-templos-religiosos-com-arquitetura-impressionante.html

Figura 121 - Elementos arquitetónicos tangíveis e intangíveis em espaços religiosos | Autoria própria com recurso ao programa Napkin

Figura 122 - Fenomenologia em Igreja contemporânea | Church of Seed, O Studio Architects. © O Studio Architects

Figura 123 - Fenomenologia em Mesquita contemporânea | Mesquita Punchbowl, Candalepas Associates. © Rory Gardiner

Figura 124 - Fenomenologia em Sinagoga contemporânea | Sinagoga Ulm, Kister Scheithauer Gross Architects And Urban Planners. © Christian Richters

Figura 125 - Matriz orientadora para conceção de espaços *multifaith* | Autoria própria

Anexos

Anexo I - Documento sobre a Fraternidade Humana

A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO
AOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS
3-5 DE FEVEREIRO DE 2019

DOCUMENTO SOBRE
A **FRATERNIDADE HUMANA**
EM PROL DA PAZ MUNDIAL E DA CONVIVÊNCIA COMUM

[Multimídia]

PREFÁCIO

A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres.

Partindo deste valor transcendente, em vários encontros dominados por uma atmosfera de fraternidade e amizade, compartilhamos as alegrias, as tristezas e os problemas do mundo contemporâneo, a nível do progresso científico e técnico, das conquistas terapêuticas, da era digital, dos *mass-media*, das comunicações; a nível da pobreza, das guerras e das aflições de tantos irmãos e irmãs em diferentes partes do mundo, por causa da corrida às armas, das injustiças sociais, da corrupção, das desigualdades, da degradação moral, do terrorismo, da discriminação, do extremismo e de muitos outros motivos.

De tais fraternas e sinceras acareações que tivemos e do encontro cheio de esperança num futuro luminoso para todos os seres humanos, nasceu a ideia deste «Documento sobre a *Fraternidade Humana*». Um documento pensado com sinceridade e seriedade para ser uma declaração conjunta de boas e leais vontades, capaz de convidar todas as pessoas, que trazem

no coração a fé em Deus e a fé na *fraternidade humana*, a unir-se e trabalhar em conjunto, de modo que tal documento se torne para as novas gerações um guia rumo à cultura do respeito mútuo, na compreensão da grande graça divina que torna irmãos todos os seres humanos.

DOCUMENTO

Em nome de Deus, que criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos, a povoar a terra e a espalhar sobre ela os valores do bem, da caridade e da paz.

Em nome da alma humana inocente que Deus proibiu de matar, afirmando que qualquer um que mate uma pessoa é como se tivesse morto toda a humanidade e quem quer que salve uma pessoa é como se tivesse salvo toda a humanidade.

Em nome dos pobres, dos miseráveis, dos necessitados e dos marginalizados, a quem Deus ordenou socorrer como um dever exigido a todos os homens e de modo particular às pessoas facultosas e abastadas.

Em nome dos órfãos, das viúvas, dos refugiados e dos exilados das suas casas e dos seus países; de todas as vítimas das guerras, das perseguições e das injustiças; dos fracos, de quantos vivem no medo, dos prisioneiros de guerra e dos torturados em qualquer parte do mundo, sem distinção alguma.

Em nome dos povos que perderam a segurança, a paz e a convivência comum, tornando-se vítimas das destruições, das ruínas e das guerras.

Em nome da «*fraternidade humana*», que abraça todos os homens, une-os e torna-os iguais.

Em nome desta *fraternidade* dilacerada pelas políticas de integralismo e divisão e pelos sistemas de lucro desmesurado e pelas tendências ideológicas odiosas, que manipulam as ações e os destinos dos homens.

Em nome da liberdade, que Deus deu a todos os seres humanos, criando-os livres e enobrecendo-os com ela.

Em nome da justiça e da misericórdia, fundamentos da prosperidade e pilares da fé.

Em nome de todas as pessoas de boa vontade, presentes em todos os cantos da terra.

3

Em nome de Deus e de tudo isto, Al-Azhar al-Sharif – com os muçulmanos do Oriente e do Ocidente - juntamente com a Igreja Católica – com os católicos do Oriente e do Ocidente – declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério.

Nós – crentes em Deus, no encontro final com Ele e no Seu Julgamento –, a partir da nossa responsabilidade religiosa e moral e através deste Documento, rogamos a nós mesmos e aos líderes do mundo inteiro, aos artífices da política internacional e da economia mundial, para se comprometer seriamente na difusão da tolerância, da convivência e da paz; para intervir, o mais breve possível, a fim de se impedir o derramamento de sangue inocente e acabar com as guerras, os conflitos, a degradação ambiental e o declínio cultural e moral que o mundo vive atualmente.

Dirigimo-nos aos intelectuais, aos filósofos, aos homens de religião, aos artistas, aos operadores dos *mass-media* e aos homens de cultura em todo o mundo, para que redescubram os valores da paz, da justiça, do bem, da beleza, da fraternidade humana e da convivência comum, para confirmar a importância destes valores como âncora de salvação para todos e procurar difundi-los por toda a parte.

Partindo duma reflexão profunda sobre a nossa realidade contemporânea, apreciando os seus êxitos e vivendo as suas dores, os seus dramas e calamidades, esta Declaração acredita firmemente que, entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas que divinizam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentes.

Nós, embora reconhecendo os passos positivos que a nossa civilização moderna tem feito nos campos da ciência, da tecnologia, da medicina, da indústria e do bem-estar, particularmente nos países desenvolvidos, ressaltamos que, juntamente com tais progressos históricos, grandes e apreciados, se verifica uma deterioração da ética, que condiciona a atividade internacional, e um enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido de responsabilidade. Tudo isto contribui para disseminar uma sensação geral de frustração, solidão e desespero, levando muitos a cair na voragem do extremismo ateu e agnóstico ou então no integralismo religioso, no extremismo e no fundamentalismo cego, arrastando assim outras pessoas a render-se a formas de dependência e autodestruição individual e coletiva.

A história afirma que o extremismo religioso e nacional e a intolerância geraram no mundo, quer no Ocidente quer no Oriente, aquilo que se poderia chamar os sinais duma «*terceira guerra mundial aos pedaços*»; sinais que, em várias partes do mundo e em diferentes condições trágicas, começaram a mostrar o seu rosto cruel; situações de que não se sabe exatamente quantas vítimas, viúvas e órfãos produziram. Além disso, existem outras áreas que se preparam a

tornar-se palco de novos conflitos, onde nascem focos de tensão e se acumulam armas e munições, numa situação mundial dominada pela incerteza, pela deceção e pelo medo do futuro e controlada por míopes interesses económicos.

Afirmamos igualmente que as graves crises políticas, a injustiça e a falta duma distribuição equitativa dos recursos naturais – dos quais beneficia apenas uma minoria de ricos, em detrimento da maioria dos povos da terra – geraram, e continuam a fazê-lo, enormes quantidades de doentes, necessitados e mortos, causando crises letais de que são vítimas vários países, não obstante as riquezas naturais e os recursos das gerações jovens que os caraterizam. A respeito de tais crises que fazem morrer à fome milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome, reina um inaceitável silêncio internacional.

A propósito, é evidente quão essencial seja a família, como núcleo fundamental da sociedade e da humanidade, para dar à luz filhos, criá-los, educá-los, proporcionar-lhes uma moral sólida e a proteção familiar. Atacar a instituição familiar, desprezando-a ou duvidando da importância de seu papel, constitui um dos males mais perigosos do nosso tempo.

Atestamos também a importância do despertar do sentido religioso e da necessidade de o reanimar nos corações das novas gerações, através duma educação sadia e da adesão aos valores morais e aos justos ensinamentos religiosos, para enfrentarem as tendências individualistas, egoístas, conflituais, o radicalismo e o extremismo cego em todas as suas formas e manifestações.

O primeiro e mais importante objetivo das religiões é o de crer em Deus, honrá-Lo e chamar todos os homens a acreditarem que este universo depende de um Deus que o governa: é o Criador que nos moldou com a Sua Sabedoria divina e nos concedeu o dom da vida para o guardarmos. Um dom que ninguém tem o direito de tirar, ameaçar ou manipular a seu bel-prazer; pelo contrário, todos devem preservar este dom da vida desde o seu início até à sua morte natural. Por isso, condenamos todas as práticas que ameaçam a vida, como os genocídios, os atos terroristas, os deslocamentos forçados, o tráfico de órgãos humanos, o aborto e a eutanásia e as políticas que apoiam tudo isto.

De igual modo declaramos – firmemente – que as religiões nunca incitam à guerra e não solicitam sentimentos de ódio, hostilidade, extremismo nem convidam à violência ou ao derramamento de sangue. Estas calamidades são fruto de desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e também das interpretações de grupos de homens de religião que abusaram – nalgumas fases da história – da influência do sentimento religioso sobre os corações dos homens para os levar à realização daquilo que não tem nada a ver com a verdade da religião, para alcançar fins políticos e económicos mundanos e míopes. Por isso, pedimos a todos que cessem de instrumentalizar as religiões para incitar ao ódio, à violência, ao extremismo e ao fanatismo cego e deixem de usar o nome de Deus para justificar atos de homicídio, de exílio, de terrorismo

e de opressão. Pedimo-lo pela nossa fé comum em Deus, que não criou os homens para ser assassinados ou lutar uns com os outros, nem para ser torturados ou humilhados na sua vida e na sua existência. Com efeito Deus, o Todo-Poderoso, não precisa de ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas.

Este Documento, de acordo com os *Documentos Internacionais* anteriores que destacaram a importância do papel das religiões na construção da paz mundial, atesta quanto segue:

• A forte convicção de que os verdadeiros ensinamentos das religiões convidam a permanecer ancorados aos valores da paz; apoiar os valores do conhecimento mútuo, da *fraternidade humana* e da convivência comum; restabelecer a sabedoria, a justiça e a caridade e despertar o sentido da religiosidade entre os jovens, para defender as novas gerações a partir do domínio do pensamento materialista, do perigo das políticas da avidez do lucro desmesurado e da indiferença baseadas na lei da força e não na força da lei.

• A liberdade é um direito de toda a pessoa: cada um goza da liberdade de credo, de pensamento, de expressão e de ação. O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos. Esta Sabedoria divina é a origem donde deriva o direito à liberdade de credo e à liberdade de ser diferente. Por isso, condena-se o facto de forçar as pessoas a aderir a uma determinada religião ou a uma certa cultura, bem como de impor um estilo de civilização que os outros não aceitam.

• A justiça baseada na misericórdia é o caminho a percorrer para se alcançar uma vida digna, a que tem direito todo o ser humano.

• O diálogo, a compreensão, a difusão da cultura da tolerância, da aceitação do outro e da convivência entre os seres humanos contribuiriam significativamente para a redução de muitos problemas económicos, sociais, políticos e ambientais que afligem grande parte do género humano.

• O diálogo entre crentes significa encontrar-se no espaço enorme dos valores espirituais, humanos e sociais comuns, e investir isto na propagação das mais altas virtudes morais que as religiões solicitam; significa também evitar as discussões inúteis.

• A proteção dos locais de culto – templos, igrejas e mesquitas – é um dever garantido pelas religiões, pelos valores humanos, pelas leis e pelas convenções internacionais. Qualquer tentativa de atacar locais de culto ou de os ameaçar através de atentados, explosões ou demolições é um desvio dos ensinamentos das religiões, bem como uma clara violação do direito internacional.

• O terrorismo execrável que ameaça a segurança das pessoas, tanto no Oriente como no

inocência e qualquer violação da sua infância.

• A proteção dos direitos dos idosos, dos vulneráveis, dos portadores de deficiência e dos oprimidos é uma exigência religiosa e social que deve ser garantida e protegida através de legislações rigorosas e da aplicação das convenções internacionais a este respeito.

Por fim, através da cooperação conjunta, a Igreja Católica e a al-Azhar anunciam e prometem levar este Documento às Autoridades, aos Líderes influentes, aos homens de religião do mundo inteiro, às organizações regionais e internacionais competentes, às organizações da sociedade civil, às instituições religiosas e aos líderes do pensamento; e empenhar-se na divulgação dos princípios desta Declaração em todos os níveis regionais e internacionais, solicitando que se traduzam em políticas, decisões, textos legislativos, programas de estudo e materiais de comunicação.

Al-Azhar e a Igreja Católica pedem que este Documento se torne objeto de pesquisa e reflexão em todas as escolas, nas universidades e nos institutos de educação e formação, a fim de contribuir para criar novas gerações que levem o bem e a paz e defendam por todo o lado o direito dos oprimidos e dos marginalizados.

Ao concluir, almejamos que esta Declaração:

seja um convite à reconciliação e à fraternidade entre todos os crentes, mais ainda, entre os crentes e os não-crentes, e entre todas as pessoas de boa vontade;

seja um apelo a toda a consciência viva, que repudia a violência aberrante e o extremismo cego; um apelo a quem ama os valores da tolerância e da fraternidade, promovidos e encorajados pelas religiões;

seja um testemunho da grandeza da fé em Deus, que une os corações divididos e eleva a alma humana;

seja um símbolo do abraço entre o Oriente e o Ocidente, entre o Norte e o Sul e entre todos aqueles que acreditam que Deus nos criou para nos conhecermos, cooperarmos entre nós e vivermos como irmãos que se amam.

Isto é o que esperamos e tentaremos realizar a fim de alcançar uma paz universal de que gozem todos os homens nesta vida.

Abu Dabhi, 4 de fevereiro de 2019.

Sua Santidade
Papa Francisco

Grão Imame de Al-Azhar
Ahmad Al-Tayyeb

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana



Universidade Portucalense Infante D. Henrique | Rua Dr. António Bernardino de Almeida, 541
4200-072 Porto | Telefone: +351 225 572 000 | email: upt@upt.pt